REVISTA DA SEMANA

N.º 39 ★ 30-9-5[illegible]
CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO:

EVOLUIU O TEATRO DE REVISTAS?

BONDES GRATIS PARA RESOLVER O PROBLEMA DO TRAFEGO

COMO ECONOMIZAR ELETRICIDADE

dentro de seu consumo máximo permitido

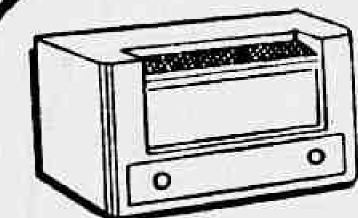


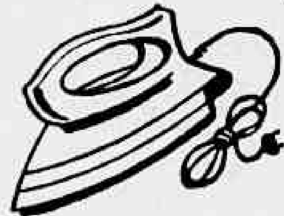
Se a Sra. vem seguindo nossos conselhos poderá controlar seu consumo de eletricidade.

NÃO SE ESQUEÇA DE QUE

Sua Enceradeira — deve ter as escovas sempre limpas, ser inspecionada periòdicamente e funcionar sòmente quando as dependências da casa estiverem prontas para o enceramento. Assim consumirá cêrca 2,4 kWh durante 8 horas de trabalho.

Sua Geladeira — deve ser descongelada semanalmente, ter sempre as portas fechadas, e, nos dias frios, o ponteiro do mostrador de contrôle mantido entre 1 e 2. Com o desligamento automático do motor, ao atingir a temperatura desejada, o aparelho consumirá cêrca de 1 kWh por dia







Seu Rádio — deve ser desligado quando a Sra. estiver conversando com visitas... quando estiver ocupada em afazêres domésticos... quando sair e quando for deitar-se... Um rádio de 5 válvulas ligado 10 horas diàriamente consumirá até 15 kWh por mês.

Seu Ferro Elétrico — deve ser ligado sòmente quando as peças a ser passadas estiverem preparadas e desligado sempre que a Sra. tiver que atender ao telefone... Um ferro elétrico trabalhando durante 2 horas consome até 1 kWh.

Suas Lâmpadas Elétricas — devem ser acêsas, ou mantidas no lustre, sòmente quando forem realmente necessárias, e devem ser apagadas sempre que a Sra. sair de uma dependência da casa para outra... 3 lâmpadas de 40 Watts cada uma, acêsas durante 100 horas por mês, consumirão cêrca de 12 kWh.

Mesmo que a Sra. possua enceradeira, geladeira, ferro elétrico e rádio, poderá usar êstes aparelhos sem ultrapassar o seu consumo máximo permitido, sem sacrifício do confôrto de seu lar, se proceder com moderação e com o devido cuidado. Afim de controlar rigorosamente os seus gastos de eletricidade, habitue-se a ler seu "relógio de luz" e aproveite para verificar também o consumo de seus aparelhos domésticos. Para informações sôbre o método de ler seu "relógio de luz", consulte o folheto impresso com as instruções que a Light já distribuiu.



ECONOMIZE ELETRICIDADE



UM VOTO SECRETÍSSIMO



ESTAMOS na antemanhã da batalha das urnas, a mais bela e construtiva de tôdas as lutas. Se tudo estiver indo bem, constitucionalmente sadio, dentro das normas do Código Eleitoral, a 3 de outubro já à vista, romperá o tiroteio cerrado por todos os Estados do Brasil e seus Territórios, para que, do bôjo das urnas saia o novo Presidente da República, o Vice, senadores, deputados e vereadores. A campanha eleitoral tem sido, até hoje, vigorosa. Mais de dez milhões de votantes já estão de posse de seus títulos, e, embora muitos não estejam obrigados, por lei, a cumprir êsse dever de cidadão, é provável que nos surpreendamos com a massa dos que vão comparecer às cabinas indevassáveis e, ali, na solidão do voto secreto, coloquem nas sobrecartas as cédulas de suas preferências.

Quem vencerá o páreo número um, ou seja, o do Catete? Não há previsão de absoluta certeza, uma vez que, com o voto secreto, ninguém sabe mesmo o que foi que o eleitor fêz: se justiça, se ato de consciência, de gratidão ou de amigo da onça...

Para os cristianistas, é o mineiro que vai triunfar; para os queremistas, é Getúlio; para udenistas, só poderá ser o Brigadeiro. Os únicos Partidos que não têm veleidades de vitória, são o Socialista Brasileiro e o Rural. Falam verdade amargamente, mas cheios de dignidade.

Quem passa pela rua Primeiro de Março, ali nas imediações do edifício dos Correios e Telégrafos, fica assombrado com as filas enormes que se derramam pelo passeio e dão voltas por umas ruas já sem nome. Que será aquilo? Fila, leitor, fila dos que vão buscar soluções para seus títulos eleitorais. Nos postos e sedes partidárias, há sempre um movimento surpreendente, com as multidões a descer e a subir escadas, a pedir material de propaganda e cédulas completas para a cabala, de acôrdo com a lei. O dia 3 de outubro está mais empolgante do que aquêle fatídico 16 de Julho, quando perdemos o campeonato mundial de futebol por 2x1..

Se outro fôsse o resultado, estaríamos votando em Ademir para senador, enquanto os uruguaios já prometiam muito maior prêmio ao seu invencível Obdúlio Varela — a cadeira da Presidência da República do seu país. Mas Ademir não póde ser apresentado senador pelo Distrito, nem Flávio Costa, pára o Catete. Coisas da vida. Para a política, os políticos; para o futebol, os dedicados esteios do "association".

Desta forma, podemos ver pregados por tôda a capital federal, centenas de fotografias, menos as de jogadores de futebol. Foi um mal? Foi um bem? Isso é com os sociólogos... O que não se pode negar é que o dia das eleições está agitando milhões de brasileiros. Todos querem exercer o direito de cidadania e eleger os seus candidatos. A luta é árdua. As filas de agora, de caráter preparatório vão converter-se em filas de eleição, espalhadas por todos os pontos do Distrito Federal, justamente quando, pelo país inteiro, milhares de outras estarão formadas na direção das urnas.

E' uma festa, êsse dia. Festa da consciência patriótica, festa da disciplina partidária, festa nacional. Mas, como tôdas as festas, os que vão para ela e dela voltam, nem sempre trazem a fisionomia feliz. Muitos retornarão decepcionados, desiludidos, com ares de quem não viu um sonho realizado. Caras de constrangimento, de quem perde oportunidades e uma passagem para a glória... Mas política é isso mesmo. E ficou muito mais séria com a instituição do voto secreto. No Rio, estará sempre bem amparado quem dispuser de "paróquias"... Sabem lá o que é isso! A paróquia é coisa muito séria. Antigamente era uma fôrça para os curas de aldeia; agora é uma potência eleitoral para os que desejam "sacrificar-se" no serviço da Pátria.

O regime do voto secreto, porém, ainda está muito mal compreendido por certas camadas populares. Especialmente lá pelos sertões de Minas, do Nordeste, de Goiás. Vejam o que sucedeu, em 1945, numa cidadezinha do interior de Alagoas: um agricultor foi "trabalhado" para dar seu voto a determinado cidadão cujo programa de progresso era um dos mais vastos. Ao conseguir a palavra de honra, de como era nêle que o humilde matuto ia depositar sua cédula na urna, recomendou-lhe insistentemente, que não confiasse em ninguém, e, quando fôsse votar, o fizesse com a maior cautela, não permitindo a ninguém ver ou mexer nas suas cédulas. Os inimigos do regime estavam ali por perto e até mesmo na sessão eleitoral. O voto era secreto, e sòmente êles dois, — candidato e eleitor — podiam ver as cédulas. O modesto roceiro assim fêz. Chamado a cumprir o dever, encaminhou-se para a cabine e ali ficou um minuto, dois, cinco... O juiz, desconfiando, mandou um guarda ver o que se passava. Mas o homem já vinha de volta, e não foi depositar o envelope na urna. Chamado a explicar-se, disse em voz baixa, cochichando ao ouvido do presidente da mesa: — "Eu escondi o voto num lugar que ninguém vai descobrir!". — E saiu ufano, a rir de superioridade, um raio de luz nos olhos...

Voto secreto, não há dúvida. Secretíssimo!

RENATO DE ALENCAR



REVISTA DA SEMANA
ANO LI ★ Nº 39 ★ 30-9-50

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado. Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street. New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A MORTE DE CARLOS GOMES



A 16 de setembro de 1896, morria na cidade de Belém do Pará, aquêle que foi o maior gênio musical das Américas, Antônio Carlos Gomes, paulista da cidade de Campinas. Não vimos em nossa imprensa, uma só referência ao dia do falecimento do imortal brasileiro. Não há dúvida: "Les morts vont vite"!... A educação do povo é função do Estado. Temos um Ministério da Educação e Saúde; possúi o Brasil vastíssima rêde de organizações educacionais, escolas primárias, profissionais, secundárias, técnicas, superiores. Mas, ao que parece, em tais centros de cultura mental nada se procura fazer, ou muito pouco, em favor da educação cívico-patriótica das massas. Não basta que batamos palmas quando desfilam nossas tropas pelas avenidaas asfaltadas; nem que nos orgulhemos da altura dos nossos arranha-céus; nem do alcance dos nossos canhões nas fortalezas inexpugnáveis. A vida de uma nação é, acima de tudo, de natureza espiritual. Nossos maiores gênios, na música, nas ciências, na literatura, nas artes, no magistério, devem merecer lugares de grande destaque como símbolos de amor à pátria, personagens que se sacrificaram pelo progresso mental e espiritual do Brasil, dentro e fora do país. Carlos Gomes, por exemplo, não pode ficar assim relegado a esquecimentos indesculpáveis sempre que passar a data de sua morte. Alma privilegiada pelo destino para ser o maior dos nossos maestros na divina arte da música, desde muito cedo, ainda uma criança em sua terra natal, foi um torturado da sua paixão pelas harmonias. Para estudar, teve que fugir de Campinas para o Rio, e, embora erguido nos andores da fama, foi um sacrificado. E até hoje, uma vítima de nossa incultura.

O DIA DA ÁRVORE



Marca o nosso calendário cívico, a data de 21 de setembro como o dia consagrado à árvore. Todos os anos, nas escolas do país, professores e professoras dirigem a palavra aos alunos exaltando a árvore. São discursos cheios de poesia, de sentimento, de emoções. E' possível que muitos alunos declamem versos imortais como os daquele soneto de Augusto dos Anjos, na defesa de uma árvore amiga a quem o "machado bronco" derrubou sem piedade. No Rio, êste ano, segundo anunciaram, o sr. Ministro da Agricultura comparecerá ao Jardim Botânico e falará na solenidade promovida pelo Conselho Florestal Federal, nas comemorações do "Dia da Árvere". Com efeito, o Brasil tem o seu nome vindo de uma árvore, foi colonizado em virtude do comércio clandestino dessa mesma árvore, sem o que ninguém saberia dizer hoje o que teria acontecido entre o Brasil e a Côrte Portuguêsa. O "pau brasil", o "ibirapitanga" dos indígenas, ou o "caesalpines" arrevesado de Lamark, qualquer que seja o nome, científico, popular ou selvagem com que o batisemos, o certo é que o nosso "Dia da Árvore" tem como símbolo o "Pau Brasil". E' êle a nossa árvore sagrada, a "Acaiaca" dos índios de Diamantina, a velha Tijuco, forrada de ouro e pedras preciosas. E' a árvore sagrada de Deborah a pré-dizer o futuro nos cimos de Efraim. Mas, já que todos vão exaltar as árvores, lembrem-se de que por todo êste Brasil que já conhece o "pau brasil", milhões de metros cúbicos de árvores são queimados e reduzidos a cinza, enquanto as quedas dágua servem apenas para contemplações líricas...

DEMOCRACIA A TIROS



Estamos diante de acontecimentos curiosos em matéria eleitoral. Ao saírmos da ditadura, regime que anulou no espírito dos brasileiros o conceito de democracia com a sua grande arma, — o voto — realizamos uma eleição geral dentro de grandes demonstrações democráticas, sem que se verificassem os crimes que estão sendo vistos e conhecidos nas campanhas de hoje. Não deixa de haver certa razão quando se diz que os políticos brasileiros, espalhados e divididos em tantos partidos, deviam ter compreendido melhor o pensamento do presidente da República, quando procurou, desde aquêle célebre encontro de Petrópolis com o governador Milton Campos, estabelecer um "modus operandi" que trouxesse ao país uma competição nas urnas, mas sem os riscos de convulsões como o que vemos agora. Verdade é que a democracia vive dêsses embates; mas, infelizmente, a paixão político-partidária entre os brasileiros ainda é superior e mais forte do que o de democracia. Daí o paradoxo, de só exercermos êsse direito de nações livres, à custa de bala. Vejam o que ocorre em vários Estados da União. Não passam de demonstrações locais, restritas a determinados municípios, mas aqui mesmo na Capital Federal e em municípios circunvizinhos, êsses fatos deprimentes se repetem, numa demonstração de que ainda estamos muito afastados dos verdadeiros processos democráticos de fazer política partidária. O fato mais estranho ocorrido em tôrno de tais episódios, foi aquêle de Uberaba, quando é assassinado a tiros o Prefeito, por pessoa da própria coligação PSP-PTB...

O CARNAVAL DAS ELEIÇÕES



..Êste ano, a propaganda eleitoral dos candidatos a postos no executivo e no legislativo, caracterizou-se por uma nova modalidade na conquista de votos: as músicas de caráter carnavalesco. Muitas delas até sambinhas e marchinhas dos famosos tempos de Momo. Mas sucede que, nas proximidades e vizinhanças de escritórios eleitorais, funcionam casas de ensino, cursos técnicos, colégios, etc., que exigem silêncio suficiente à meditação e ao estudo. Contra êsses estabelecimentos de cultura e instrução os alto-falantes da propaganda eleitoral gritavam suas marchas a todo pano, como se o povo fôsse surdo... Há, segundo nos parece, disposições municipais proibindo tais barulhos nas ruas; mas, como se trata de uma época privilegiada, — a das propagandas eleitorais — foi concedida grande tolerância para êsses excessos, a fim de que não se dissesse que o poder público estava cerceando a liberdade. Mas, sucede que, nem sempre, há apenas um dêsses alto-falantes e sim, muitos, cada um defendendo o seu candidato, em duelos ensurdecedores. Enquanto um grita nomes, outro irradia sambas, seguindo-se a resposta do terceiro pôsto, com marchinhas estridentes, cantadas por vozes femininas, com letras que nada têm a ver com eleições... Por êsse motivo, houve reclamações e o Tribunal Regional do Rio de Janeiro oficiou ao Prefeito, solicitando que aquela autoridade, proíba tais músicas, pois "propaganda eleitoral nada tem a ver com carnaval"...

A PERSONAGEM DA SEMANA

A carreira política do sr. Ademar de Barros tem sido marcada por uma série ininterrupta de sustos. Elevado às culminâncias dos Campos Elíseos pela ditadura, êsse homem se viu em apertos dramáticos até ser demitido, tendo-se tornado os Elíseos — sinônimo de paraíso, — verdadeiro inferno... Mas, Ademar de Barros adquiriu gôsto pela política e decidiu não mais sair dela. Disputando o govêrno constitucional de São Paulo, tantos foram os sustos por que passou durante a campanha, que, ao sentar-se na cadeira governamental, voou para a Bahia e foi cumprir promessa que fizera ao Senhor do Bonfim... Sua gestão, daí por diante, foi pontilhada por outros sustos. Começou com o projeto de lei do "Impeachment", até transbordar com ameaças insistentes de franca intervenção em São Paulo, denúncias graves, chamados à responsabilidade pelos tribunais, tudo naquela marcha de sustos em que vivem as pessoas que se habituaram a fazer da política um jôgo e do jôgo um esteio da política. Passadas as amargas horas da campanha da vice-governança, eis que surge o caso da vice-presidência com o sr. Café Filho na berlinda. O sr. Ademar de Barros, certo de que o sr. Getúlio



Governador Ademar de Barros

Vargas não oporia qualquer resistência ao Café, pois, em 1930, a Aliança Liberal contara com a preciosa rubiácea como o seu general mais eficiente, no parecer de João Neves, escolheu o político riograndense do norte para companheiro de chapa do ex-ditador. Mas, o nome do deputado Café Filho trouxe ao espírito do governador de São Paulo, sustos pavorosos. Mal acabava de sair dos mesmos, vêm a público os sustos de sua candidatura ao Senado Federal nas eleições de 3 de outubro! Baseado numa consulta feita, em maio, ao TSE, sôbre se estava obrigada a desincompatibilizar-se para pleitear uma cadeira de senador pelo Distrito Federal, foi-lhe dito que não. E tudo ia bem, quando o governador de São Paulo passou por êste susto, o maior de todos da série: seu registro no Tribunal Regional Eleitoral fora impugnado! Não se pode descrever a sensação do episódio que repercutiu por todo o país. Impetrou mandado de segurança ao TSE, para desistir no dia seguinte... Ao escrevermos estas linhas o momentoso caso continua em julgamento no TSE. Depois dêsse, pode o sr. Ademar de Barros, que é médico e não escreveu sôbre citologia, escrever uma obra sôbre **sustologia**...



UM BONDE NO RIO! — E' o «bonde-lesma», na classificação pitoresca de Malba-Tahan, vagaroso, sempre cheio de pingentes. E onde é que esse senhor de branco vai pendurar-se? — Mas o tráfego no Rio está de amargar. Vejam a tragédia para tomar-se um ônibus, mesmo os de 40 sentados e 140 em pé. Quando a senhora da bolsa passou o ponto, completo!

Bondes grátis para resolver o problema do tráfego

É A SUGESTÃO DE MALBA TAHAN, QUE FAZ UM PARÊNTESIS NA SUA LITERATURA DE FICÇÃO, PARA ENFRENTAR A REALIDADE DO TRANSPORTE DIFÍCIL ★ MAIS TARDE, TREM-DE-SUBÚRBIO E BARCA-DE-NITERÓI TAMBÉM "DE GRAÇA" ★ IMPOSTO SÔBRE AUTOMÓVEIS, ARTIGOS DE LUXO E PRÊMIOS DE LOTERIA ★ TUDO TÃO SIMPLES, TÃO FÁCIL !

Texto de JOÃO ALVARENGA — Fotos de ARNALDO VIEIRA

TODOS os problemas surgem, vivem o seu «climax» e acabam passando, mais ou menos resolvidos. Até o das eleições. Só um permanece cada dia mais angustioso, desafiando a inteligência do homem, e sem reais possibilidades de ser definitivamente solucionado — o problema do congestionamento de trânsito na Capital da República.

Sem reais possibilidades? Não é bem assim. Há quem tenha sugestões próprias, quem estude a questão, e, teòricamente, ao menos, esteja com ela passada para o ról das coisas sumárias e resolvidas. Um encontro com Malba Tahan permitiu que o ouvíssemos a respeito. Eis o que nos falou:

INSPIRA-ME a certeza de que existe, para o problema do Tráfego no Rio de Janeiro, uma solução simples, prática, altamente econômica e que atende aos interêsses do povo. Em poucas palavras direi o seguinte:

O angustiante problema do tráfego será solucionado, ao menos temporàriamente, uma vez que o Govêrno resolva tornar o *bonde de graça*.

Dirão os incrédulos ou pessimistas que a minha sugestão é absurda e disparatada. Laboram em grave êrro aquêles que assim julgarem. Nada mais simples do que tornar realidade, em nossos dias, essa pseudo-utopia o "bonde-de-graça".

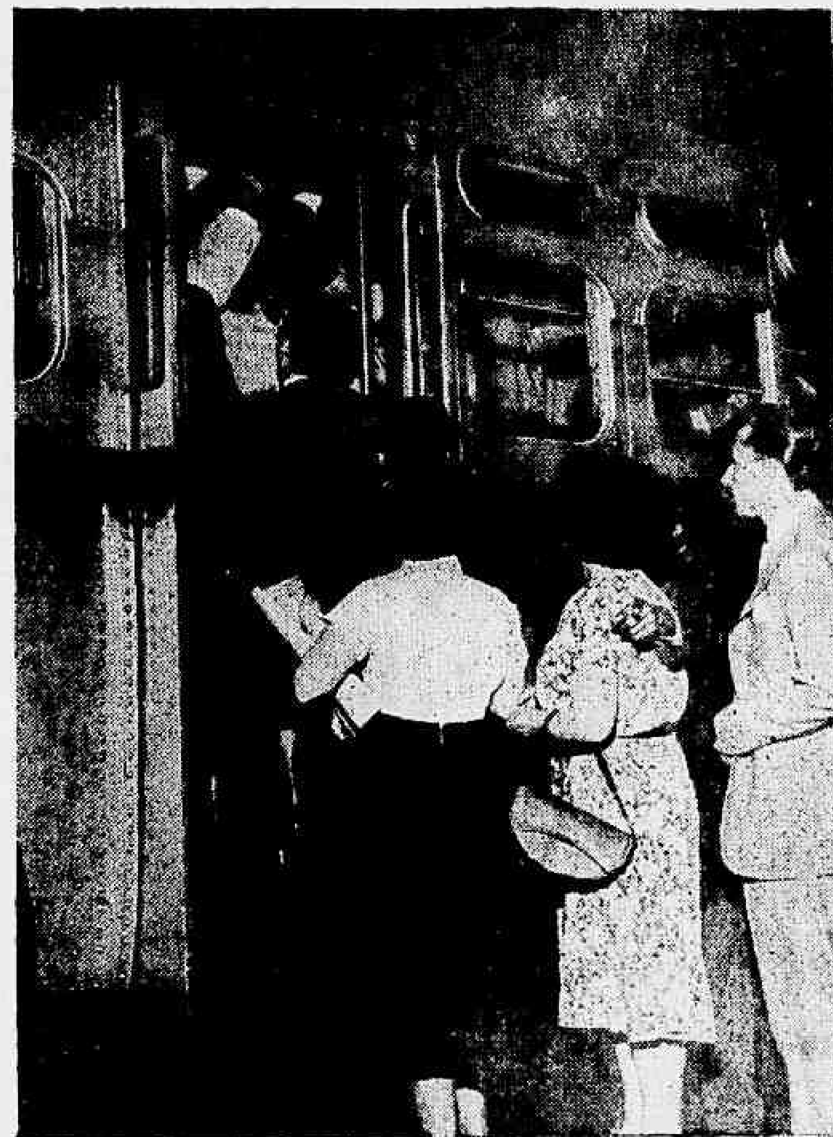
A Light, que atualmente mantém o serviço de bondes em nossa Capital, fará seus cálculos, apreciará as suas possibilidades, pesará cuidadosamente tôdas as suas despesas (material, pessoal, juros etc.), e dirá ao Govêrno: — "O serviço dos bondes, para o povo carioca, custa *x*".

Tomando por base a informação da Companhia Canadense que fará o Govèrno? Criará um novo impôsto — o impôsto do bonde — e com os recursos dêsse impôsto custeará todo o serviço de bondes. O bonde passará a ser do Estado, ou melhor, o bonde ficará *socializado*. O serviço de bondes deverá ser entregue ao govêrno dentro de poucos anos. Trata-se, portanto, de uma forma de antecipar essa entrega.

— E que tem o bonde-de-graça com o tráfego?

— Muita coisa. Serão notáveis, para o tráfego, as consequências benéficas do bonde-de-graça. Vejamos:

O bonde, atualmente, veículo obsoleto e detestável, entrava e atrapalha o trânsito nas ruas. E isso por quê? Porque anda irritantemente devagar. Viajar de bonde — num *"bonde-lesma"* — é um verdadeiro suplício. E o bonde-lesma é, assim, vagaroso por que? Porque se andasse depressa o condutor não teria tempo de efetuar a cobrança das passagens. Óra, para que o condutor realize a sua pesadíssima, ingrata e "acrobática" tarefa de receber os níqueis, fazer trôco, alertar passageiros, discutir com os impertinentes caronas etc., etc., o motorneiro (que é sempre *solidário* com o



condutor) "amarra", isto é, faz rolar o carro com uma lentidão inervante. Em muitos casos o condutor deixa o veículo, salta por momentos sôbre o plano horizontal, e vai até a esquina em busca dos centávos que o passageiro afoito ou distraído deixou de en-



E O TRÔCO! que maçada! O condutor tem que ir, por vezes, receber os 40 centavos fóra do balaustre, atrasando o carro.

tregar. E' uma verdadeira cobrança no corpo-a-corpo. E enquanto o condutor recebe, em terra, os níqueis dêste e daquêle o bonde espera. Tôdo mundo espera. Para que o condutor lute no "corpo-a-corpo" pára tudo. Os carros buzinam impacientes; a rua fica atravancada; os "gostosões" avançam entre o meio-fio e o bonde, esmagando os incautos e atropelando os colegiais.

Ora, se o bonde fôsse de graça nada disso aconteceria. Ao deixar o ponto o bonde de graça (o antigo bonde-lesma) sairia "embalado" e, nessa marcha "embalada", iria até o próximo poste de parada.

O bonde, não sendo mais vagaroso e lerdo (como é atualmente), não atrapalharia o trânsito, não perturbaria a marcha dos outros veículos. O bonde andaria, em pleno dia, como anda atualmente nas primeiras horas da madrugada. Você já viajou num bonde, de horário livre, em que não há cobranças para fazer? E' uma coisa deliciosa. O "bicho" corre que é uma beleza. Corre mais (e com mais segurança) do que um caminhão da Aeronáutica pela ponte do Galeão. Anda mais depressa do que um "gipe" da Prefeitura pela Avenida Brasil. E' uma delícia!

— E isso trará consequências sérias para o trânsito?

— Claro que sim. O bonde-de-graça será um veículo cômodo e rápido. A diferença de tempo entre certa viagem de bonde e a mesma viagem de ônibus será insignificante. E, nêsse caso, é pouco provável que o cidadão cauteloso e inteligente que dispõe do bonde-de-graça prefira, por uma questão de cinco ou dez minutos, pagar dois ou três cruzeiros de ônibus. Uma grande parte da população que evita o bonde-lesma, o bonde-lentidão, o bonde-irritante, passará a viajar ùnicamente no bonde-de-graça. E' de graça e anda depressa. Oitava ou nona maravilha do mundo.

— Mas nêsse caso os bondes andarão atulhados. Não haverá lugar para ninguém.

— Engana-se. O bonde-lesma anda superlotado; o bonde-de-graça passará a trafegar com muita folga em relação à sua capacidade de transpôrte. Posso garantir o seguinte: No bonde lesma, em certas horas, o passageiro não encontra, mesmo pagando e arriscando a vida, lugar no estribo; no bonde-de-graça, nas ocasiões de maior movimento, haverá lugares vazios até nos bancos.

— Perdão. Essa sua afirmação parece inteiramente paradoxal. Quem poderá admitir que no bonde-de-graça, preferido, em pêso, pela população haja lugar para todo mundo, coisa que não acontece hoje no "bonde-lesma" pago e bem pago?

A minha afirmação, como você disse, pode parecer, realmente, paradoxal, mas é de uma lógica límpida e irrespondível. Vejamos. Porque anda o bonde lesma nas horas de intenso movimento superlotado? Porque a Light não usa os reboques. E não usa os reboques por falta de pessoal, por displicência, por economia. No caso do bonde-de-graça a coisa muda inteiramente de figura. Cada bonde só terá um condutor. O bonde-de-graça poderá trazer dois ou três reboques sem acréscimo algum de despesa com o pessoal. Acrescidos obrigatòriamente dos infalíveis reboques os bondes oferecerão ao público (duas vêzes maior) uma capacidade de transporte três vêzes maior. Conclusão: No bonde-lesma falta lugar, no bonde-de-graça haverá lugares de sobra. Muitos homens que se ocupam, atualmente, no *serviço de fiscalização* (suprimido por inútil) serão aproveitados como condutores.

— E qual será a função do condutor no bonde-de-graça?

— Reduzidíssima. Caberá ao condutor: Fiscalizar o embarque e desembarque de passageiros; dar ao motorneiro, logo que julgue oportuno, o sinal de partida; fornecer informações que forem solicitadas; impedir depredações nos carros; impedir que indivíduos deseducados ou displicentes viagem nos estribos.

— No bonde-de-graça não será permitido viajar no estribo?

— E' evidente. A Polícia será levada a tomar tal providência. Para que viajar no estribo, incomodando outros passageiros e sacrificando a estética do veículo, quando há lugares vazios em cinco ou seis bancos? No bonde-lesma vêmos, diàriamente, vinte marmanjos e trinta cafajéstes agarrados ao baluastre, atrapalhando as acrobacias do pobre condutor. E viajam assim por gôsto (mau gôsto, aliás), pois nos bancos, muitas vêzes, há dezenas de lugares vazios.

— Pelo que vêjo, adotado o regime do bonde-de-graça os ônibus ficarão vazios?

Engana-se. Os ônibus continuarão a rodar lotados. O espetáculo deprimente dos ônibus super-lotados o carioca não verá mais. É, realmente, um suplício viajar de pé num "ônibus-compressôr". Cada passageiro que entra (seja gôrdo ou magro) faz aumentar o índice de compressão. Nas horas de maior movimento o desditoso passageiro que viaja de pé num ônibus super-lotado é torturado por êsse novo suplício: a compressão estática! Em cada polegada quadrada da superfície de seu corpo recebe o infeliz uma compressão de duas ou três toneladas. É de surpreender que não se verifiquem diàriamente, nas horas de compressão máxima, fraturas e esmagamentos, em ônibus da Tijuca, Ipanema e Grajaú.

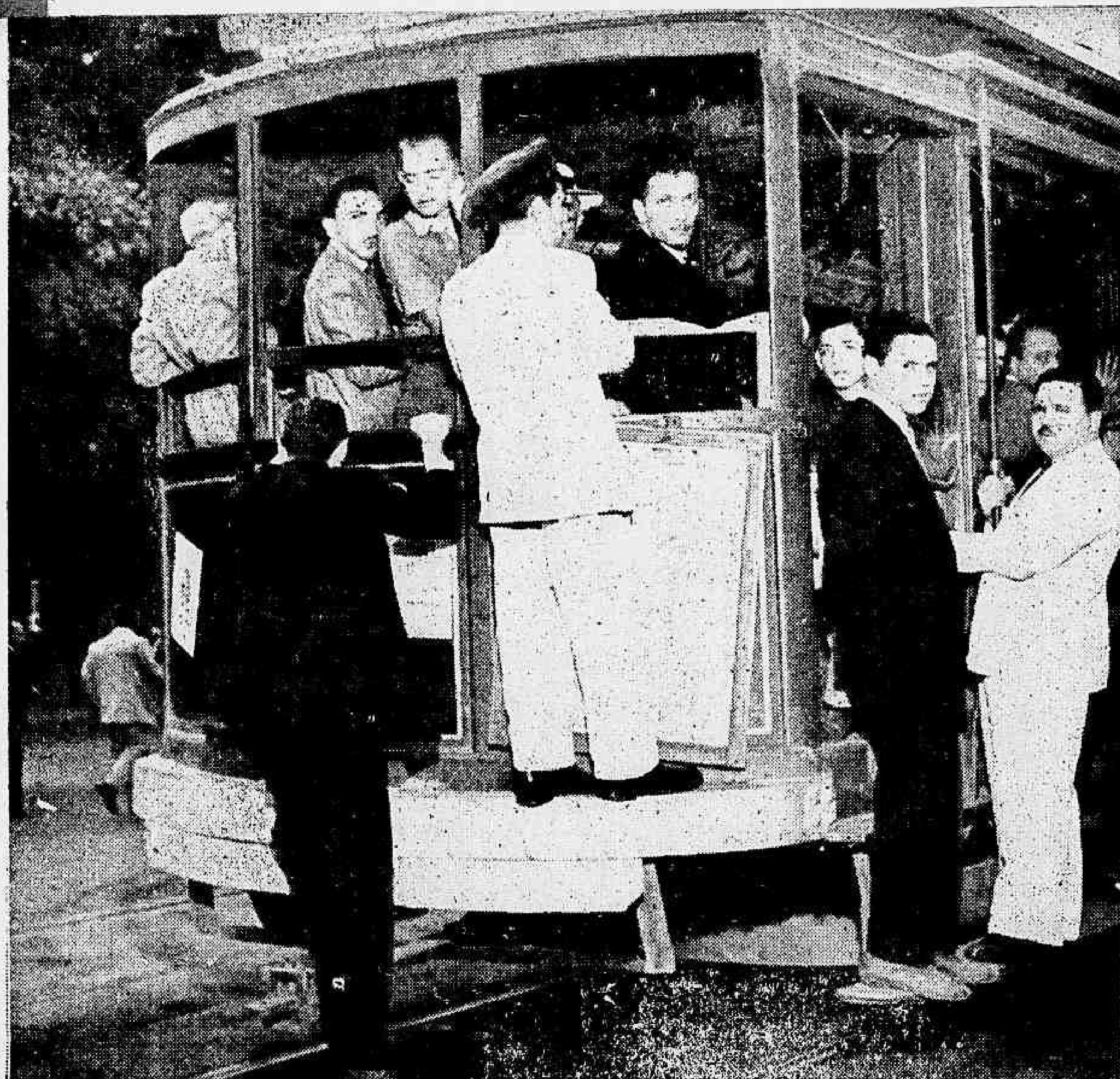
— As emprêsas de ônibus não terão prejuízo com o sistema do bonde-de-graça?

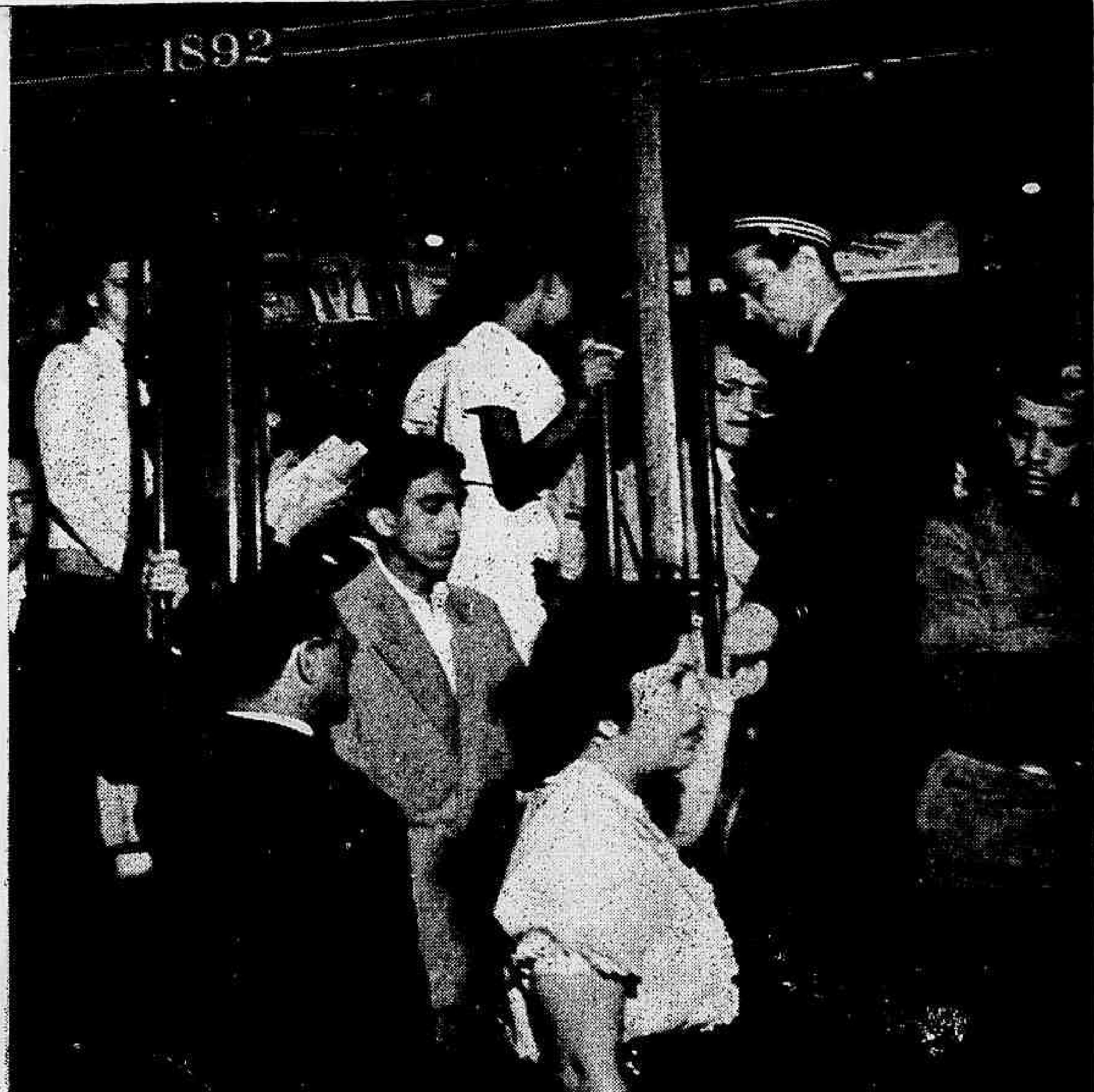
— De forma alguma. Os ônibus, como já disse, continuarão lotados. O "ônibus-compressôr" é que desaparecerá, só poderá, talvez, circular nos dias de carnaval. Muita gente que viaja de ônibus voltará, é claro, a viajar ùnicamente de bonde. O ônibus, por isso, passará a oferecer maior confôrto. Veja agora

ISTO AQUI é um rebóque desses de quatro passageiros em cada banco. Há lugares vazios, mas muita gente gosta de ficar tomando ares no estribo. E' hora folgada... Na outra foto, já a batalha é dura. O condutor tem que fazer acrobacias terriveis pulando como macaco de galho em galho, repetindo o «faz favor!» que alguns, mais humoristas, dizem: «faz calor!»









O BONDINHO DE HU...TA, como vemos na tabuleta trazeira, já vai cheio; mas o carioca não tem outro jeito senão ocupar-lhe os «batentes» trazeiros. HU...TA é HUMAITA. Uma batalha... A passageira não tinha trocado e teve que ficar à espera de que o condutor a despachasse. Tem pressa; mas... que fazer? O remédio é mesmo o «bonde de graça», como sugere Malba-Tahan





LAPA-PRAÇA DA BANDEIRA é um bonde que dá mais voltas por este Rio do que a vida de um vendedor a prestação. O motorneiro desta fotografia está esperando que o condutor dê o sinal. O bonde anda, mas, logo adiante, há fiscais por todos os postes, e, além dos fiscais, os inspetores e despachantes, cada qual a pedir contas ao condutor que se vê apertadíssimo.

o reverso do caso: Muita gente que hoje corre ânsiosa para a fila do auto-lotação dará preferência ao ônibus que é mais econômico e muito mais seguro.

— O motorista do auto-lotação ficará, nêsse caso, arruinado? Não terá mais freguezia?

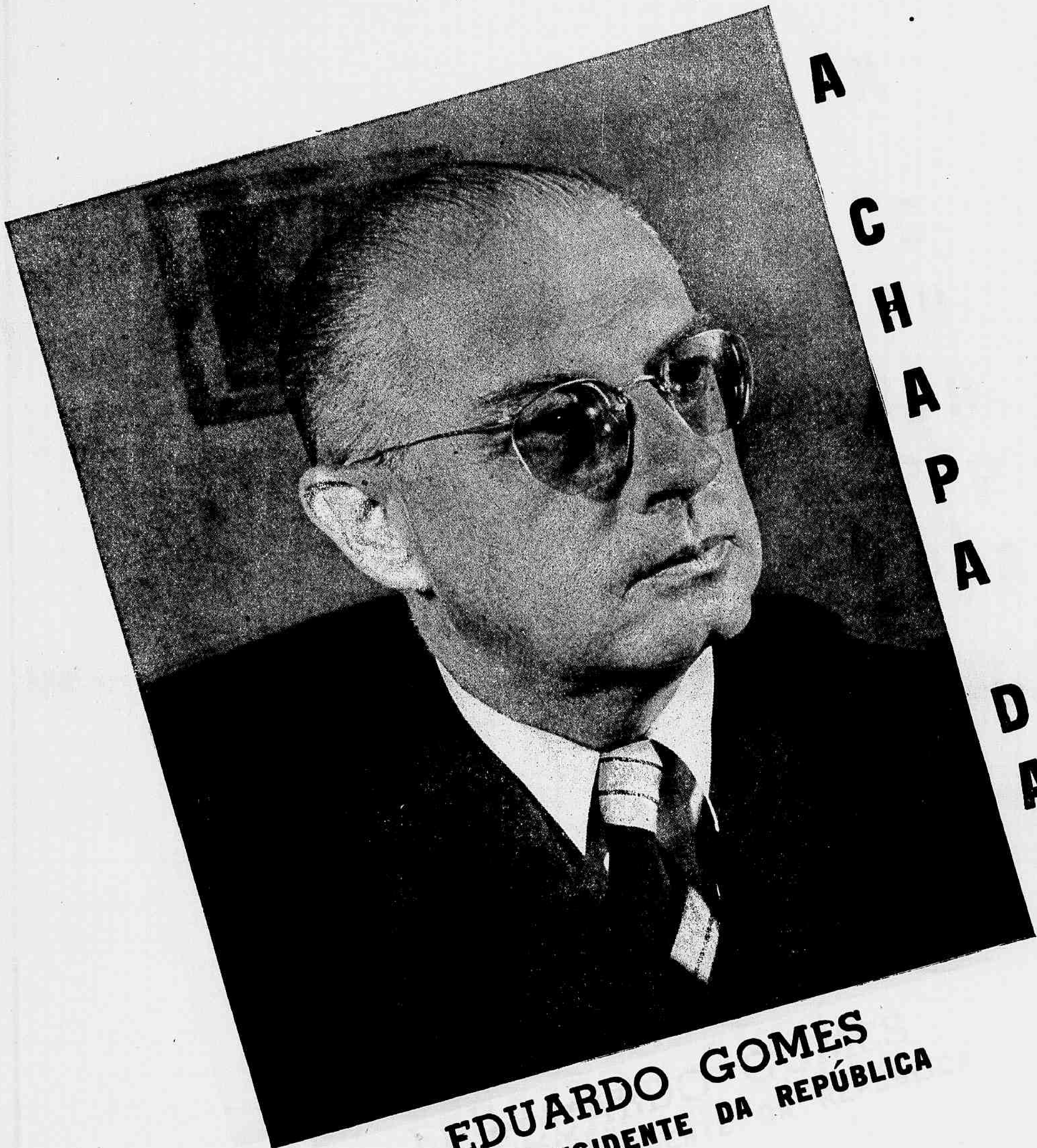
— E' bem provável que a freguezia do auto-lotação aumente em vez de diminuir. O salário do motorista aumentará com certeza. Eis que nos defrontamos com novo paradoxo. Enunciemos em termos bem claros. Adotado o sistema do bonde-de-graça, os passageiros, como já provei, deixarão o auto-lotação e correrão para o ônibus. Essa deserção não prejudicará, em nada, o motorista do auto-lotação. Ao contrário, virá beneficiá-lo. E' fácil explicar. Conheço muitos cavalheiros que só vão para a cidade em seus carros particulares porque detestam tomar de assalto o auto-lotação, ou sofrer a tortura estática da "fila" incerta e precária. Realmente. E' mais simples, mais econômico, mais cômodo ir para o trabalho de auto-lotação e voltar de auto-lotação do que ir no "Mercury" particular sujeito a mil e um aborrecimentos e vinte mil preocupações. Logo que o auto-lotação tornar-se mais humano (sem "filas") e mais acessível (sem assaltos, lutas e imprecações), os donos de carros deixarão os seus "Pontiacs" na garage e irão sem demora para o ponto do auto-lotação. Na certeza de que o transporte por meio de auto-lotação é fácil e rápido a Inspetoria do Trânsito será cem vêzes mais severa em relação ao estacionamento de carros nas ruas centrais. Logo que a regulamentação "severa" dêsse estacionamento deixar de ser uma farça ridícula (como é hoje) e passar para o terreno da realidade, os senhores proprietários de carros de luxo saberão sacrificar uma pequenina parcela de sua comodidade em benefício da coletividade. Êsses senhores, deixarão, como disse, os seus "possantes" na garage e irão para o escritório em modesto auto-lotação. No regime do bonde-de-graça impõe-se uma elevação no prêço do auto-lotação. Com efeito. O cidadão que dispõe do bonde-de-graça, que pode viajar no ônibus rápido e econômico, só procurará normalmente o auto-lotação por uma questão de confôrto e de luxo. E' justo que êsse cidadão exigente e granfino pague um pouco mais por êsse confôrto e por êsse luxo. Exemplifiquemos. Uma passagem do Castelo até o Jóquei Clube custa, atualmente, a insignificância de cinco cruzeiros. Êsse prêço poderá ter um aumento de cem por cento. O motorista terá, assim, um bom acréscimo de salário, pois receberá futuramente por uma única viagem o que ganha atualmente em duas fatigantes corridas! Conclusão: Os carros particulares deixarão de atulhar as ruas centrais da cidade e o motorista do auto-lotação terá maior freguezia e melhor salário.

— Pelo que penso o bonde-de-graça será uma novidade?

— Creio que não. Posso apontar no Canadá uma cidade que adota, há muito tempo, o bonde-de-graça. Refiro-me, salvo engano, à cidade de Montreal. No Brasil não foi criado ainda o bonde-de-graça, mas existe o ônibus de graça, o automóvel de graça, o gipe de graça. Os militares, por exemplo, que servem em determinados corpos dispões de ônibus-de-graça. Os ministros e diretores, como ninguém ignora, usam os seus Cadillacs-de-graça. O bonde-de-graça nada tem de absurdo; nada tem de fantasia. O serviço de bonde, como já disse, passará a ser pago pelo povo. A importância necessária ao custeio do bonde-de-graça será obtida por meio de um impôsto especial.

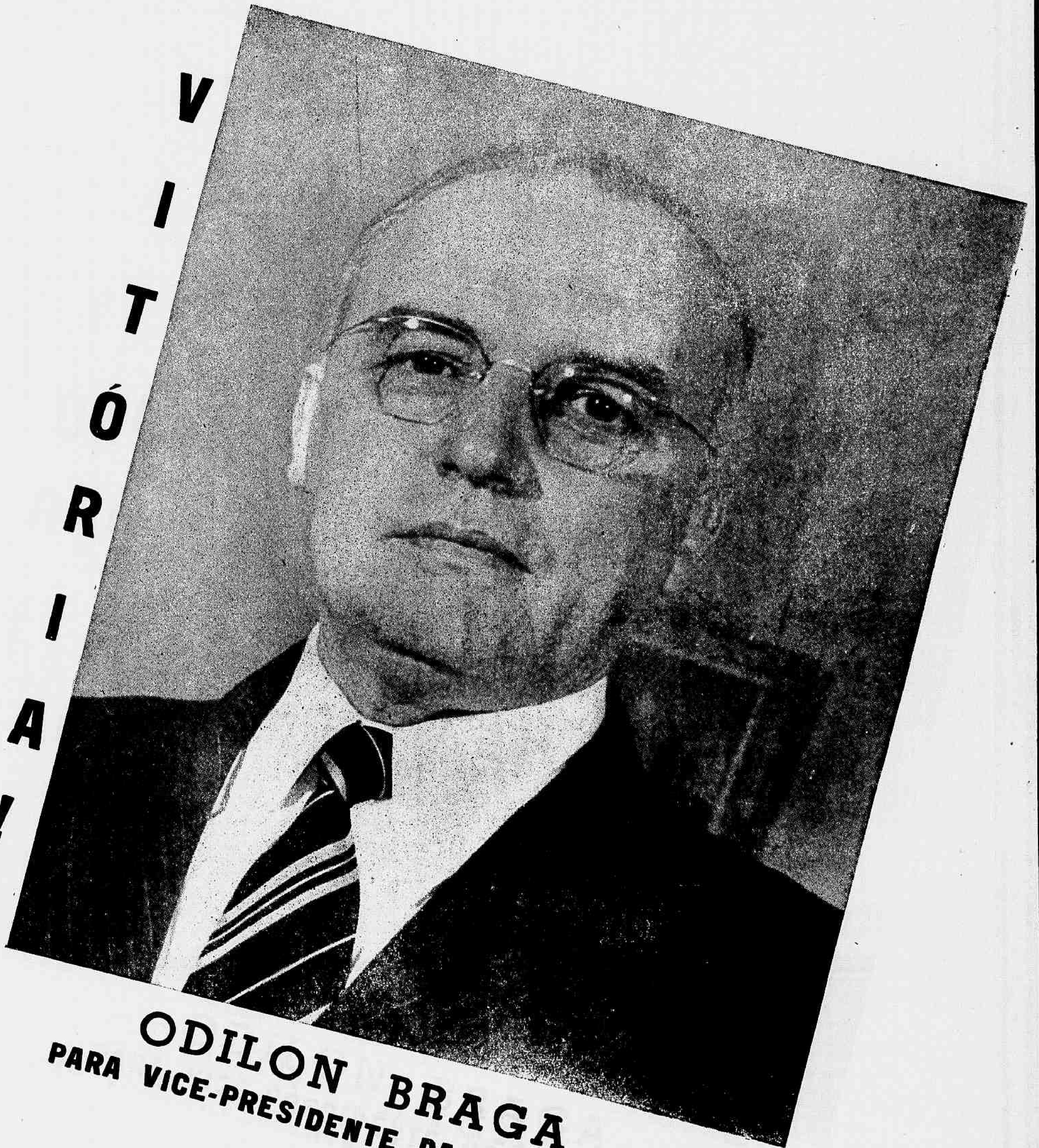
(Cont. na pág. 16.

ELEITOR: DÁ O TEU VOTO,



ÊSTES HOMENS ASSEGURARÃO PARA O BRASIL UMA ÉPOCA DE MORALIDADE

EM TRÊS DE OUTUBRO, A



ADMINISTRATIVA, DE PROGRESSO, DE PAZ, DE LIBERDADE E DE JUSTIÇA

VIDA NOVA!





NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 A QUAL MULHER FAMOSA CHOPIN DEDICOU IMENSA PAIXAO

— Mme. Roland?
— Lucile-Aurore Dupin?
— Sarah Bernhardt?

2 QUAL DENTRE ÊSTES POVOS O PRIMEIRO QUE MAIS DESENVOLVEU O INTERCÂMBIO COMERCIAL:

— Os fenicios?
— Os árabes?
— Os egipcios?

3 QUAL O NOME INDÍGENA DA CAPITAL DA CORÉIA DO SUL:

— Seoul?
— Keijo?
— Ki-Wan?

4 PELOS ÚLTIMOS DADOS, QUANTOS HABITANTES HÁ NA CORÉIA:

— Cêrca de vinte-e-três milhões?
— Dez milhões e quinhentos mil?
— Quarenta milhões?

5 QUAIS OS CABELOS DO CORPO HUMANO QUE NÃO FICAM BRANCOS COM A IDADE DO INDIVIDUO:

— Os das pestanas?
— Os das sobrancelhas?
— Os das falanges?

6 QUE NOME SE DÁ À PARALISAÇÃO DOS MÚSCULOS DOS OLHOS:

— Oftalmia?
— Hemiplegia?
— Oftalmoplegia?

7 QUAL O CIENTISTA QUE DEU O NOME DE "CAESALPINEA-ECHINATA" AO PAU-BRASIL:

— Linneu?
— Lamarck?
— Humboldt?

8 QUAL O NAVEGADOR PORTUGUÊS QUE CONSEGUIU, PELA PRIMEIRA VEZ, DOBRAR O CABO DA BOA-ESPERANÇA:

— Bartolomeu Dias?
— Vasco da Gama?
— Pedro Álvares Cabral?

9 DE ONDE VIERAM PARA O BRASIL OS PRIMEIROS "OLHOS DE CANA" DO QUE RESULTOU A INDÚSTRIA AÇUCAREIRA:

— Da Arábia?
— De Veneza?
— Da Ilha da Madeira?

10 EM QUE PARTE DO LITORAL BRASILEIRO FOI INICIADA A CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR:

— Em Pernambuco?
— No Estado do Rio?
— Em S. Vicente?

11 EM QUE ANO PORTUGAL PASSOU PARA O DOMINIO ESPANHOL:

— 1520?
— 1680?
— 1580?

12 QUE QUER DIZER, "GUERRA DE SECESSÃO":

— Luta civil?
— Guerra separatista?
— Expulsão de estrangeiros?

13 QUAL O SÉCULO QUE SE CARACTERIZOU PELOS MAIORES ACONTECIMENTOS DE REFORMAS E MODIFICAÇÕES:

— O XIII?
— O XVI?
— O XIX?

14 QUAL ERA A MAIOR POTÊNCIA DO MUNDO NO SÉCULO XVI:

— A Holanda?
— Portugal?
— Espanha?

15 COM QUE NAÇÃO SUSTENTOU A ESPANHA UMA GUERRA DE 40 ANOS:

— Com a Inglaterra?
— Com Portugal?
— Com a Holanda?

16 EM QUE PARTE DO BRASIL, PELA PRIMEIRA VEZ, OS DEFENSORES DE UMA CIDADE COMBATERAM O INVASOR USANDO GUERRILHAS:

— No Rio?
— No Recife?
— Na Bahia?

17 DE QUE ARTISTA SÃO AS PRIMEIRAS PAISAGENS BRASILEIRAS DE VALOR, CONHECIDAS NA EUROPA:

— Franz?
— Rugendas?
— Debret?

18 QUAL A ÁREA DO TERRITÓRIO BRASILEIRO QUE CONSTITUÍA A "NOVA HOLANDA":

— Do Amazonas ao Recife?
— Do Maranhão a Sergipe?
— Da Bahia a Pôrto Calvo?

19 QUAL A LOCALIDADE BRASILEIRA QUE FOI INCENDIADA PELOS HOLANDESES NUM DIA DE NATAL:

— S. Cristóvão, em Sergipe?
— Penedo, em Alagoas?
— Olinda, em Pernambuco?

20 QUEM FOI O INICIADOR DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ NO ORIENTE:

— Marco Polo?
— Vasco da Gama?
— S. Francisco Xavier?

(*Respostas na página 58*)

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca. indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre,** remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemYticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitada pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

A VIDA DE FLORENCE NIGHTINGALE

1820 - 1910

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

I

"Avante, Brigada Ligeira!
Carga contra os canhões, firma a estribeira!"
E dentro do vale da Morte
Cavalga dos seiscentos a coorte.

★

Não hesitam no que fazer,
Sabem bem que é avançar e é morrer.
E dentro do vale da Morte
Cavalga dos seiscentos a coorte.

★

Terão glória passageira?
Carga selvagem que levanta poeira!
Todos no mundo estão atentos.
Honra à carga que levanta poeira!
E honra à Brigada Ligeira,
A valente coorte dos seiscentos!

Eis como Tennyson pintou poèticamente a batalha de Balaclava, da Guerra da Criméia. Mas veja-se Como Florence Nightingale descreveu realisticamente a cena que *se seguiu* à batalha:

"No hospital (em Scutari) não há camisas limpas... Os homens têm simplesmente trapos empapados de sangue... O hospital funciona num quartel adaptado... e debaixo das suas imponentes paredes estão esgotos entupidos de imundície, através de cujos encanamentos sobem emanações fétidas que se expandem nas enfermarias onde jazem os doentes. Ferimentos e doenças, as salas repletas e a falta de ventilação conveniente contribuem para a impureza do ambiente... As enfermarias estão infestadas por ratos, camondongos e bicharedo daninho. O chão é deficiente; há falta de móveis e até dos mais comuns utensílios de limpeza, meios de decência e de confôrto... O bicharedo podia, se tivesse unidade de propósito, juntamente o que lhe falta, carregar as centenas de colchões e roupas de cama nas costas e entrar com êles no Ministério da Guerra em Londres".

Tennyson fala do heroísmo dos homens no campo de batalha. Florence Nightingale fala da estupidez dos homens no Ministério da Guerra. "As camas de ferro vindas da Inglaterra chegaram a Scutari, mas as pernas dessas camas foram embarcadas noutro navio e expedidas para Balaclava. Os doentes e feridos em Scutari estão estendidos em colchões sôbre pavimento de pedra". Em outra carta: "Os funcionários londrinos mandaram-nos quantidade de rações, mas esqueceram de nos mandar caldeirões para as cozinhas". E afinal, quando os caldeirões chegaram: "Foi ordenado que a carne fôsse cortada em pedaços uniformes, do mesmo tamanho... As vêzes um paciente ganhava um pedaço que era puro nervo, podendo ser o seguinte puro sebo ou puro osso; azares da guerra".

A dificuldade a resolver com os oficiais (não combatentes), dizia Miss Nightingale, era que êles encaravam os soldados como máquinas militares. "Supondo que êles se quebrem e sejam arremessados num entulho de objetos militares; que acontecerá? Temos muitos outros para tomar o lugar deles".

Os próprios soldados chegaram a se considerar como meras máquinas indignas do aprêço dos seus superiores. "Dando uma volta pelo hospital comigo", escreve Miss Nightingale, "o duque de Cambridge reconheceu um sargento da guarda que tivera pelo menos uma têrça parte do corpo arrancada, e lhe disse com uma grande praga, chamando-o pelo seu nome e sobrenome cristão: — Você ainda não morreu? — Posteriormente o sargento me disse, com lágrimas nos olhos: — Que atenção da parte de Sua Alteza, não é mesmo, minha senhora? Deus abençoe êle, que quis saber por que eu inda não morri".

Nêsse calderão de incompetência, crueldade e sofrimento é que Florence Nightingale pôs o pé com sua heróica turma de trinta e oito enfermeiras, e do caos criou a ordem. Poucos meses após sua chegada a Scutari, a mortalidade no hospital fôra reduzida, de quarenta por cento que era, a menos de três por cento.

II

Quando Florence falou pela primeira vez a seus pais que queria ser enfermeira, êles a encararam boquiabertos. O que? A filha de uma das mais ricas famílias da Inglaterra ingressar numa das mais baixas profissões? Ora, ora, a enfermagem nem chegava a ser uma profissão naquele tempo. "A maioria das enfermeiras" — citamos um médico da época — "é constituida por prostitutas ébrias que, ao serem levadas à polícia, têm a faculdade de optar entre ir para a prisão ou ir para o serviço hospitalar... Muitas vêzes são encontradas dormindo debaixo das camas dos seus enfermos mortos, cujas bebidas alcoólicas elas roubaram".

Assim, quando comunicou aos pais sua decisão, "foi como se eu quisesse me tornar uma criada de cozinha". Não fôra para *tal* carreira que êles haviam educado a filha. Mr. William Shore Nightingale, proprietário do Embley Park em Hampshire, tencionava fazer da sua filha uma senhora da alta sociedade, como a elegante mãe de Florence. Esta menina era a mais linda e mais bem dotada de tôdas as filhas do casal. Tinham-lhe dado uma educação própria de princesa; matemática superior, literatura, música, enfim ciência e artes. Ela aprendera o italiano, o alemão e o francês, e falava êsses idiomas tão fluentemente como o inglês. E também as línguas mortais. "Uma excelente jovem", observou certa vez o geógrafo Sir Henry de la Beche ao arqueólogo Warrenton Smythe, "uma excelente jovem, de fato, se não me tivesse aniquilado com o seu grego e latim".

Uma jovem brilhante, e tão encantadora quão brilhante. Viajara por tôda a Europa e subira o Nilo. Era capaz de conversar com qualquer espécie de gente sôbre qualquer espécie de assunto. Comparecera mesmo às recepções da rainha. E todos os rapazes da Inglaterra estavam a seus pés. Que queria ela no mundo?



FLORENCE NIGHTINGALE

"Quero fugir de tôda essa maçada". Tinha uma caminho independente a trilhar. Tinha fibra. E uma língua afiada na sua linda boquinha. "Amontoar conhecimentos de uma miscelânea de matérias", dizia ela, "é a mais desagradável de tôdas as ocupações". E quase tão desagradável era acumular uma miscelânea de relações nas altas rodas. E observar Lorde Melbourne ressonar após a janta na real presença. E aplaudir o Príncipe Alberto por sua "imaginária" destreza no bilhar. E "acompanhar papai como uma matrona", a "apresentar seus respeitos" a pessoas pelas quais não tinha o mínimo respeito. Cumprimentar a senhora Fulana pelo seu broche de diamantes que "oh! lhe senta tão bem!", mas que na verdade lhe sentava como "uma torta de framboesa numa abóbora".

Florence Nightingale queria se afastar de tôda essa sociedade artificial, empoada e arrebicada. Queria abraçar de corpo e alma a vida. Conhecer os sêres humanos nos seus momentos de verdade. Nos seus momentos de dor.

Seu pai fazia-a freqüentemente ler alto para êle. Um livro vitoriano de boas maneiras intitulado *Episódios da vida de uma filha no lar*. Mas ela preferia ler por si mesma, e um livro de conteúdo muito diverso: o *Relatório anual do Instituto Fliedner*.

Êsse Instituto era uma escola alemã de enfermagem. Florence Nightingale possuía uma vocação inata para cuidar de feridos e doentes. Já em criança deixava freqüentemente os folguedos para consertar as bonecas e pensar as feridas dos animais domésticos de estimação da gente do campo, em Embley. Ela mesma conta que na idade de seis anos já tinha consciência de um "chamado" para uma missão de caridade. Com o tempo, foi se tornando cada vez mais conscia da estrêla que fôra convidada a seguir. Uma tarde — tinha então cêrca de dezoito anos — Florence estava passeando com uma amiga no relvado fronteiro à sala de estar, em Embley.

— Sabe o que penso — disse ela — sempre que olho para essa fileira de janelas? Penso como transformaria isso num hospital e como disporia os leitos.

Durante alguns anos, enquanto estêve na casa dos vinte, pensou em se casar. Teve mesmo um ou dois casos amorosos. Mas tirou da cabeça a idéia de casamento. A vida de casada não era coisa para ela. No casamento, registou ela, podia achar satisfação para sua "natureza intelectual e afetiva", mas não para a sua "natureza moral". E foi esta que prevaleceu. Em 1850 escreveu em seu diário: "Tenho agora trinta anos: a idade com que Cristo iniciou Sua missão... Não quero saber mais de coisas infantis e vãs, não quero saber mais de amor, de casamento".

Estava agora disposta a seguir os passos d'Êle e se entregar à sua própria missão.

— Pai, mãe, vou ser enfermeira.

— Ora essa, estás louca!

— Pode ser que esteja. Mas sei dizer é que agradeço a Deus pela minha loucura.

III

Florence Nightingale roubara muitas horas à sua vida social para estudar anatomia e visitar o hospital do distrito. Certa vez, numa curta viagem à Alemanha, freqüentou por duas semanas a Escola de Enfermagem Fliedner. A princípio Her Fliedner ficou temeroso pelas frágeis e aristocráticas mãos" dela. Mas é que êle não lhe conhecia o vigoroso e democrático coração.

— Não precisa esfregar o chão dêsse corredor — disse êle.

— Deixe-me experimentar — respondeu ela.

E quando êle a experimentou, percebeu que ela era feita para a enfermagem.

Dentro em breve ela provou também aos cépticos inglêses que era feita para a enfermagem. Nomeada administradora do Sanatório Harley Street, "um estabelecimento para senhoras durante a enfermidade", ela mostrou que sabia não só esfregar soalhos como também curar feridas e, o que era mesmo mais importante, ressuscitar esperanças. E, falando figuradamente, dar tapas na cara. Como ela gostava de estapear as faces dos fanáticos! "Prezada Clarkey", escreve a uma de suas amigas. "Meu conselho fiscal negou-me permissão para admitir pacientes católicas, em conseqüência do que me despedi dele, a menos que eu pudesse receber tanto católicas como judias e seus rabinos. Assim que agora está assente e escrito que podemos aceitar quaisquer religiões... contanto que *eu* me torne responsável pelas visitas, receba os detestáveis animais à porta... e os conduza de volta bem escoltados, e os faça sair para a rua. Amém... Que o Bom Deus nos livre da intolerância e da impostura!"

Foi uma tarefa hercúlea a que ela empreendeu como a primeira superintendente feminina de um hospital. Servindo de dama de companhia para os "detestáveis animais" que vinham visitar as enfermas não protestantes; fiscalizando as enfermeiras indisciplinadas e sem preparo; desconjuntando-se ao erguer uma paciente para a colocar na mesa de operações; sustentando um tubo de aquecimento nos braços para o impedir de cair sôbre uma criança enfêrma; cuidando de uma mulher cega ameaçada de ficar louca por ter falhado uma operação para lhe restituir a visão; e se defendendo contra a inveja mesquinha e as disputas de seus colegas masculinos, e portanto "superiores".

Mas assim mesmo, com tôda a sua inexperiência, suportou as provas e saiu vitoriosa. "Ela parece tão completamente guiada por Deus como Joana d'Arc", afirmou a romancista Mrs. Gaskell.

Guiada por Deus para um caminho certo. Estavam chegando à Inglatera notícias sôbre as terríveis condições dos hospitais da Criméia. "Os velhos reformados mandados para cuidar dos doentes e feridos não possuem o menor préstimo; os soldados têm que se tratar uns aos outros". "Não foram tomadas suficientes medidas para o tratamento dos feridos... Não há material para os curativos, não há quem os faça, não há quem zele pelos hospitalizados". O público começou a clamar por uma solução para êsse desastroso estado de coisas. E afinal o clamor se concentrou num único nome: Florence Nightingale. "Por que Florence Nightingale não se dedicará a essa obra?" escreveu o Cardeal Manning ao *Times* de Londres.

Florence ouviu o apêlo, e respondeu a êle. Enviou uma carta a Sir Sidney Herbert, um dos íntimos amigos dela que então tinha o cargo de Ministro da Guerra. "Uma pequena expedição particular de enfermeiras foi organizada para *ir* a Scutari, e me pediram que a chefiasse... Lá nos alojaremos e alimentaremos por nossa conta, e o país não terá de fazer qualquer despesa conosco..." E logo, percebendo o maciço cepticismo do mundo oficial vitoriano, acrescentou um pós-escrito: "Quereria o senhor ou qualquer outro tranqüilizar o Ministério da Guerra a respeito da minha idoneidade? Por obséquio, digalhes que não se trata de uma senhora da alta sociedade mais de uma genuína enfermeira de hospital".

Com relutância o Ministério da Guerra consentiu que a senhora da alta sociedade desempenhasse o papel de enfermeira. A coisa redundaria em fracasso, não havia dúvida! Mas que a estouvada fizesse como bem entendesse.

Assim é que, em 21 de outubro de 1854, Florence Nightingale embarcou para a Criméia. A agitação da viagem, o jôgo do barco — assaltado por um furacão no Mediterrâneo — e a direção das nada obedientes trinta e oito enfermeiras que

(Cont. na pág. 54)

UNIDOS PARA A VITÓRIA



PARA PRESIDENTE **CRISTIANO MACHADO**

PARA DEPUTADO **HILTON SANTOS**

BEATRIZ COS
À POR



ARLEQUIM POLITICO — COLÉ

EVOLUIU O TEATRO DE REVISTA?

DEPENDE: SOB CERTOS ASPECTOS, SIM; EM OUTROS, CONTINUA MARCANDO PASSO ★ SUCESSOS E FRACASSOS NAS ÚLTIMAS TEMPORADAS ★ AFINAL O QUE DETERMINA A BÔA OU MÁ ACEITAÇÃO DE UM ESPETÁCULO PELO PÚBLICO? — CONSIDERAÇÕES SÔBRE A VOLTA DE BEATRIZ COSTA.

Texto e fotos de SABINO CANALINI





BURLESCA



ROMANTICA

NESTE ano que encerra a primeira metade do século XX, em tudo evoluiu, levando bem alta a marca criadora do homem, é natural que voltemos os olhos para o teatro, uma das mais antigas manifestações da originalidade e sensibilidade humanas. Olhemos a comédia musicada, a que de mais perto toca a grande massa. Será que a revista também evoluiu? Sim e não. Isso mesmo, porque em certos detalhes, dos muitos que formam o complexo sistema necessário para encenar uma revista, não há dúvida que houve evolução. Outros porém, deixam a desejar, apelando por reformas que se tornam inadiáveis, se não quiserem que a revista seja apenas chanchada. Vejamos. Só agora entramos na verdadeira temporada, pois o que antes nos haviam oferecido eram apenas tentativas, das quais saíram elencos vitoriosos, ou falhados, ainda não ajustados ou que já se dissolveram. Em tôda temporada há altos e baixos. Prosseguem até o fim do ano os primeiros, quando, vencidos pelo calor e pela aproximação do Carnaval, preferem os empresários fechar os teatros da capital, tentando com os elencos a aventura de uma «tournée» pelos Estados ou dando oportunidade aos artistas para descansar ou tomar qualquer outra iniciativa artística durante as loucuras do reinado de Momo. Os conjuntos ainda não ajustados sofrem os primeiros cortes seja dos artistas, como do poema, dos quadros, das cortinas, das entradas cômicas e do próprio ballet. Corte ou refôrço, bem entendido, segundo a necessidade. Quanto aos falhados, dissolvem-se permitindo aos artistas procurarem diferente meio de vida. E assim todos os anos, há peças que cáem no agrado do público e outras que sofrem as conseqüências do ostracismo do mesmo, apesar das casas de espetáculos estarem umas frente às outras. Observando o panorama geral, para responder à pergunta sôbre a evolução da revista, nota-se o seguinte: no que diz respeito a recursos técnicos, tudo evoluiu, e se nossos teatros ainda não estão aparelhados como deveriam, a culpa é dos proprietários, que com certeza auferem os mesmos lucros sem gastar em novas aparelhagens e instalações. Muitas e muitas vêzes ouvimos integrantes de conjuntos estrangeiros se queixarem da falta de recursos dos nossos palcos. Ninguém nega que a eletricidade, a mecânica e a carpintaria proporcionam

A GIRL — FESTA PARA OS OLHOS



O BALLET pelo corpo de girls é sempre uma atração, especialmente quando conta com pequenas bonitas, brasileiras ou estrangeiras.





A LOS TOROS, a charge cômica é um dos pontos básicos das peças.



RECORDAÇÕES DE PORTUGAL — uma das boas caraterizações da artista.

hoje o que de melhor se poderia exigir, seja para o confôrto dos que trabalham e assistem como para os incontáveis efeitos cênicos. Dizemo-lo ousadamente, é necessário que um teatro seja consumido pelo fogo para que os donos se resolvam a reformá-lo. Instalações improvisadas, perigosas, com fios elétricos descobertos, sem elevadores nem palcos giratórios, sem jogos de luz suficientes, caixas apertadas, confusão de apetrechos, ferramentas, cenários, cordas, madeiras e pregos é o aspecto geral apresentado pela intimidade das nossas ribaltas. No entanto, todos sabemos quanto ganha uma representação quando entre outras coisas oferece movimentos rápidos de cenas completas, efeitos de luz bem distribuidos e dosados, acústica perfeita, possível agora por intermédio do rádio, e refrigeração, tão necessária em nosso clima não só para o espectador como para todo o pessoal que trabalha da boca de pano para dentro. Pois bem, tudo isso evoluiu e algumas casas já os têm a contento, exemplo êsse que deve ser imitado. Antigamente as revistas primavam pela improvisação. Artistas veteranos orgulham-se de haverem improvisado, nos «áureos tempos» — dizem êles — números inteiros! Ora, hoje não é mais admissível. A revista por mais popular que seja requer preparo adequado, sério. E' por isso que antes um só pano de fundo servia, às vêzes, de cenário para tôda a peça. Roupas velhas, remendadas, sujas, desbotadas, amarrotadas, inválidas de tantas batalhas anteriores, poderiam servir trinta a quarenta anos passados. No dia de hoje, mesmo numa cortina cômica, a roupa deve apresentar um mínimo de decência, e, verdade seja dita, essa é a tendência generalizada. Os guarda-roupas às vêzes primam pelo cuidado, pelo verdadeiro luxo que ostentam. Muita seda, veludos, véus e lantejoulas, além dos inúmeros enfeites em que predominam os de influência

A CENOGRAFIA nacional lucrou muito com as temporadas de conjuntos estrangeiros, notando-se a influência exercida pelos mesmos.



FALSA INGENUA — papel saudosista da «vedette» d'além mar.



A MULHER DO CAIS — forte interpretação sentimental de Jurema.

baiana. Portanto, para o guarda-roupa podemos dizer que houve evolução. A cenografia também muito lucrou com o passar do tempo. Palcos de vários níveis, escadarias, planos inclinados, partes giratórias, salientes, passarelas luminosas, cenários não apenas pintados, mas armados, dando idéia perfeita da terceira dimensão, tudo isso podemos admirar e constatar qual influência tem sôbre o êxito de uma revista. E a música evoluiu? Difícil dizê-lo. O que aumentou consideràvelmente é o repertório de partituras originárias do mundo inteiro e aproveitáveis devido ao maior intercâmbio cultural entre os vários povos. Especialmente os ritmos dançantes sofreram divulgação sem precedentes, usando-se e abusando-se das adaptações, dos sincopados, das modernizações, e de tudo o mais que permitem as melodias de todos os lugares. Mais uma evolução. E os poemas, isto é, o enrêdo que deveria urdir numa só trama os quadros apresentados? Bem, sôbre isso nada de novo a assinalar! Sempre as mesmas coisas, os temas repisados desde que existem as máscaras trágicas. Antes a trinca infalível era composta pelo bigodudo português, pelo convencido polícia e pela saracoteante mulata. Agora os tipos principais são o malandro da favela, a cachopa portuguêsa, a baiana. Tudo numa mistura de páginas históricas, arroubos com música clássica, folclore estilizado, e insistentes passagens pelas ruas do amor e pelas biografias de mulheres perdidas. Chegamos assim à pimenta, à malícia sem a qual não haveria revista. Dizem que agora as mãos que temperam as peças são mais caridosas que antigmente, salgando em excesso, às vêzes, os pratos sensaborões oferecidos a um público de gostos suburbanos. E por falar em público, será que êsse não evoluiu? Felizmente, sim! Fruto da instrução e do maior convívio com o

(Cont. na pág. 46)



DE CUBA com o elênco de Katerine Dunham, veiu Nelly Lujan. Gostou do Brasil e ficou, emprestando seus conhecimentos ao ballet.



TRIPULAÇÃO DO PROGRESSO — Assim é chamada a que aparece neste flagrante. Vê-se, também, de branco, o sr. Cláudio Hoelck, diretor da «Nacional», uma emprêsa de navegação aérea genuinamente brasileira e que muito tem contribuido pelo desenvolvimento da nossa aviação comercial, quer pela sua segurança, quer pelos seus empréendimentos de vulto

INAUGURADO PELA "NACIONAL" O AEROPORTO DE ALMENARA

ESPETÁCULO INÉDITO NA VIDA DE UM POVO — ENTUSIASTICAMENTE 12 MIL ALMAS VÊEM ATERRISSAR O PRIMEIRO "DOUGLAS" NO CAMPO DE POUSO LOCAL — CONTRIBUI ASSIM A "TRANSPORTES AÉREOS NACIONAL" PARA O CRESCENTE PROGRESSO DE MINAS E DO BRASIL, LIGANDO AS REGIÕES MAIS LONGÍNQUAS COM OS GRANDES CENTROS DO PAÍS — O PILOTO SEGUIU O LEITO DO RIO... E A SOMBRA DO AVIÃO PROJETOU-SE NAS ÁGUAS DO JEQUITINHONHA.

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES para a REVISTA DA SEMANA

ALMENARA (pelo Douglas da Nacional) — Aqui estamos assistindo ao maior acontecimento na vida política e econômica da cidade de Almenara — situada no extremo norte do Estado de Minas Gerais. Um entusiasmo sadio e contagiante paira no semblante de todos os habitantes desta próspera região. É que com a inauguração do "Aeropôrto Cirilo Queiroz", nesta cidade, pela *"TRANSPORTES AÉREOS NACIONAL"* os almenarenses vêm de conquistar um lugar ao sol. Almenara, agora, já não é sòmente um simples baluarte da pecuária mineira, mas, também, uma cidade de projeção internacional — dizem todos. E é com júbilo que vêmos, às vêzes, os mais entusiastas filhos da terra indicarem com o dedo as rotas aéreas mundialmente conhecidas, às quais, agora, graças a "NACIONAL", está incluida a de Almenara.

Até mesmo os adversários políticos do prefeito local sr. dr. Hélio da Rocha Guimarães, em cuja gestão é assinalado tal acontecimento, agora, com mais serenidade, começam a compreender os benefícios que um campo de aviação traz a uma região como esta, onde o transporte ainda é rudimentar e primitivo, isto é, feito à carro de bois ou à lombo de burro.

AGORA... PONTO DE ALMOÇO DOS PILOTOS...

São poucas as estradas de rodagem da região. A mais importante de tôdas é a que liga Almenara e as cidades adjacentes a Montes Claros. Oito dias gastava-se para atingir Belo Horizonte, Rio de Janeiro ou São Paulo. Agora, Almenara é ponto de almôço dos pilotos da "NACIONAL". Deixam êles as carnes congeladas da Cidade Maravilhosa e vêm saborear um bom lombo de porco assado e beber a água do lendário rio Jequitinhonha várias vêzes na semana com uma pontualidade irreprimível.

Assim aconteceu na primeira sexta-feira na viagem inaugural. E assim vem acontecendo sempre. Chegamos do Rio na véspera. Partimos do aeropôrto da Pampulha às 7,30 da manhã com escala Em Arassuaí. O primeiro "DOUGLAS" que aterrissou em Almenara trazia a seguinte tripulação: — comandante — José Carlos Marcondes; co-piloto — João Bontelles Calmon; rádio-telegrafista — Américo Marinho Coelho e comissário — Milton Signonini.

A COMITIVA

Entre os integrantes da comitiva inaugural estavam o sr. Rodrigues Seabra, ex-secretário da Viação do Govêrno Mineiro; deputado Tristão da Cunha; sr. Cláudio Hoelck — diretor da "NACIONAL", engenheiro Carlos Domanski — representante da diretoria da Aeronáutica Civil da Divisão de Tráfego; os jornalistas: — Jorge Mussy Abhid, do *DIARIO DE MINAS;* Marcelo Coimbra Tavares, do *ESTADO DE MINAS;* Jorge Inácio Pereira Filho, da *FOLHA DE MINAS* e Abdias Rodrigues, da *REVISTA DA SEMANA.* Viajaram também o srs. Antônio Wilson Corrêa, Cândido Mares Neto, Roberto Silva, Severiano Cardoso, Elvimar Lopes Santos, Waldir Lopes Martins, João R. de Faria, Domingos G. Cruz, João A. Filho e as senhoras Vitalina Oliveira e Júlia F. Santos, os primeiros passageiros da importante linha de transporte que se inaugura.

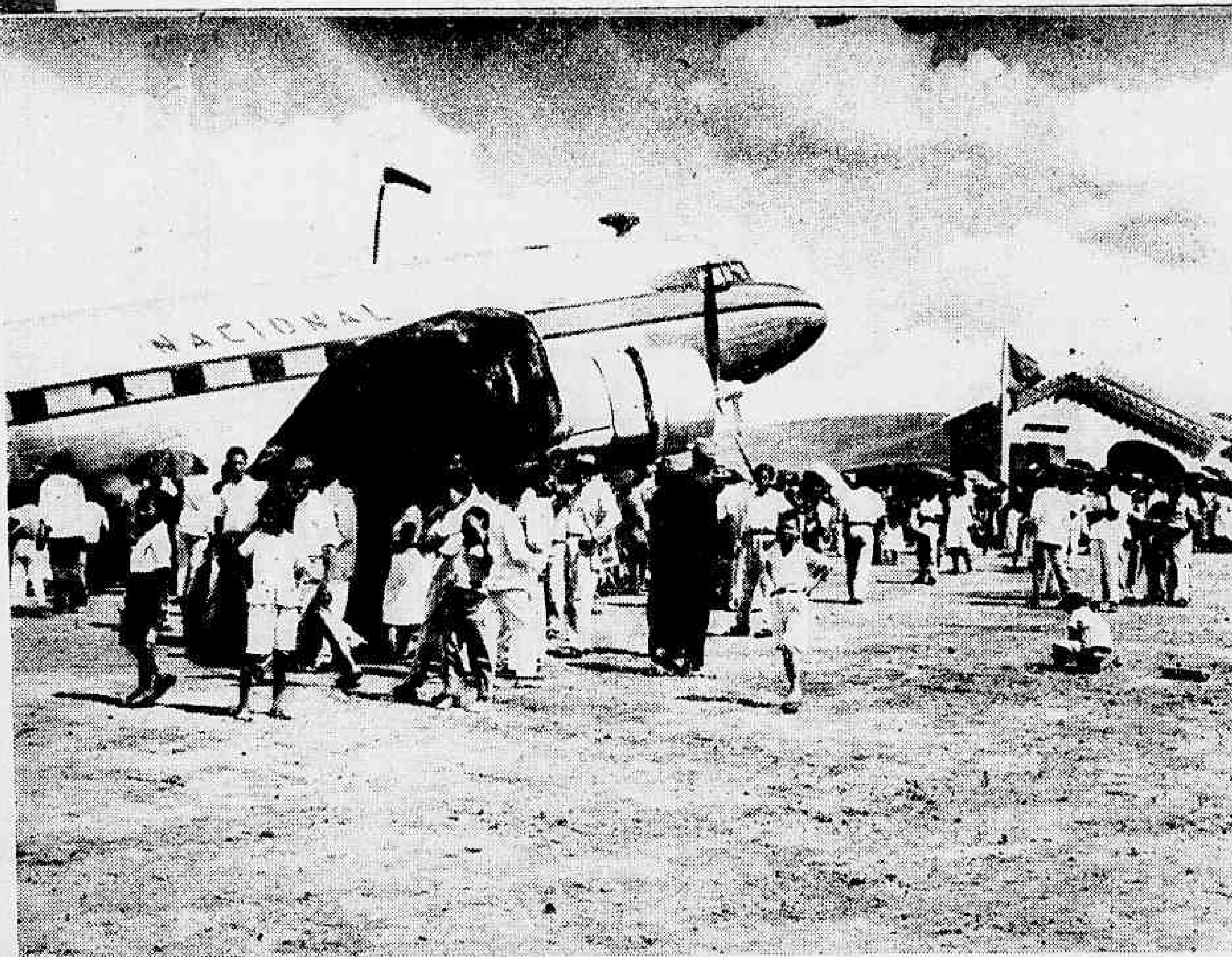
A SOMBRA DO AVIÃO PROJETADA NO RIO...

Graças à visibilidade do tempo conseguimos ver a deslumbrante paisagem no percurso Arassuaí-Almenara. Observando o mapa o comandante seguia o leito do Jequitinhonha. Seguimos o curso do lendário rio. Foi um espetáculo maravilhoso!... O dia estava belo, claro, sem nuvens. Dir-se-ia melhor — um dia aeronáutico. Decididamente a natureza também cooperava para o êxito daquela viagem inaugural. Ora o avião voava baixo ora voava alto seguindo e entrecortando o rio nas suas curvas sinuosas e nas ondulações da Serra do Cruzeiro. E assim vimos, muitas vêzes, a sombra do pássaro metálico projetada sôbre as águas cristalinas do Jequitinhonha. Os pescadores... os canoeiros... e as lavadeiras fôram também um espetáculo sempre renovado nessa viagem memorável.

★

O Jequitinhonha, o segundo da bacia oriental do Brasil, tem a sua história burilada pela pena impecável de Euclides da Cunha e a sua derrota traçada pelo ilustre geógrafo Inocêncio Veloso Pederneiras.

Nasce na Serra da Pedra Redonda, no município de Serro, em Minas Gerais, banhando o nordeste dêste Estado e o sul do da Bahia, marginando a Serra do Córrego do Padre quando se tem de despenhar cêrca de 31 pés ou 43 palmos e 4 polegadas, formando assim a célebre e notável cachoeira do Salto Grande, constituída de



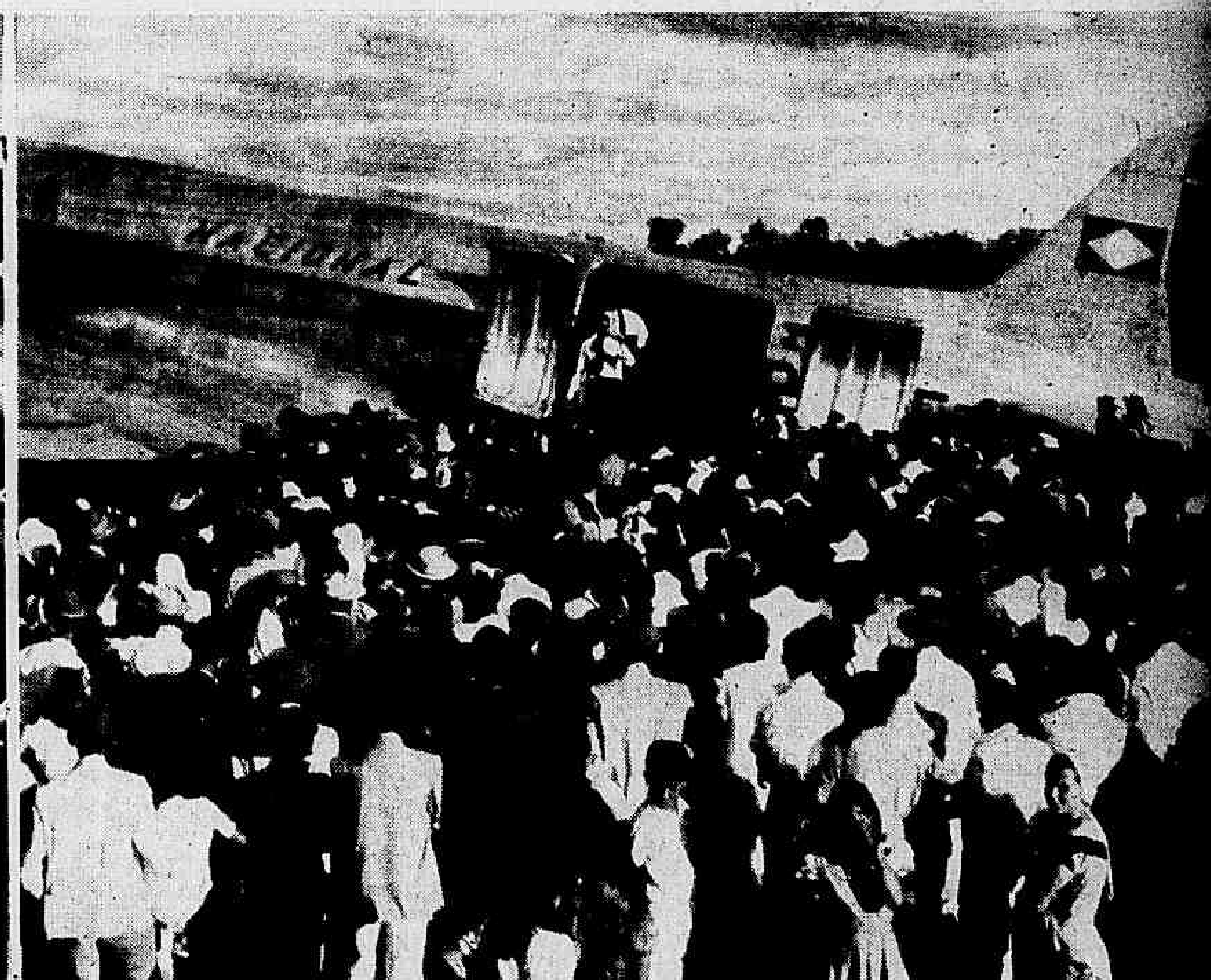
O «Aeroporto Cirilo Queiroz», de Almenara, no dia de sua inauguração. Flagrante colhido quando aterrisava o primeiro avião, um «Douglas» da «Nacional»



Uma multidão de curiosos cercou os dois aviões. De fato êsse dia foi um dia de festa em Almenara, pois o povo via nos aviões uma mensagem de esperança e progresso.



U'a massa humana de aproximadamente 12 mil almas lotou o campo vibrando de emoção e contentamento... Na foto, aparecem membros da comitiva inaugural e autoridades locais.



Rasgando os céus do Brasil e encurtando distâncias para o bem do Brasil — assim é a «Nacional». Onde chega um dos aviões logo uma multidão acorre.

7 quêdas, 3 das quais com 35, 40 e 46 palmos de altura. Afonso Celso descreveu essa maravilha num poema em prosa intitulado — "Valsa Fantástica". Agora o Govêrno Mineiro vem de encentar pesquisas a fim de aproveitar êsse potencial hidráulico até então esperdiçado.

O Jequitinhonha tem um percurso de 1086 quilômetros, dos quais 614 navegáveis. Calcula-se em 150 milhões de metros cúbicos a quantidade d'água que despeja por hora no oceano.

Ilustres personagens, como o sábio Saint Hilaire e o padre Aspilcueta Navarro, navegaram êste rio. O último como capelão da famosa "Expedição Espinhosa Navarro", organizada por Tomé de Sousa, no ano de 1553, para a exploração da "Serra Resplandecente" ou do "Sol da Terra", cuja fama "assás fabulosa, havia empolgado a cobiça da Côrte Portuguêsa, a ponto d'EL REI julgar-se o mais potentado dos soberanos..."

Às suas margens viviam as tribos dos Aimorés e Botucudos que deram nome ao rio: — *jequi* — (cheio de peixe) — *tinhonha* — (rio largo). Todavia, outras tribos que passaram por êle, como os Pataxós, chamaram-no de Paticha, Gacutinhonha e Yiki-tynhonhe. Os colonos portuguêses não se cansaram de o chamar Rio Grande, Massangano e Rio das Pedras. Contudo, predominou o nome indigna.

O Jequitinhonha é deveras belo e empolgante. Há paisagens maravilhosas!...

★

Mas algo mais forte nos esperava. Ao divisarmos o campo que pela primeira vez ia acolher o possante "DOUGLAS" da "NACIONAL" divisamos também ao seu redor u'a massa popular calculada em 12 mil almas que vibrava unissona: — SEJAM BENVINDOS. E' indescritível o que se passou. E isso faz-nos lembrar da frase de Lamartine: — *"a música começa onde a palavra acaba"*. E' verdade. Aquilo que não podemos dizer com palavras dizemos com sons. Foi tamanho o contentamento dos almenarenses que provocou lágrimas. E as lágrimas sufocaram as vozes. Falou pois a música. Espoucavam no ar os fogos... vibravam nos peitos os corações... balbuciavam os lábios as prèces.

Povo bom, ordeiro e religioso, como todos os demais mineiros, buscou na prèce a melhor oferenda de gratidão pelo benefício que óra recebia. Fizeram novenas, fizeram promessas para que nada de máu acontecêsse; para que tudo saisse bem; para que a aterrissagem fôsse perfeita.

E assim aconteceu. E agora andam dizendo que Almenara é subúrbio de Belo Horizonte.

HISTÓRICO DA CIDADE

A cidade está a 16º 10' 58'', 5 S. de latitude e a 40º 41' 58'', o de longitude de W. Gr., sendo que a distância, em linha reta, da Capital do Estado é de 539 km.

Da sua fundação sabe-se que por volta do ano 1864 um senhor de nome João Cabacinha fundava na divisa dos Estados de Minas e Bahia um arraialzinho que passou a chamar-se "Vigia" e depois São João da Vigia, logo após a entronização da imagem do santo que ficaria sendo o padroeiro do lugar.

Mais tarde, isto é, em 1887 e 1891, por efeito das Leis Provincial e Estadual, foi criado o distrito, subordinado ao município de São Miguel de Jequitinhonha.

Sôbre a origem do nome "Vigia" correm duas versões: — uns atribuem a uma pedra — chamada Pedra da Travessa — onde se lê esculpida, claramente, a palavra "Vigia". Outros afirmam que, na época da fundação do lugarêjo, havia no local um funcionário que cobrava o Impôsto Estadual (a barreira) ao qual chamavam "O Vigia".

A 12 de janeiro de 1938 o distrito conquistou a sua emancipação política. E em 1943, por decréto-lei estadual, passou a chamar-se Almenara. Atualmente a população é de 30 mil habitantes, somando-se com os seus distritos — Bandeira, Pedra Grande e Divinópolis.

OS DISCURSOS

De todo o município, assim como das cidades vizinhas, como Salto da Divisa, Jacinto e Rubim, veio gente assistir à inauguração do aeroporto.

Assim silenciaram os motores do "DOUGLAS" o prefeito, dr. Hélio da Rocha Guimarães, em vibrante discurso saudou a comitiva enaltecendo, outrossim, a arrojada iniciativa da "TRANSPORTES AÉREOS NACIONAL". Em sua bela oração analisou a importância do acontecimento para o progresso econômico, financeiro e social do município, que se integra de uma vez na vida de Minas, estabelecendo, através daqueles aviões, o intercâmbio tão necessário ao progresso da cidade, à sua aproximação com os maiores centros. Aproveita o orador para se referir à pessoa do sr. Rodrigues Seabra, que é cumprimentado logo a seguir, pelo sr. Olindo de Miranda Sousa, que em rápida e expressova oração focaliza as obras do homenageado no que diz respeito ao desenvolvimento da cidade, quando da sua atuação na Secretaria da Viação. Acentua o alto significado do trabalho que vem sendo levado a efeito pela NACIONAL, em Minas e no Brasil inteiro, e as altas possibilidades abertas a Almenara, após aquêle ato, pelo que agradece em nome do povo da localidade.

Discursa finalmente o sr. Rodrigues Seabra, dizendo da sua emoção diante das homenagens que lhe eram prestadas e do interêsse com que seguiu sempre o magnífico esbôço dos dirigentes da emprêsa, que se estendia agora até o município, numa prova única de entusiasmo e confiança nos destinos de Minas e do Brasil.

ALMOÇO E VISITA À CIDADE

Em seguida os convidados se dirigiram para a residência da viúva sra. Niza Guimarães, onde teve lugar um suculento almôço. Nessa ocasião usaram da palavra o pe. Octaviano José Magalhães e o deputado Tristão da Cunha, ambos enaltecendo a iniciativa da NACIONAL e a pessoa do ex-secretário da viação.

Após o almôço houve o lançamento da pedra fundamental do futuro Ginásio Rural, feito pelo sr. Tristão da Cunha. A comitiva visitou ainda as obras do Grupo Escolar — uma das últimas aquisições do prefeito dr. Hélio da Rocha Guimarães — e da Catedral São João Batista — obra de pulso que há 10 anos vem sendo construida, graças à tenacidade do pe. Antônio Soares.

Informando à reportagem disse-nos o sr. Cláudio Hoelck que Almenara tem como agente o sr. Lizandro Ferreira de Carvalho e será servida várias vêzes na semana com ligações para Rio — São Paulo — Belo Horizonte — Arassuai — Governador Valadares — Conquista — Ilhéus e Salvador.

A TEMPORADA DO "BALLET" DE MONTE CARLO

APRECIAÇÃO CRITICA DAS VINTE E UMA COREOGRAFIAS APRESENTADAS - 'PHÈDRE", A LEMBRANÇA MÁXIMA - "COPPELIA", COM TOUMANOVA, "GISELLE", "ROMEU E JULIETTE", "ENTRE DEUX RONDES", "LES MIRAGES", "PASSION", OUTRAS BELAS RECORDAÇÕES - A PRESENÇA DE LIFAR E DA GRANDE TOUMANOVA - OUTRAS NOTAS

Por JONALD

NO imenso mundo do "ballet" são frequentemente indizíveis as emoções. Conseqüentemente, torna-se bastante árduo resumir o que tenha sido uma grande temporada a do "Ballet" da Ópera de Paris. Entre os mais diversos gêneros, foram apresentadas vinte e uma coreografias. Em nossa opinião, o ponto culminante foi "Phedre", um poema do passado que vivificou em um clássico no repertório do "ballet" moderno. Há um sôpro de austera dignidade em volta do evocativo tema grêgo na sugestão de Jean Cocteau. Depois, há um poder plástico-coreográfico simplesmente excepcional do gênio de Lifar nesta obra-prima. Imediatamente após destacamos dois clássicos: "Coppelia" em uma coreografia um pouco simplificada do original de Nutter e Leon mas proporcionando uma grande atuação de técnica pura à maravilhosa Toumanova e também notável atuação do Corpo de Baile da Ópera, e "Giselle". Êste último "ballet" foi apresentado três vêzes e teve o seu clima quando foi interpretado, em vesperal, por Toumanova. Após as três reverências acima podemos distinguir um segundo grupo formado por "Romeu e Juliette", "Entre Deux Rondes", "Les Mirages" e "Passion". O primeiro tem uma bela coreografia de Lifar mas, evidentemente, Lycette Darsonval e Michel Renault não são figuras precisas para a versão de Lifar. "Entre Deux Rondes também de Lifar, argumento e música de Rousseau, tem uma sutil delicadeza de concepção e movimentos. "Les Mirages" tem grandes momentos e outros que quebram um pouco a harmonia mas é notável a coreografia de Cassandre e Lifar e... como é maravilhosa a alegoria do epilogo! "Passion" revive o antigo tema da luta da alma entre o bem e o mal e a coreografia e o próprio tema de Lifar e congraçam bem com a música um tanto mística de Cesar Frank. Liane Daydé, na alma, deixou gratas lembranças.

Depois de sete seleções passamos a um outro grupo, logo a seguir, formado por "L'Inconnue", "Icaro", "La Grande Jatte" e "Prélude à L'Aprés Midi D'un Faune". "O desconhecido" mostra um tema atual, desolado — a guerra — com efeitos estridentes musicais bem inspirados mas a coreografia não é das mais felizes de Lifar. "Icaro" tem o grande êrro de eliminar a música vivendo apenas de efeitos sonoros que caem em redundância mas sempre tem, pelo menos, a originalidade da transposição da lenda por Lifar. "La Grande Jatte" consegue reviver, em coreografia de Albert Aveline, curiosas cenas da vida parisiense de 1890 porém, decididamente, conforme aliás todo o presente grupo, não causou maior impressão. Finalmente, o "Prélude" em que Lifar refundiu a primitiva criação de Nijinsky, eliminando, entre outras coisas, a participação do Corpo de Baile. E' um conjunto plástico, essencial, em que se procura transmitir uma estranha personalidade. O trabalho de Lifar é valioso mas falta na coreografia algo para ser melhor sentido.

Chegamos, agora, a um grupo de quatro "ballets" que, francamente, não gostamos: "Les animaux modèles", "Le festin de L' Aragnée" "Guignol et Pandore" e "Drama per música". Não se trata apenas de restrições mas sim de trabalhos que, apreciados em conjuntos, trouxeram límpidas lembranças de desigualdade. Começamos por "Les Animaux Modèles", coreografia de Lifar, procurando aproveitar algumas das fábulas de Lafontaine; "Le Festin de L' Araignée, "balet-pantomima de Gilbert de Voisins em coreagrafia sem a menor inspiração de Aveline; "Guignol et Pandore", de Serge Lifar, curioso como idéia, com trechos interessantes mas frustrado na visão geral; "Dramma per Musica", uma belíssima música de Bach que desenvolve um grande tema — o nascimento da melodia — porém, o genial Lifar não encontrou a melhor das suas inspirações, particularmente no tocante à inclusão da voz de quatro cantores, em côro.

Em um grupo especial de "féerie-ballet", dançado em puro estilo clássico, separamos mais três apresentações. Inspirado no mesmo tema de "As bodas de Aurora" (Marius Petipa "Belle au bois dormant"), tivemos "Divertissement", ainda de Lifar, um encantador espetáculo para o gênero, com atuações individuais dignas de nota, as quais serão analisadas em uma crônica de condutas individuais, logo a seguir. No mesmo grupo, mas com altas expressões de técnica, tivemos "La mort du Cygne", argumento e coreografia de Lifar com música de Chopin; "Pas de Deux" da "suite" "Quebra nozes", com música de Glazunow e Tchaikowsky e "Pas de Deux" do "Lac des Cignes", com melodia de Tchaikowsky. Todos brilhantes no seu estilo mas ficou uma reminiscência mais sentida para "La mort du Cygne", com Toumanova e Renault.

Para finalizar, um último grupo de três "bailets" onde incluimos divertimentos coreográficos sem determinado tema ou fio condutor entre as danças. O melhor do grupo foi indiscutivelmente "Suite en Blanc", música de Lalo e notáveis coreografias de Lifar; Depois "Soir de fête", música de Léo Delibes, arranjo de Busser e coreografia de Leo Staats. O menos satisfatório dos três foi "Palais de Cristal", uma variação sôbre a Sinfonia em dó de Georges Bizet, em coreografia sem muita expressão de Balanchine.

Assim terminamos, em uma única crônica, um resumo total da bela temporada do "Ballet da Ópera de Paris". São gratas lembranças resumidas de muitas deliciosas sugestões. Todavia, se indagassem sôbre um confronto em volta da temporada anterior a do "Ballet des Champs Elisées", não teríamos dúvida em optar pelo último. Muito embora o extraordinário "Phèdre" não presenciamos algo tão poderoso quanto, por exemplo, "Le Jeune homme et la mort", uma recordação para o resto da existência e, se possível, até mesmo para os últimos momentos da vida.



JEAN COCTEAU inspirou o melhor espetáculo da temporada: «Phèdre»



TAMARA TOUMANOVA, segura e alta expressão de bailarina técnica.



SERGE LIFAR, coregrafo genial, expoente legítimo na sua arte.



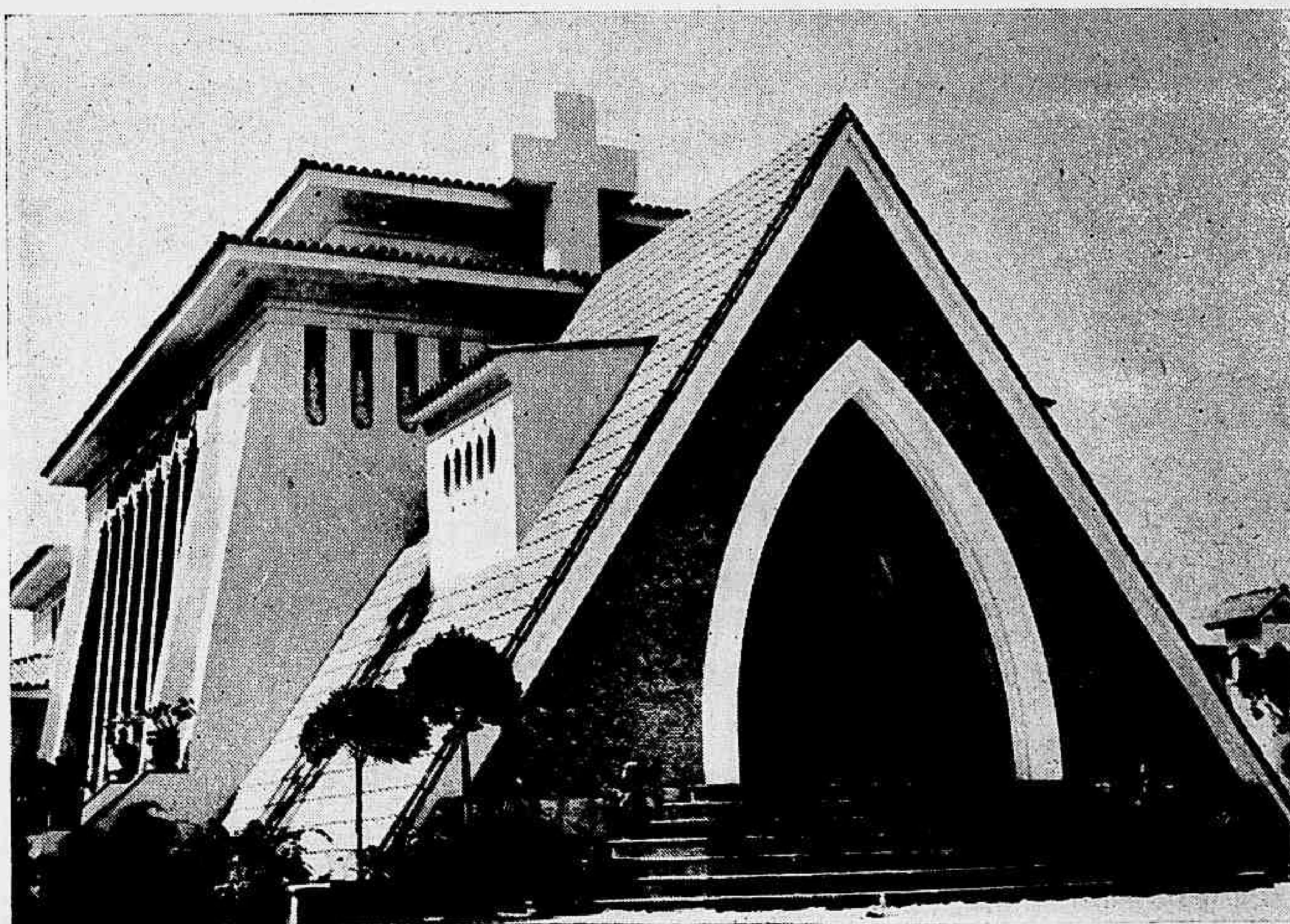
O Dr. Hélio Cabral, representante do Presidente da República, ladeado pelo sr. Hilton Santos e Exma. esposa, e médicos do Hospital de Bonsucesso, numa das dependências do Departamento de Radiologia, recentemente inaugurado naquele nosocômio.

AS REALIZAÇÕES DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DO I.A.P.E.T.C.

O I. A. P. E. T. C. é justamente a instituição de previdência social que, dada as suas gigantescas realizações em benefício dos seus segurados, graças à visão de seu presidente — o sr. Hilton Santos, — tem seguido à risca o programa traçado pelo Presidente General Eurico Dutra, no que concerne às atividades de assistência social do seu govêrno. O que o Sr. Hilton Santos tem feito no I.A.P.E.T.C. não só ficou nas colunas dos jornais, mas em toda sua imponência e importância social aí estão espalhados pela cidade e país inteiro uma rêde de hospitais das maiores da América do Sul, ambulatório, conjuntos residenciais e inúmeras outras realizações de caráter puramente social e humanitário. E, assim, dia a dia, vai a instituição dos empregados em transportes e carga ampliando suas instalações desde os centros mais populosos aos mais remotos, numa obra memorável para melhor servir aos seus segurados.

Uma das obras de maior vulto já realizadas no Brasil por uma instituição de previdência social, quer pelas suas proporções gigantescas, quer por suas instalações moderníssimas, correspondendo perfeitamente ao progresso da ciência médica, e, ainda pela beleza arquitetônica que oferece o conjunto, é o hospital de Bonsucesso, já em pleno funcionamento, atendendo aos trabalhadores e suas famílias.

Há poucos dias passados, ao ensejo do transcurso de mais um aniversário da fundação do Instituto, foi inaugurada no hospital de Bonsucesso a Igreja de N.S. das Graças, um templo de belas linhas arquitetônicas e em estilo moderno. O cardeal arcebispo D. Jayme de Barros Câmara, que celebrou a primeira missa, com a presença do Dr. Hélio Cabral, representante do Presidente da República, do Sr. Hilton Santos e exma. esposa, e de outras autoridades, exaltou com palavras de simpatia o empreendimento de assistência espiritual e cristã destinada aos enfêrmos naquele hospital, frisando ainda que, numa época como esta, em que o materialismo tenta avassalar o mundo, essa obra serviria como um exemplo do Brasil, pelos seus governantes e seu povo, de fé e de amor aos princípios cristãos, únicos caminhos capazes de nos levar à paz social e à harmonia entre os homens. Ainda, fez o I.A.P.E.T.C. inaugurar a Agência e Ambulatório de Campo Grande, à rua Aracajú, 150, o Centro Cirúrgico e Departamento de Radiologia do hospital de Bonsucesso, afóra outras inúmeras realizações, entre as quais uma em São Gonçalo, no Estado do Rio, o Ambulatório da rua Ary Parreiras, 2085.



A Igreja N.S. das Graças, em estilo moderno, forma com as demais dependências do Hospital do I.A.P.E.T.C. de Bonsucesso um belíssimo conjunto arquitetônico.



NADINHA QUE VAI SER PIANISTA, ENSAIA ALGUNS "PASSES" COM PAPAI. É PRECISO QUE ÊLE NÃO PERCA A FORMA.



ÊSTE FOI o menino que nos seguiu desde a ponte das barcas, para depois nos abordar e, repentinamente, cair aos braços de Zizinho, chorando para perguntar-lhe o motivo de sua saída das fileiras rubro-negras.

ZIZINHO -- O DONO DA PELOTA

UM MENINO QUE VEIO DE SÃO GONÇALO CHORA PORQUE ZIZINHO FOI PARA O BANGÚ ★ O SOGRO QUE NÃO QUERIA CASÓRIO, HOJE ARROMBA DROGARIAS PARA LHE DAR COMPRIMIDOS ★ À ESPERA DE NOVO HERDEIRO ★ ZIZINHO VENDE FAZENDAS, NAS HORAS VAGAS.

Reportagem de CARLOS TENORIO

TALVEZ algum dia, a exemplo do que fêz com o negro no futebol brasileiro, Mário Filho explicará à luz da ciência, embora velada nos postulados da Sociologia — o fenômeno Zizinho.

Quem de Zizinho se lembra, como nós, em seu jôgo de estréia no Flamengo, em uma partida com o Independentes que, àquele ano se sagrara campeão argentino, isso há dez anos, não esperaria vê-lo hoje consagrado em todo o mundo, como dos maiores jogadores já vistos, embora naquele dia se apresentasse apenas como risonha esperança.

Sua carreira desportiva, os clubes de fama por onde passou, os "goals" e jogadas que produz, dêsse assunto o público já é dono.

Poucos sabem, talvez, que êle principiou no clube que seu pai fundou: o Carioca, lá de Niterói, em São Gonçalo, onde nasceu. Isso foi em 1938, com 17 anos. No ano seguinte passou-se para o Biron, onde disputou só seis meses, rumando para o Flamengo, aí permanecendo quase onze anos. Bangu é o seu pouso atual.

— Mudou de pouso pra ver se a sorte o



O SIMBOLO que representa o Flamengo, foi sempre «êle» para muita gente.



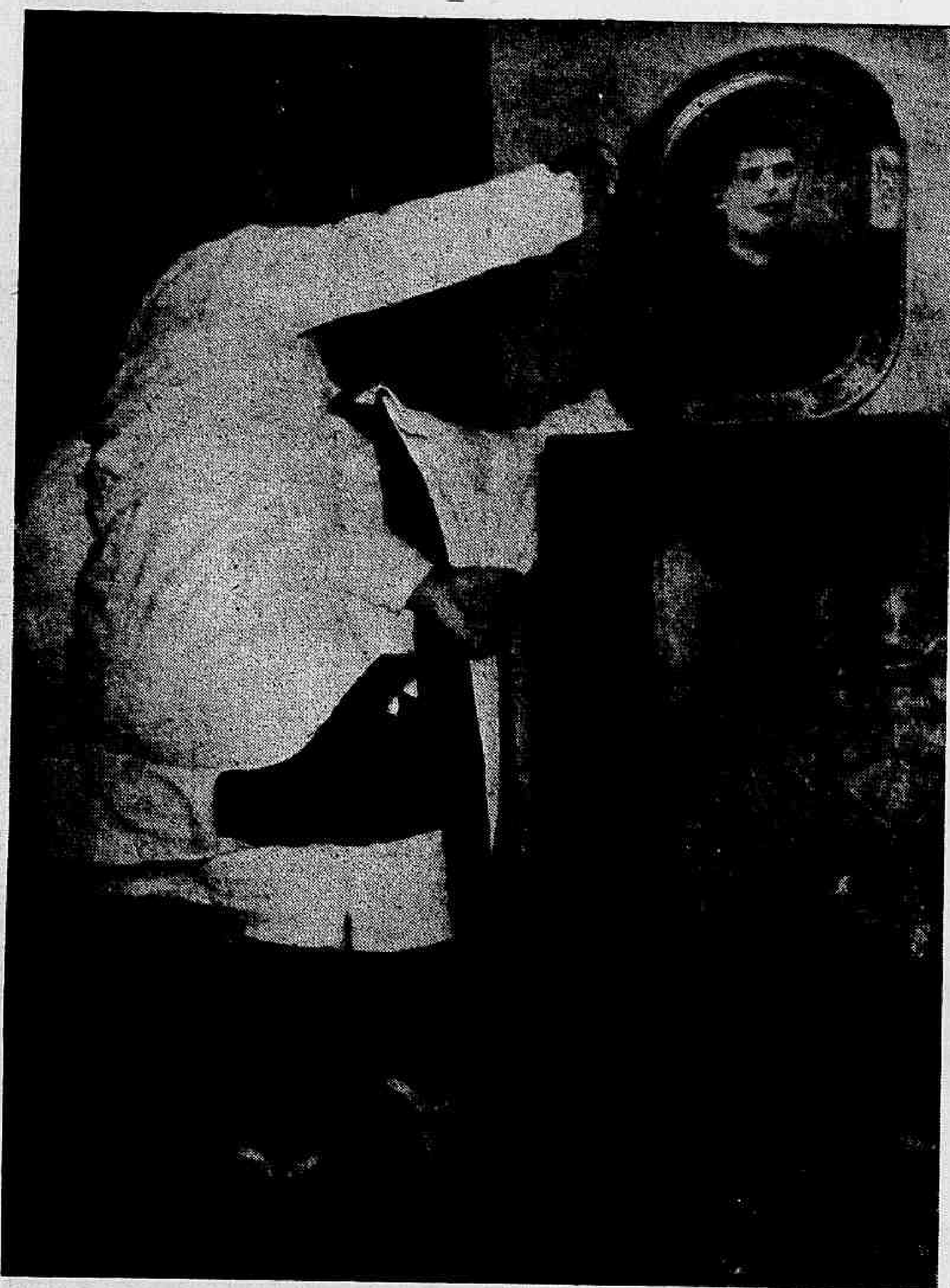
Sua maior emoção foi sagrar-se campeão brasileiro pela F.M.F.



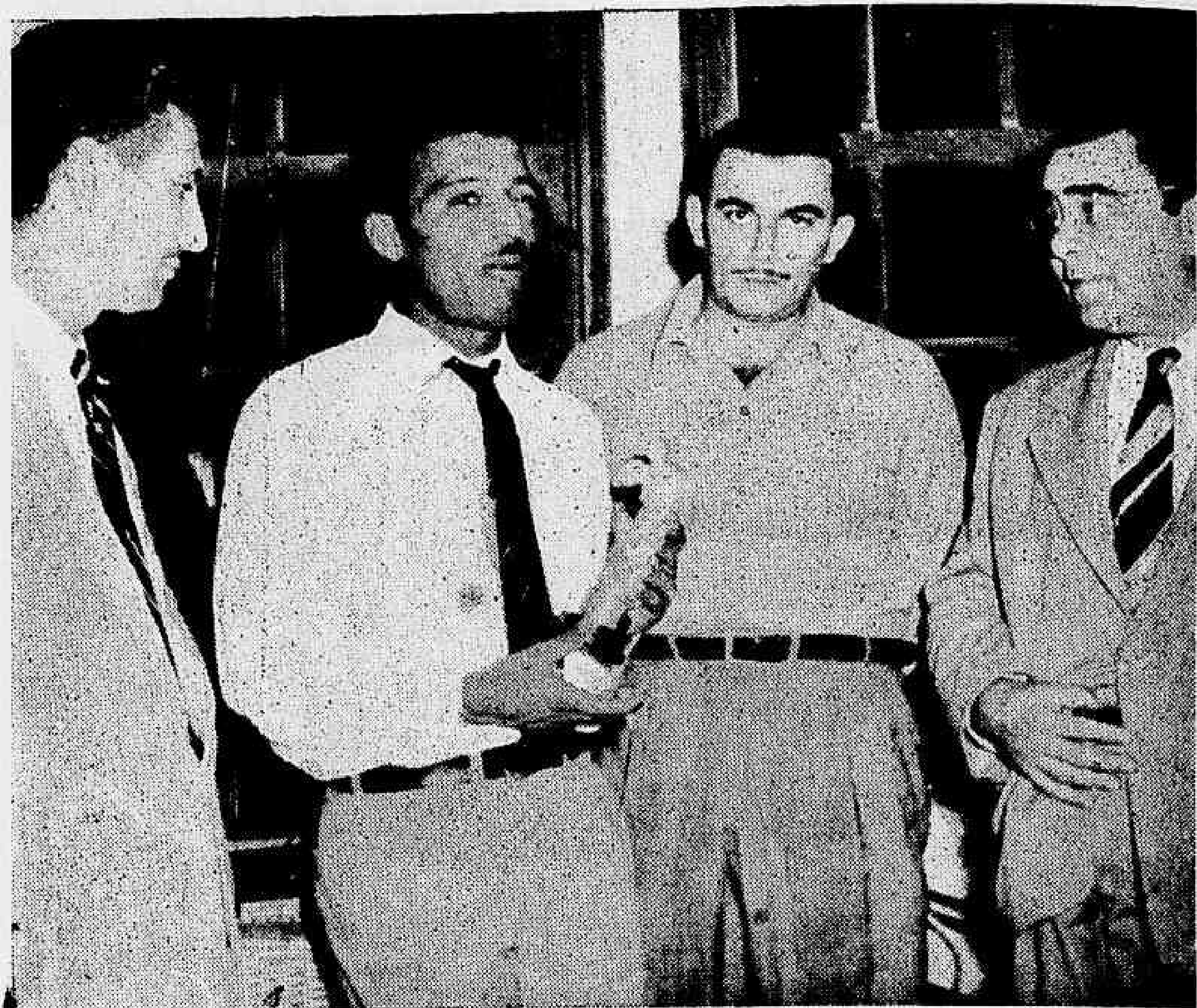
SUA TRANSFERÊNCIA para o Bangú, uma das maiores surpresas para todos.



O ESCUDO glorioso do Brasil tem sempre em Zizinho um de seus baluartes.



O PAI DE ZIZINHO foi também um «ás» do couro. Defendeu as côres rubro-negras do Carioca. Virá daí a preferência do filho?



AQUELA NOITE era-lhe ofertado um bronze pelo Fluminense, clube local, através de seus dirigentes.

auxilia — disse-nos um amigo, plagiando o refrão da música de Luiz Gonzaga.

— Não foi bem assim — soubemos do próprio jogador.

— O Flamengo ia jogar no Chile e eu me encontrava machucado; não podia atuar, portanto. Casado de pouco, ofereceram-me acompanhar a delegação com minha espôsa, como prêmio. Nada pedi. Ofereceram-me. Fui para casa, e, ao invés de ficar calado, disse tudo a Jane. Corremos para a cidade e nos provimos de roupas de frio porque era uma época de inverno lá fora. Próximo da partida, disseram-me que só seguiria jogando. Não fui e fiquei envergonhado perante minha mulher. Todos meus amigos sabem que não gosto de faltar à palavra dada, e eu a tinha faltado, logo com minha senhora! Soube depois que levavam Jair com a Celinha, sua espôsa. Nada reclamei por dois motivos: primeiro, porque fôra eu quem havia insistido para a vinda de Jair para o Flamengo; segundo, porque pareceria ciúme de minha parte. O que não era real. Daí para a frente procurei de todo jeito romper com o clube. Até que me ofereceram ao Bangu. O resto você conhece.

— Conhecemos, sim, Zizinho, infelizmente, para a torcida rubro-negra...

★

Quando Jane tinha doze anos conheceu Zizinho, através de jornais e irradiações. Um dia (há sempre um dia), três anos após foi-lhe apresentada por uma amiga.

— E eu que não sou bôbo, oh! (e passa a mão empalmada nos lábios como que tirando alguma coisa de dentro da bôca, que na mímica carioca quer dizer: passar uma "cantada").

O pai de Jane, quando soube do namôro, não gostou. Conhecia Zizinho das rodas boêmias e não o queria para genro. Houve perseguições e essas fugas comuns de namôro. Procederam, então, amigos de ambos, à catequese do futuro sôgro. Três anos foi o tempo levado. Ao cabo, Zizinho casou-se.

— Hoje, se eu sentir uma dor de cabeça, e não houver farmácia aberta, meu sôgro arromba uma para me dar um comprimido!

★

As concentrações, pelo que temos ouvido, são o martírio das espôsas de jogadores de futebol. O convívio de sòmente metade de uma semana põe-nas nervosas, como um direito de legítima posse burlado, acrescido da expectativa em face da integridade física do marido no decorrer de cada partida. Tudo muito justo. Acima de qualquer coisa, são espôsas.

Em certa altura da reportagem formulamos duas perguntas a d. Jane:

— O que pensa de seu espôso como jogador de futebol?

Reflete um pouco, e reúne as idéias para uma resposta:

— Não pode existir no mundo coisa igual.

— E do jogador como espôso?

— Não é mau — diz sorrindo.

Quisemos ainda saber do ciúme de d. Jane, que já foi, aliás, coisa célebre:

— Há um ano atrás, se eu chegasse a

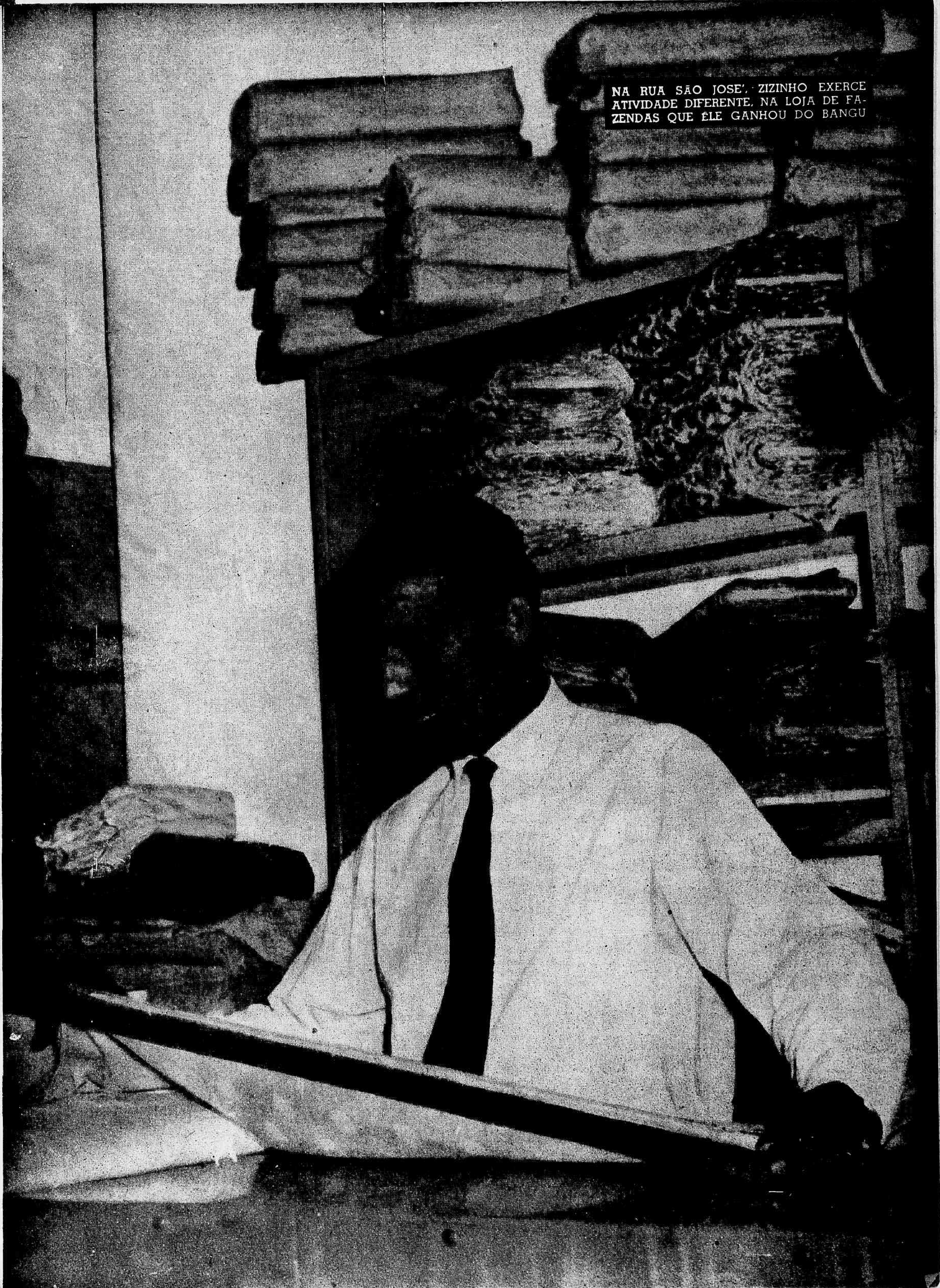
(Cont. na pág. 48)



ZIZINHO CONSOLA o menino que o acompanhou pela rua José Clemente e catequisa um provável banguense de fibra.



ZÉLIA, IRMÃ de Zizinho, e Machado Goulart que trata dos negócios do craque, examinam a estatueta oferecida.



NA RUA SÃO JOSE', ZIZINHO EXERCE ATIVIDADE DIFERENTE, NA LOJA DE FAZENDAS QUE ÊLE GANHOU DO BANGU

PEDRO Chaveiro sem barbas

Conto de MOYSÉS DUÉK

Ilustração de ORLANDO MATTOS



PEDRO era o seu nome. E, apesar de ser chaveiro, não tinha barbas. Talvez por isso o chamassem, alguns, Pedro-Chaveiro-Sem-Barbas. Só o chamavam assim nas rodas de botequim. Só mesmo lá, onde êle ia às vêzes conversar bobagem com quase todos os homens de Mogí — cidade de cinco mil almas vivas. Sim, porque Anunciada só o chamava de Pedrinho. Era Pedrinho p'ra cá, Pedrinho p'ra lá. Aquilo dava uma inveja danada nas espôsas de Mogí. E' que nenhuma se dava tão bem com seu marido como Anunciada. Elas chamavam os maridinhos de João, Francisco, ou Pedro — havia muitos Pedros em Mogí. Mas nenhuma chamava o marido com aquêle xodó "Até parecem namorados", diziam entre elas. Aquilo não era elogio. Longe disso! Estavam mas é com inveja. Dona Maria Leonor, que era mãe de oito filhos e esperava o nôno, explicava à vizinha: "Aquilo é porque não têm filhos! Se tivessem filhos não ficariam com essa cerimônia!" As mocinhas do lugar olhavam Pedro e Anunciada com os olhos melosos de poesia. Aquilo, sim!, era amor! Êle estava sempre levando presentinhos para ela: água de cheiro, uns palmos de renda de bilro, uns lencinhos de seda com bordados de côres vivas, grampos de tartaruga, pentes lavrados, espêlhos com suporte que não enferruja, flores de pano para enfeitar o ombro, ramos grandes de flores de papel crépon para enfeitar as jarras. Annunciada reclamava: "Não gastes nessas coisas, Pedrinho! Melhor seria a gente economizar". Mas aquilo para êle era felicidade, e felicidade não se economiza. Êle gostava de vê-la limpinha como noiva em dia de casamento, perfumada, com pó de arroz, e enfeites de grampos, de flores, de pulseiras.

Estavam casados há uns quinze anos, e êle era porteiro da Casa de Correção há mais de vinte. E antes disso êle já morava lá. Não morava como empregado, mas como prisioneiro. Êle não conta essa história, mas a memória do povo é boa. Dizem que por causa de mulher êle matou um homem. Não era Anunciada, não, que esta êle só foi conhecer há uns quinze anos; a mulher que o levou ao homicídio foi Aninhas. Falam até que era bonita, um pedação de morena, cada braço, cada perna que é isso! E uns olhos negros, aveludados, do mesmo tom dos cabelos corridos, sem ondas. Falava doce.. Falava mole como quem ama. E olhava nos olhos da gente de um jeito que fazia muito cabra valente vergar as pernas. E se embeiçou por Pedro. Pedro, nêsse tempo, tinha uma plantação que o absorvia. Era moço, bonito, valente mesmo. E já tinha aquêle modo de fechar o olho esquerdo como quem está pensando. Dizem até que êle nasceu assim, com o olho meio piscado. Mas a idéia que dava era que êle estava pensando, mesmo, atento, cismado — por isso, por algum tempo, quando era rapazola ainda, havia os que o chamavam Pedro Cismador. Mas o apelido não pegou.

Afinal, surgiu Aninhas em sua vida. E um se enrabichou pelo outro. E Pedro que vivia muito triste nas suas noites de solidão, carregou Aninhas para a casa dele. E assim viveram uns pares de anos. Aborrecimentos tinham, é verdade, mas êsse era o prêço da beleza de Aninhas. Era uma beleza perigosa. Quando Aninhas revirava os olhos — tiro e quêda! homem fisgado. Dizia-se até que carregava o Demo dentro dos olhos. Mas Aninhas não enganava Pedro, não! E mesmo isso de ser bonita, não quér dizer sem coração. Aninhas tinha coração. Gostava dele. E íam vivendo. Até que chegou por lá um tal de Venâncio, capataz do Coronel Acrísio. Pele morena e cabelos louros, as mulheres diziam que era o Satanás em figura de gente. A começar pelos cachos louros que brilhavam no sol, em suas cabrioladas sôbre a testa; a continuar nos olhos dele, dêsse azul impossível, que parece aço brilhando à luz; a acabar na vontade invergável na coragem sem limites que o fazia o cabra mais temível de Mogí e suas redondezas. Pois foi Venâncio que virou a cabeça de Aninhas. Pedro não pestanejou. Venâncio, de uma feita, estava arreiando o cavalo; Pedro chegou por trás e meteu todo um punhal nas costas do rival. O homem caiu de bruços. Pedro ficou olhando, satisfeito, vendo o sangue sair da boca e formar uma lagôa em volta da cara. Sem se perturbar, acabou de arreiar o cavalo e amarrou o corpo de Venâncio nêle. Desamarrou as rédeas do tronco da árvore e meteu o chicote nêle. O cavalo saiu em disparada e foi para o seu pasto.

Só no dia seguinte deram com o cadáver, ainda deitado na sela do cavalo. Prenderam Pedro. Levaram-no para Mogí. Respondeu a inquérito, julgamento e tudo. E foi para a Casa de Correção de Mogí. "Doze anos", disse o juiz. Mas não levou nem quatro. O diretor gostou muito dele. Que rapaz direito! O Dr. Ovídio levou-o para a sua casa, queria fazer dele o seu jardineiro. A senhora do Dr. Ovídio ficou com mêdo. Era um assassino... Mas passou a estimá-lo, também.

Uns tempos depois, Joaquim Feijó morreu. Era o porteiro, o chaveiro da Casa de Correção. Então o Dr. Ovídio levou Pedro para substituir o finado Feijó.

E já ia por uns vinte anos que era uma disciplina que fazia gôsto. E' verdade que nunca havia muitos prisioneiros. Quando muitos, chegavam a uma dúzia. Mas êles até gostavam de lá. Pedro era conversador. Jogava cartas com êles, levava pinga p'ra êles. Chegou até a abolir o horário de visitas. Quer visitar? Pode entrar. Entravam e saiam da cadeia como se aquilo fôsse a venda do Manoel Sá. O Dr. Ovídio, à princípio, estranhou, mas Pedro convenceu-o de que assim era melhor. Afinal, eram gente como os de fora.

Pedro e Anunciada viviam felizes, embora sem filho e riqueza. Riqueza não lhes fazia falta, mas filho sim. Nos primeiros anos de casados, referiam-se a êle. Diziam "quando êle vier" ou "quando a família aumentar", etc. Mas, com os anos, viram que a família não aumentava mesmo e nem deviam falar mais em filho. Se tivesse de vir, já teria vindo. Fizeram o possivel. Anunciada bebeu todos os chás que lhe aconselharam. Rezou para todos os santos acreditados junto às mulheres de Mogí. Não perderam procissões nem se esquivaram a óbulos para a Igreja de N. S. dos Desamparados. Acompanhavam entêrros levando consigo tôdas as flores de seu jardim, faziam velório oferecendo as suas mais consoladoras fráses, assistiam doentes — com tôda a sorte de benefícios participavam. Não houve jeito. Filho não vinha mesmo. Nem por isso amaram-se menos.

Anunciada vivia metida em seu canto, em sua casinha. Era limpa, tôda branca por fóra e por dentro. À frente, duas janelas de guilhotina e uma porta sem vidros. Lá dentro, a limpeza estava em tudo. Dêsde a sala até a cozinha, com papel picotado nas prateleiras e panelas brilhando que nem novas. Tinham poucos amigos. E quem gosta de visitar os felizes? Tôda a gente gosta de visitar para vêr que há gente com dores, que há gente infeliz que os obriga a dizer que consolam — e sair de lá achando-se mais feliz, por ver que há gente que sofre mais. Por isso poucos iam à sua casa. Mas os que iam eram bem tratados e, se tinham coração bem formado, gostavam e já queriam voltar. E voltavam sempre. Anunciada servia um doce de compota, quase sempre de batata roxa, ou de batata doce ou mesmo de côco; o de bananas era o preferido que podia parecer pouco caso. E também oferecia uma xícrinha de café fumegante — café que ela mesma moía em casa. Davam a cadeira de balanço para a visita. E, se era a primeira vez que os visitavam, apresentavam-lhes um livro de vistas da Capital Federal, datado de 1912, com o Pão de Açúcar na capa. E Pedro explicava:

— Está vendo êsse carro? Pois vai pelo ár dêste môrro a êste, pendurado nesta corda, cheïnho de gente!

Nem por isso Pedro andava apenas em casa. Ah, isso não, que homem é também de rua. E bem que às vêzes êle ia ao botequim de Manoel Sá. Bebia um trago, pouca coisa, só p'ra ficar alí. Conversava com todos. Não falava mal de ninguém. Às vêzes defendia uma ou outra pessoa. Costumavam perguntar-lhe:

— Como vai teu povo, Pedro-Chaveiro-Sem-Barbas?

O "povo" de Pedro eram os prisioneiros. Êle dava notícias. Contava os crimes deles. Quase tudo por causa de mulher. E Pedro comentava: "E' a mocidade... E' a mocidade..." Todos olhavam para êle. Havia um pouco de silêncio. Os hamens observando Pedro. Pedro pensando no seu passado.

Dava-se bem com todos os prêsos. Mas o último que chegou, um tal de Messias, é que veio indócil. Falaram que matou o irmão — crime danado de bravo! — e só falava que precisava ver a tal de Esmeralda, a sua "dona". Menos de uma semana depois de dar entrada na Casa de Correção, já Messias pegou Pedro sòzinho e veio com uma conversa esquisita:

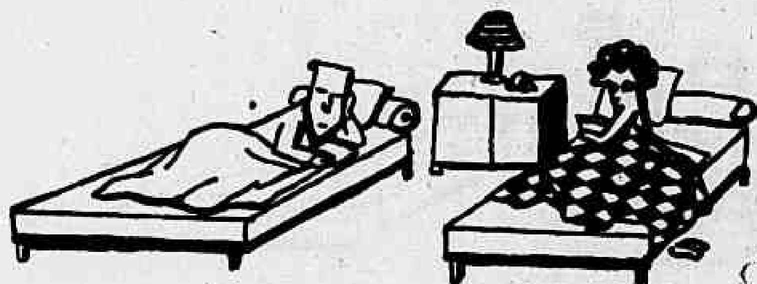
— Seu Pedro, preciso ver Esmeralda! A sauda-

(Continua na pág. 50)

Nicodemus

PONDO-SE NO LUGAR DE
UMA MESINHA DE CABECEIRA
CONTA UMA HISTORIA PASSADA EM

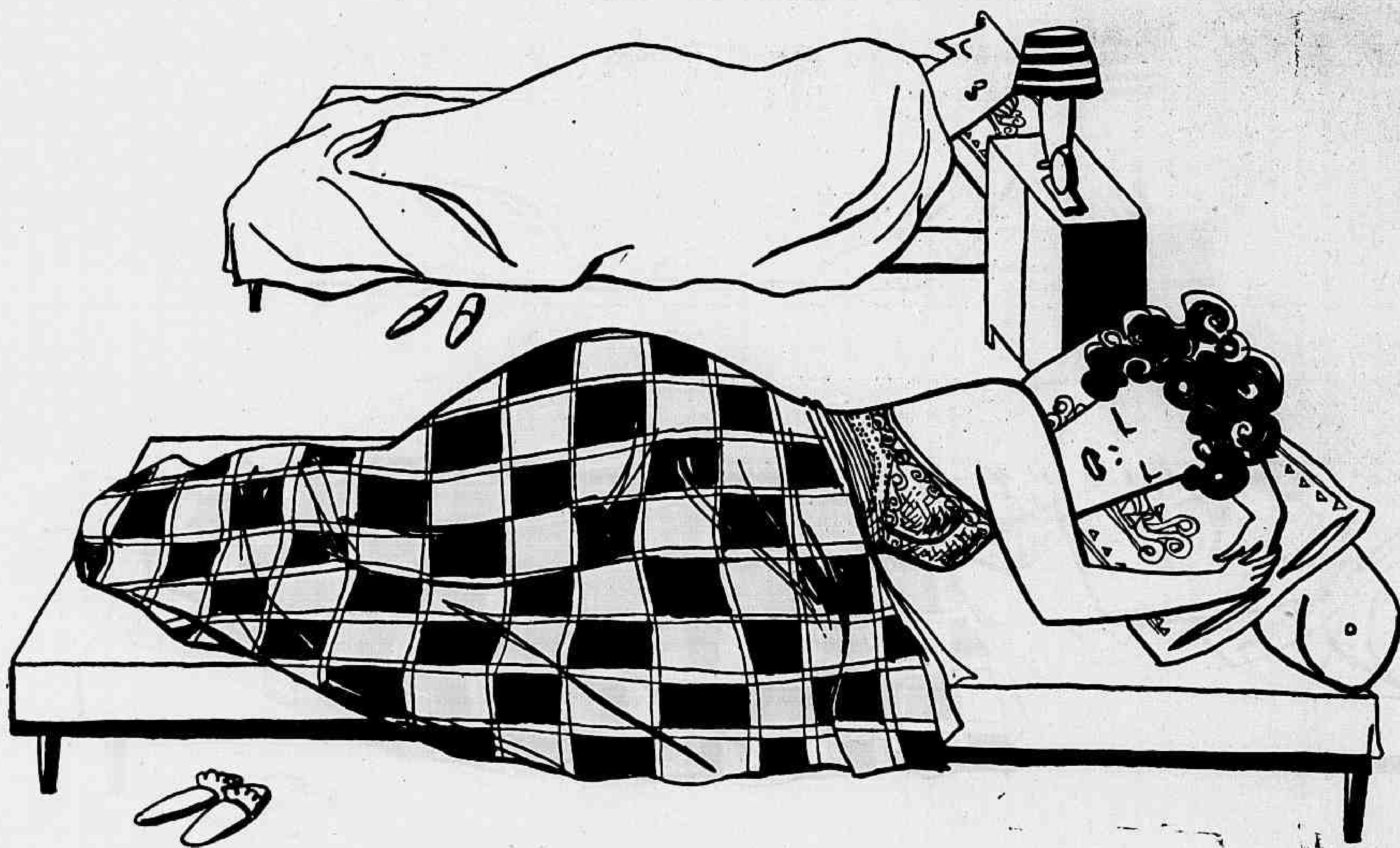
camas separadas



OS DOIS DORMIAM –
PELA INFLUENCIA DO CINEMA
DAS REVISTAS
DOS FABRICANTES DE COLCHÕES DE MOLAS
E OBEDECENDO
À HIGIENE QUE TRANSBORDA
DE CONSELHOS
TIPO
GOZE BOA SAUDE –
POIS É
OS DOIS DORMIAM EM CAMAS SEPARADAS ...

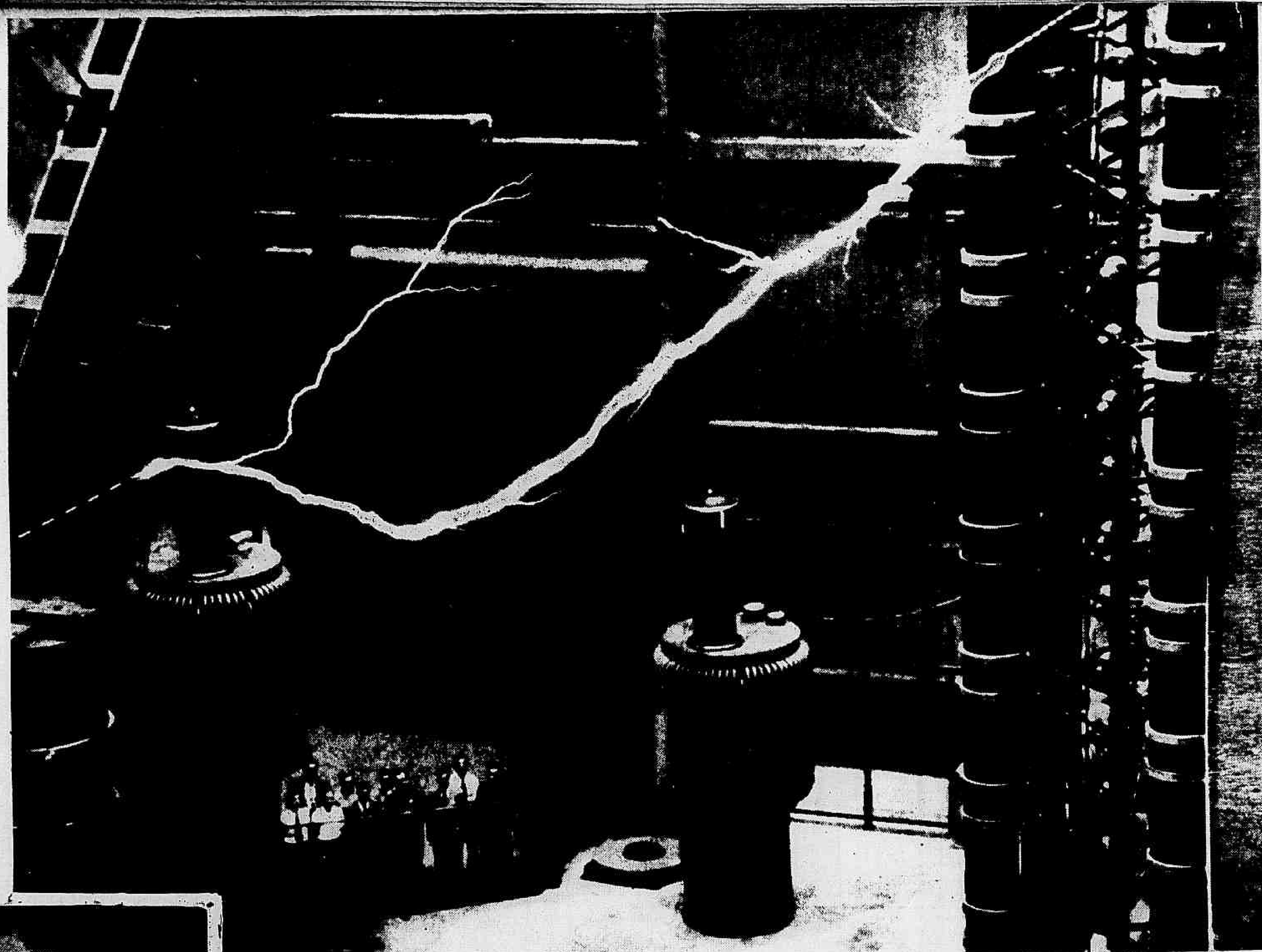
E ASSIM FOI EM
CERTOS DIAS EM QUE
DORMIAM
EM CAMAS SEPARADAS ...

E ASSIM FOI EM
CERTOS DIAS EM QUE
DORMIAM ...



E ASSIM FOI
EM CERTOS DIAS
EM QUE ...

NÃO.
ASSIM
NÃO FOI ..





O MAIOR GERADOR de relâmpagos e trovões artificiais existente no mundo, com a fôrça de 15 milhões de volts, fabricado pela General Electric, nos laboratórios de Pittsfield, Massachussetts. Ao lado, reprodução de gravura antiga, mostrando a cena histórica do papagaio de Benjamim Franklin, base do pára-raios.

AS FÔRÇAS DE JÚPITER NAS MÃOS DO HOMEM

O QUE ERA O RAIO NA ANTIGUIDADE ★ PODE A FAISCA ELÉTRICA DESTRUIR AVIÕES EM VÔO ? ★ O HOMEM DOMINOU O RAIO E O FABRICA

UM dos mais espantosos fenômenos para o homem primitivo era o raio. Em noites de tempestades, quando as trevas aumentavam no espirito do homem, o pavor do desconhecido e do sobrenatrural, as borrascas acompanhadas de descargas elétricas, raios e coriscos a descer dos céus em violentas trovoadas e chuva pesada, infundiam incrivel pavor aos pobres habitantes dêste planêta. Foi assim que a imaginação dos povos antigos criou os deuses poderosos a manipular tempestades, trovões, relâmpagos e raios destruidores.

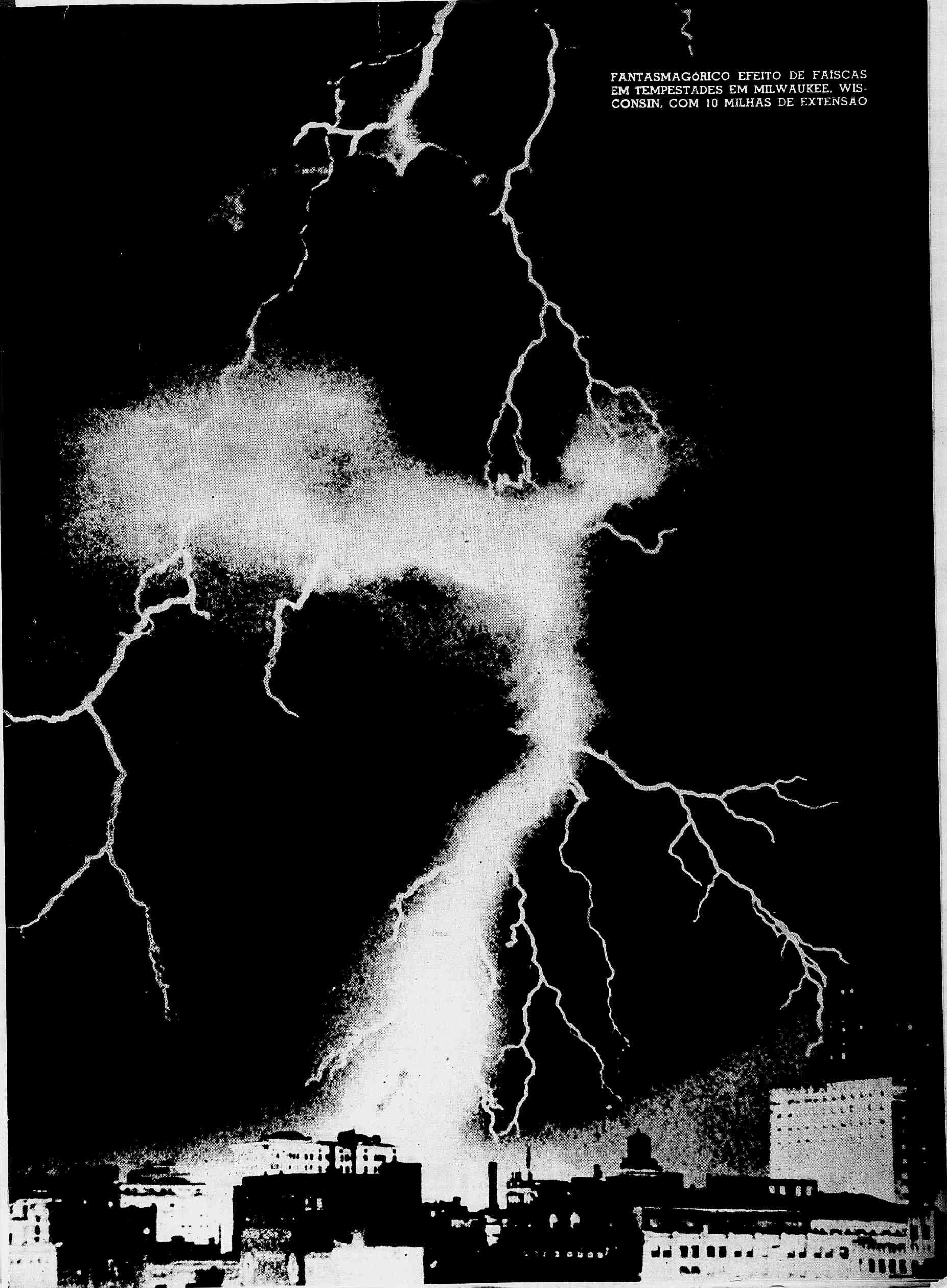
Incapaz de penetrar nos mistérios da Natureza, o homem tinha que interpretar os fenômenos meteorológicos como sendo uma manifestação de duendes vingadores, sêres



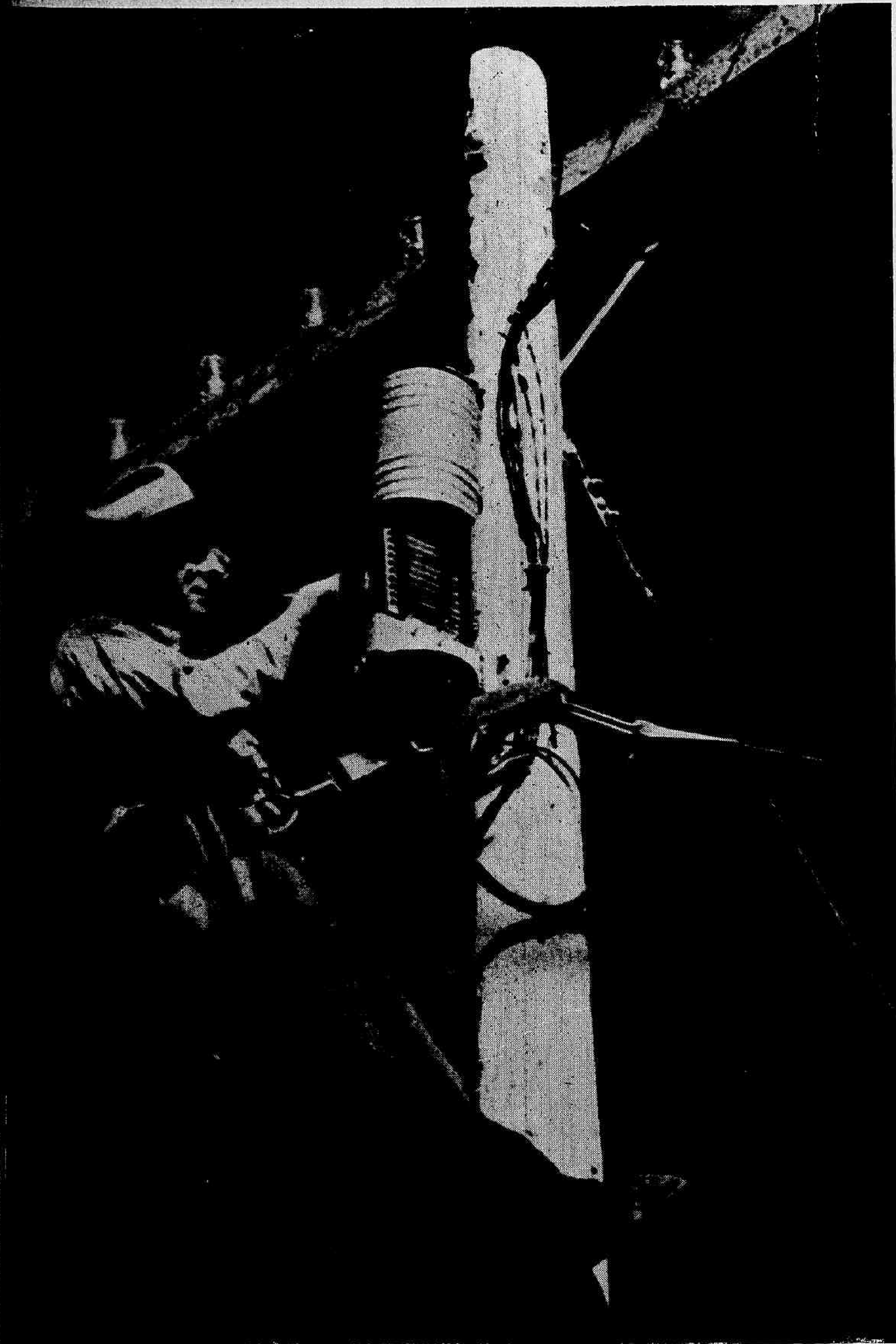




Que terá este homem? Viu fantasmas? Não! Sentado a um gerador de eletricidade estática, mostra os efeitos nos cabelos. Isto é um fosso produzido por um raio que matou 3 pessoas e feriu outras 50, na Flórida, em 1949, num campo de baseboll. Curiosa fotografia de um instântaneo de raios numa tempestade sobre a torre do «Emipe State», da cidade de Nova York.



FANTASMAGÓRICO EFEITO DE FAÍSCAS EM TEMPESTADES EM MILWAUKEE, WISCONSIN, COM 10 MILHAS DE EXTENSÃO



ENGENHEIRO PROTEGENDO POSTES telefônicos com aparelhagem contra os efeitos dos raios nas tempestades. Em baixo, experiência com um planador rebocado por aeroplanos, perto de Elmira, Nova York, sob teto carregado de eletricidade e ameaçador.



metafisicos de terrivel rancor, capazes de destruir o mundo numa noite de procela.

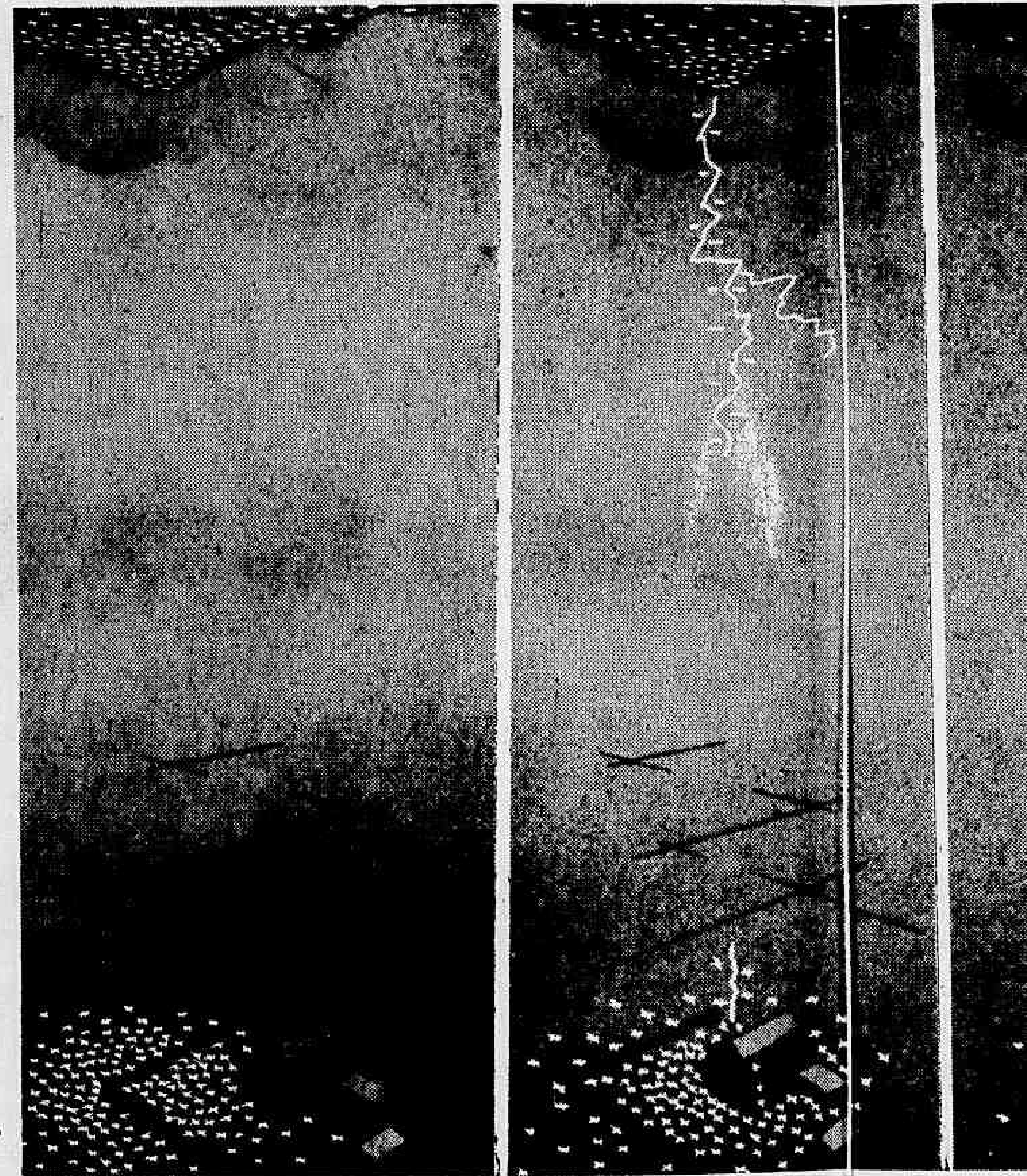
E não eram apenas os nossos indios os que acreditavam em deuses pavorosos. "Caramuru", o velho Diogo Álvares, ao livrar-se da morte atirando com sua espingardinha "pica-pau" num pássaro ao escapar do naufrágio em terras do Brasil, assombrou o selvagem e lhe arroncou a exclamação: "Tupã! Caramuru!"

Dizem os conhecedores do tupi, que isso significa: "Deus do fogo, filho do trovão". Na verdade, pela bôca humilde daquela espingardinha passarinheira, o português náufrago fêz sair um sôpro vermelho seguido de fumo e da queda da vitima de nossas florestas que salvou a civilização. O índio se lembrou do trovão e do raio. O estampido da arma reproduziu o ruido das explosões atmosféricas, e a queda simultânea da ave, o efeito fulminante do raio. Era assim que o silvicola via o relâmpago: o fuzil dos céus, tangido por Tupã, alvejando os cá de baixo, derrubando árvores, matando gente, queimando malocas cobertas de palha, sapé ou caranaís.

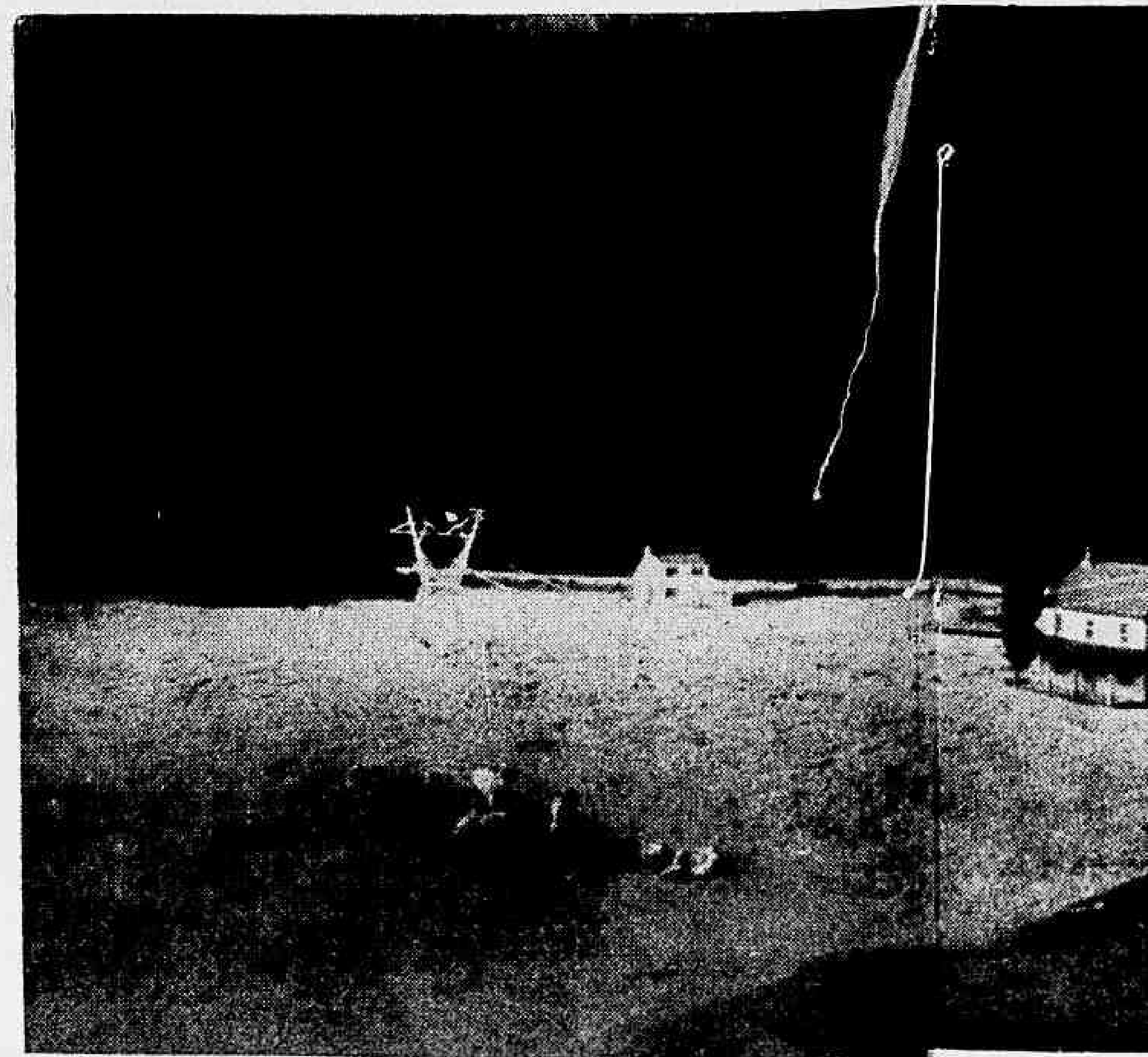
Assim era por todo êste mundo. Na Grécia, Zeus dominava o mundo e os céus. Entre os romanos, Júpiter era o mais poderoso de todos os deuses. Na Escandinávia, Thor, o temível ser sobrenatural que vingava

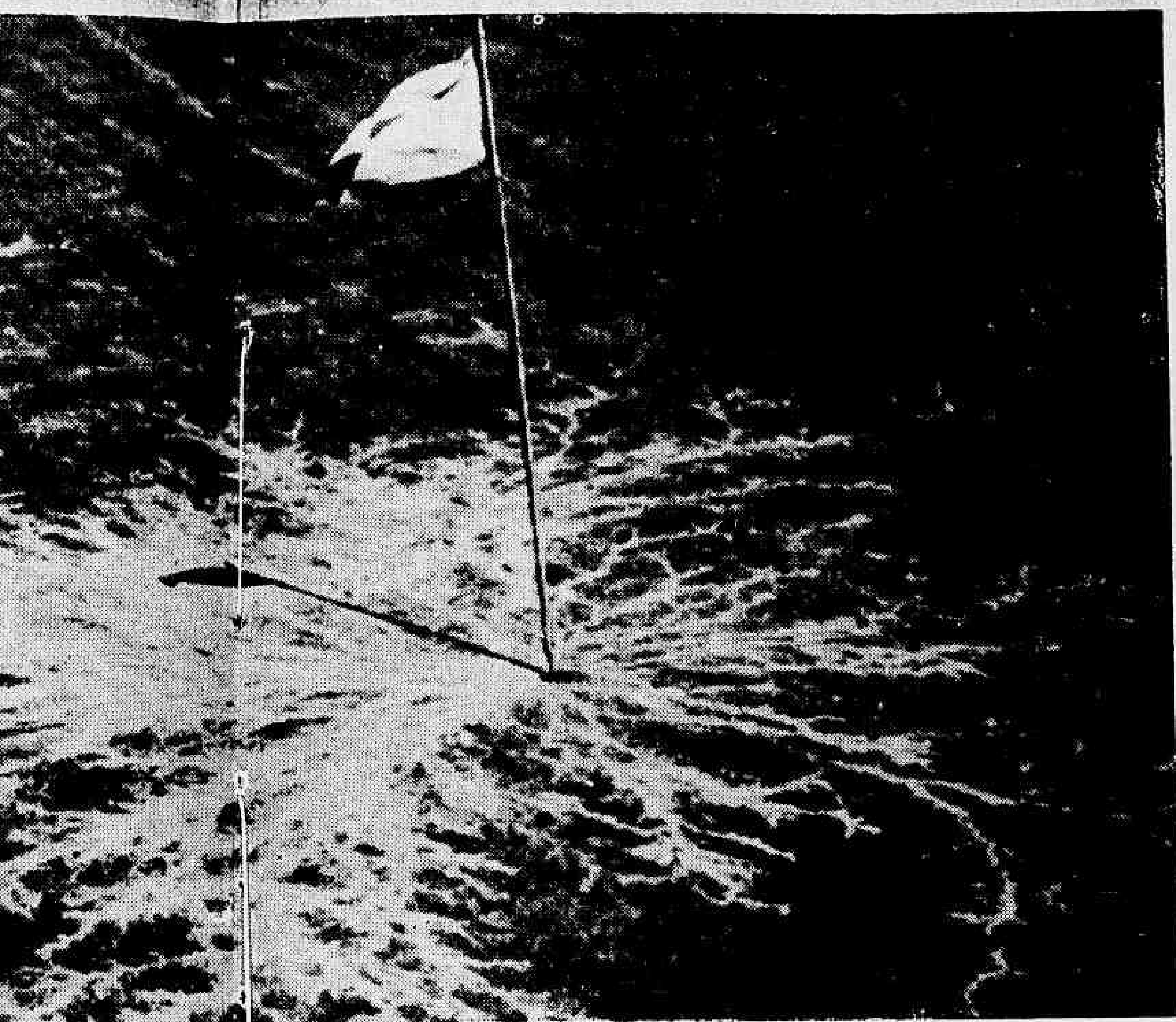


ESTRANHOS EFEITOS de um raio caido sôbre um campo de golf pertencente ao «Cl
estas impressões no gramado. Ao centro, recomposição ideológica de como se formam

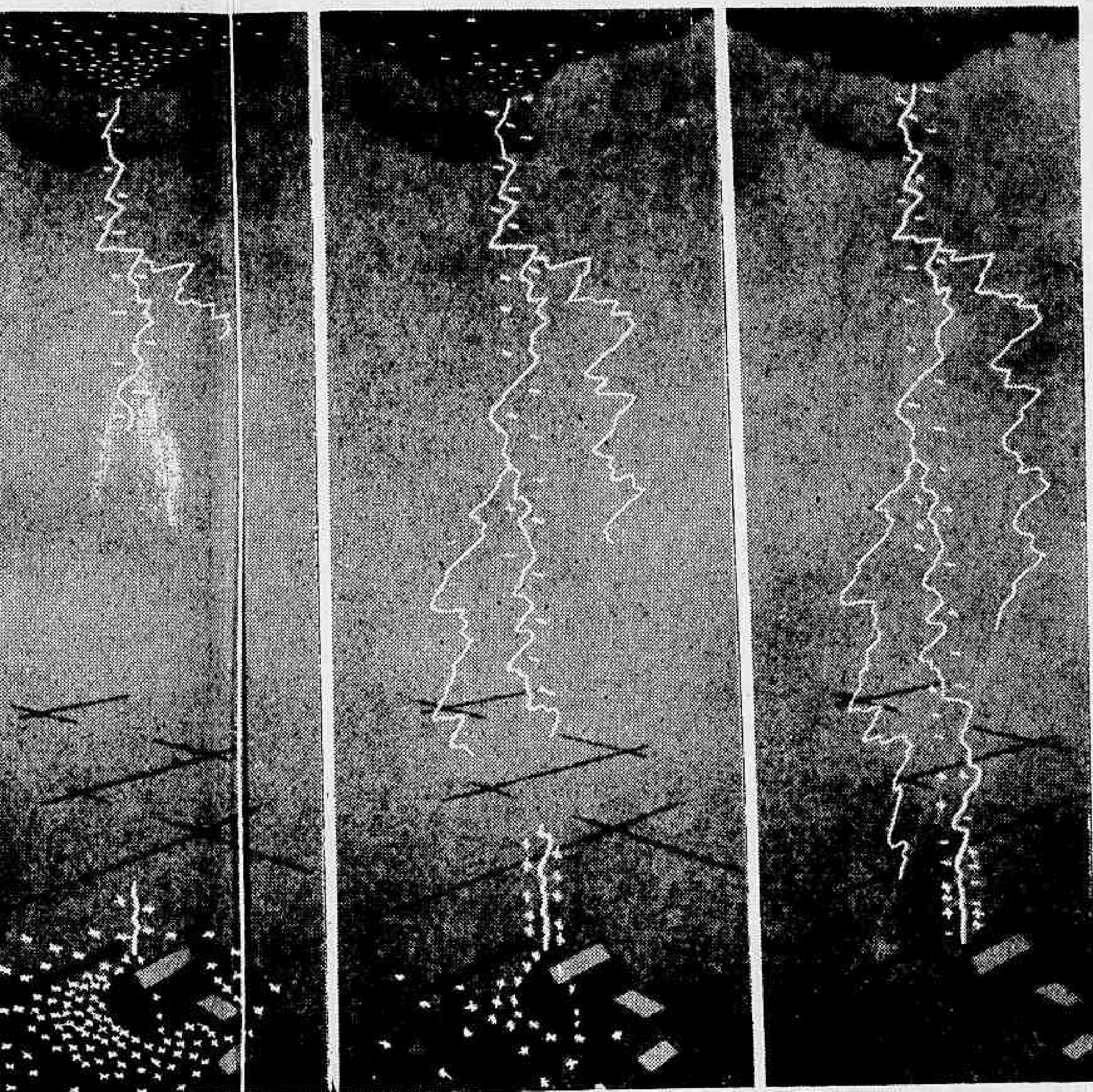


Um celeiro, com a eletricidade positiva, é alvo da negativa, vinda das nuve
mente demonstrada, graças aos engenheiros da Westinghouse numa aparelhagem

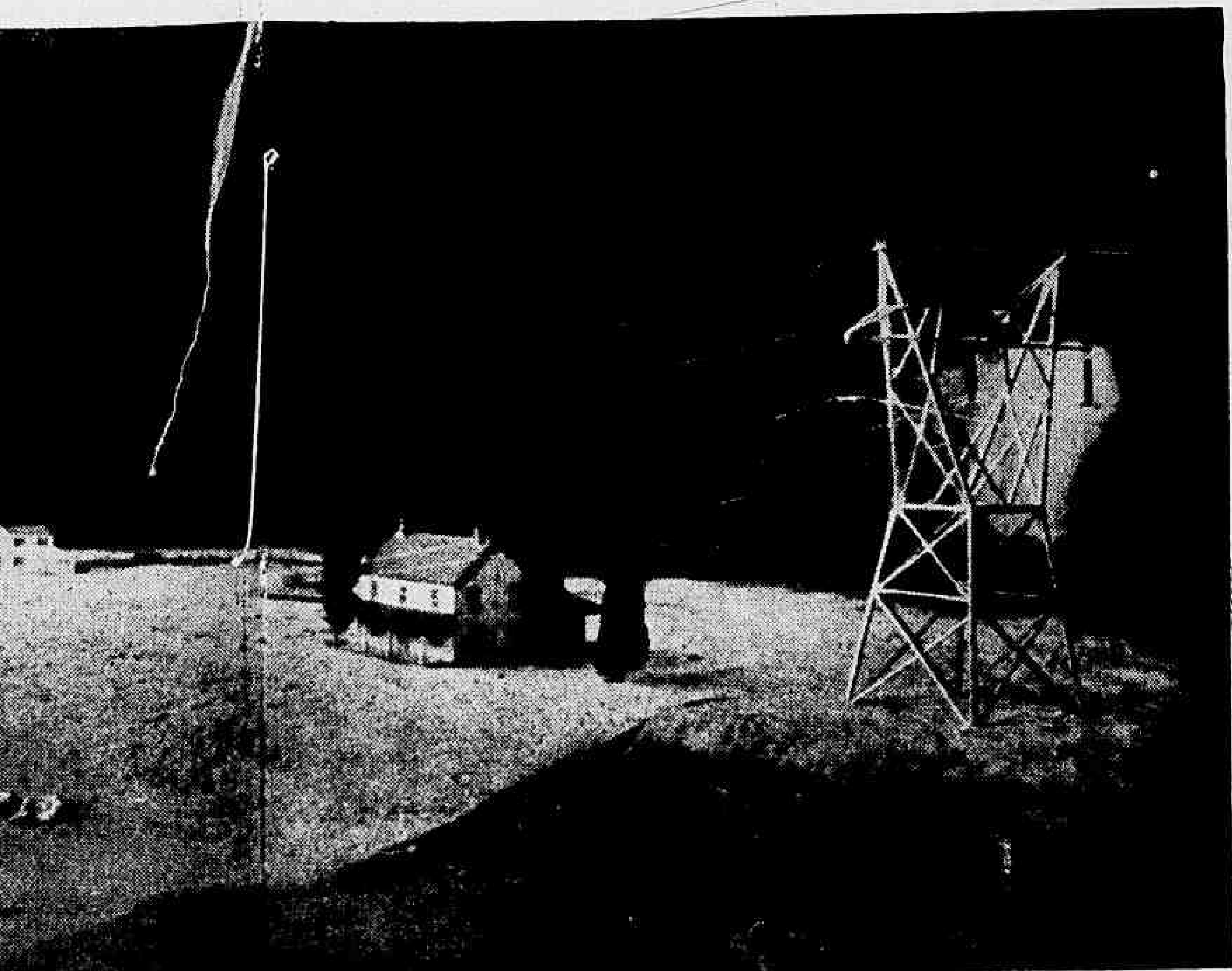


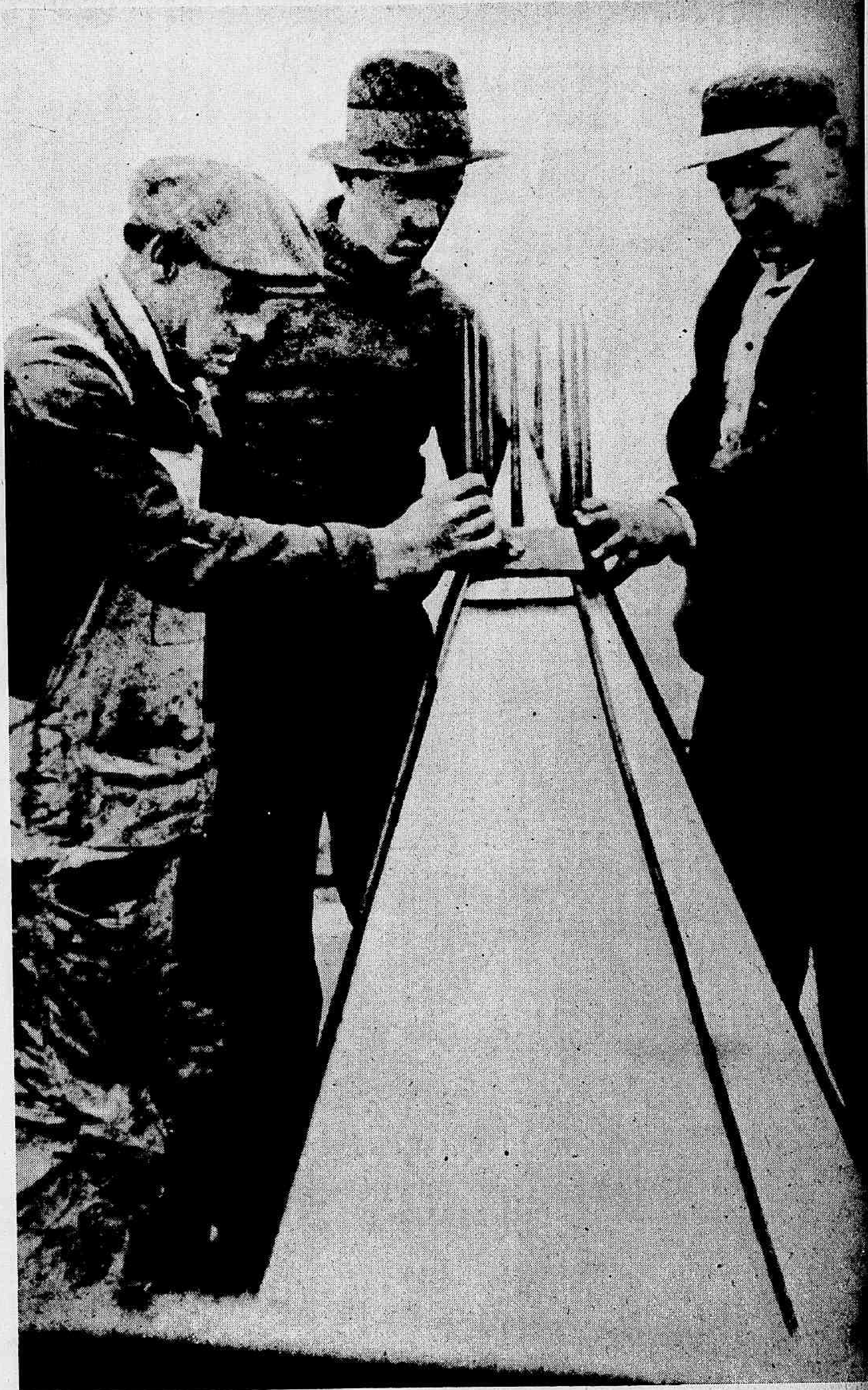


um campo de golf pertencente ao «Chevy Chase Club», próximo a Washington, D.C., deixando
osição ideológica de como se formam os raios que atingem a superfície do sôlo, árvores, edifícios.



alvo da negativa, vinda das nuvens. Em baixo: outra experiência desta vez científica-
da Westinghouse numa aparelhagem de três milhões de volts, mostrando como defender as casas





OPERÁRIOS ESPECIALIZADOS PROTEGEM o monumento de Washington, colocando as pontas dos pára-raios contra descargas elétricas. Em baixo, uma das mais curiosas experiências: o motorista recebe um «raio» de 3.000.000 de volts, sem nenhum dano.

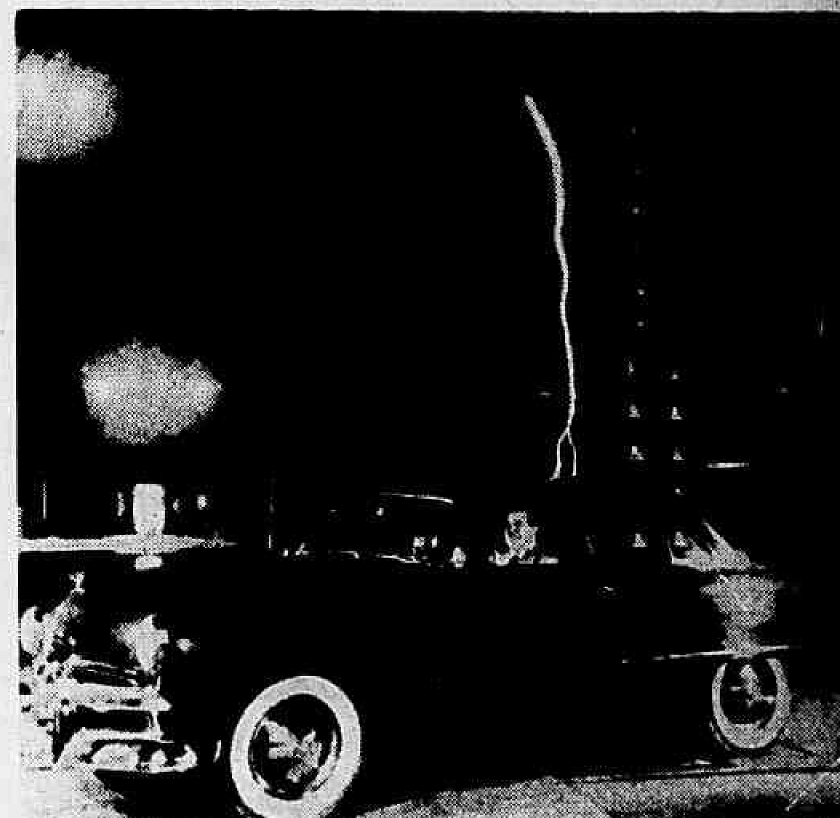
a desobediência e fulminava os pecadores com a violência elétrica dos seus raios vingadores.

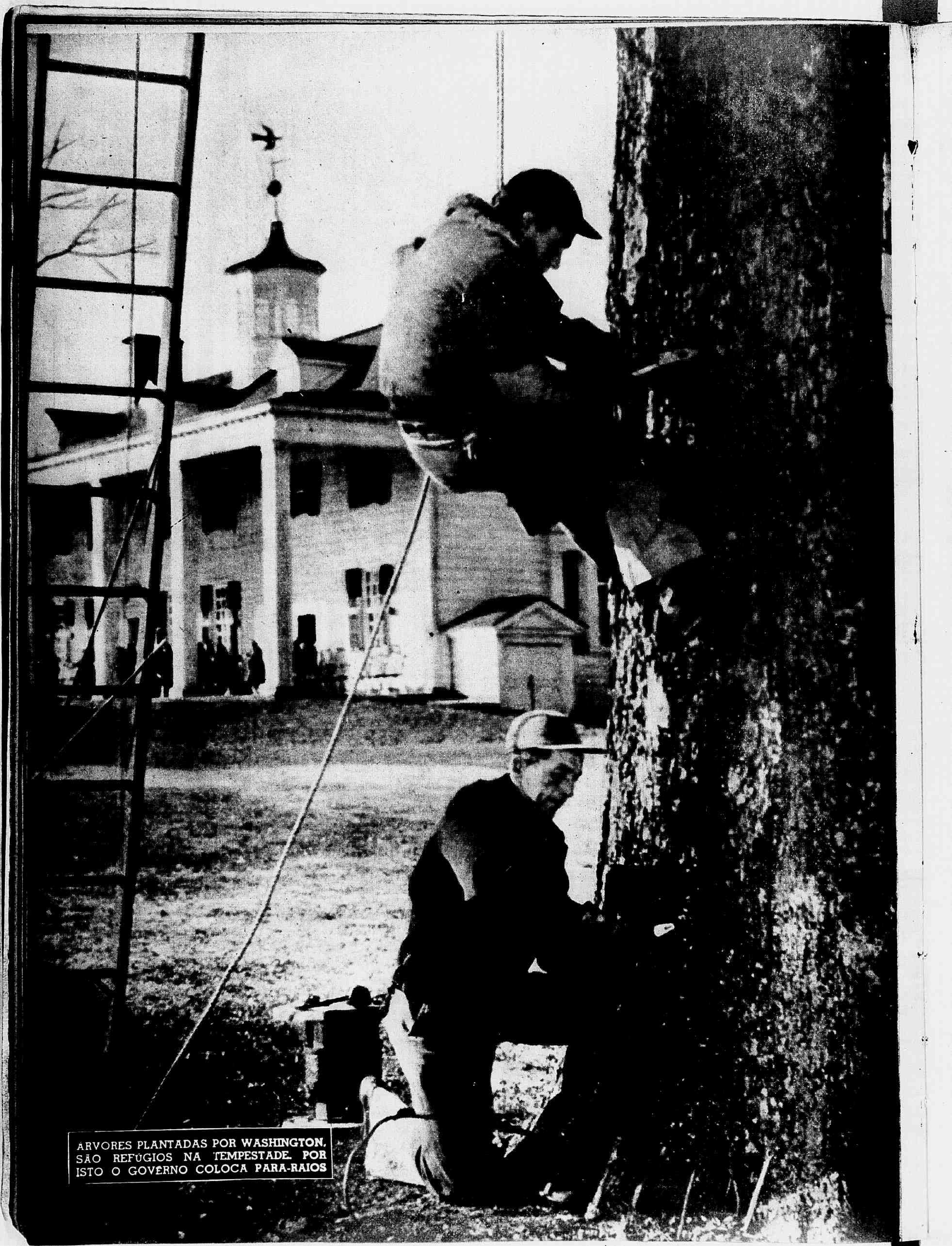
Ainda hoje, aí pelos sertões do Brasil, é comum vermos entre gente humilde e simples, as invocações a Santa Bárbara e a S. Jerônimo, os santos protetores do povo contra os perigos dos raios em horas de tempestade.

Ao lado, porém, da crença, nunca o homem deixou de investigar a verdadeira natureza de tais fenômenos que a humanidade via, sentia e temia como manifestações do sobrenatural. De etapa em etapa, chegou aquêle admirável Benjamin Franklin, que, há mais de dois séculos, descobriu o pára-raios, dominando as fôrças de Júpiter e anulando os efeitos destruidores dos coriscos.

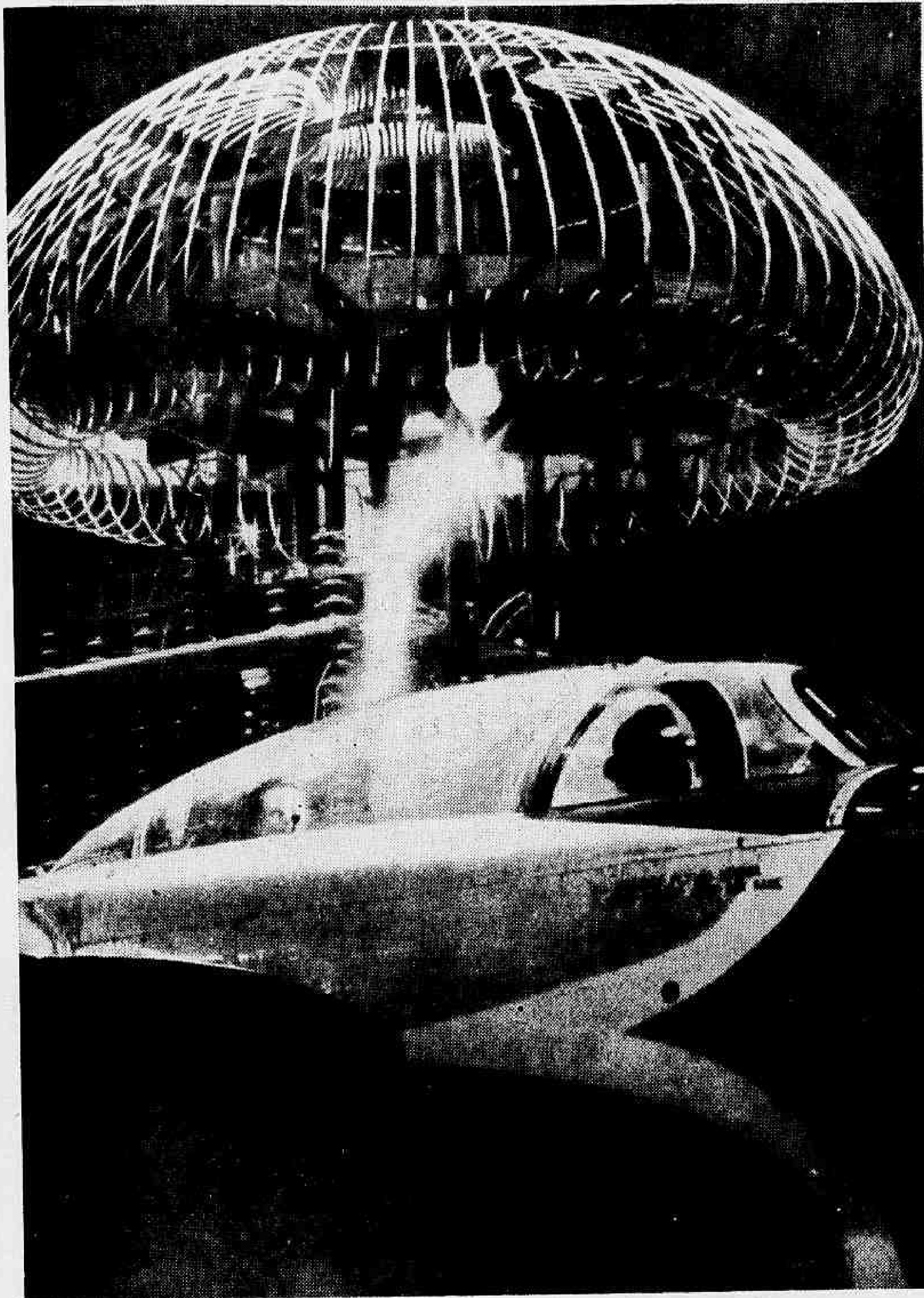
Uma das maiores curiosidades dessas faiscas que as nuvens nos mandam em combinação com a eletricidade positiva da Terra, é a engenhosa maneira de praticar seus efeitos no homem, várias vêzes de explicação dificílima, senão impossível.

Faz poucos dias, no Rio Grande do Sul, uma faisca elétrica, durante uma tempestade, atingiu uma casa, percorreu-lhe a sala de jantar, queimando o paletó do chefe da família, saiu pela cozinha e derrubou a casa vizinha.

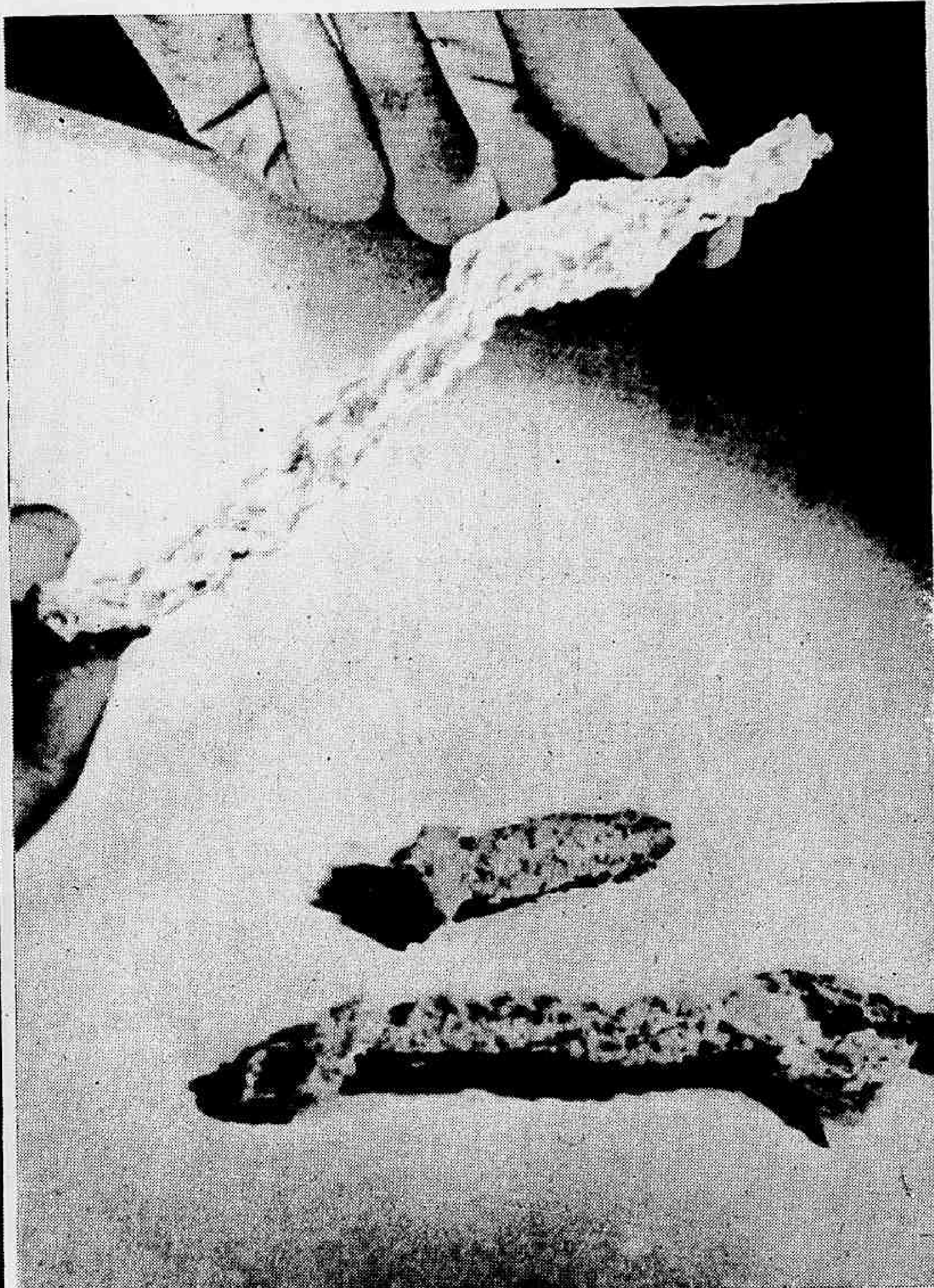




ÁRVORES PLANTADAS POR WASHINGTON, SÃO REFÚGIOS NA TEMPESTADE. POR ISTO O GOVÊRNO COLOCA PARA-RAIOS



INTERESSANTE TESTE REALIZADO em Wilmington, Ohio, pela «United States Air Force's All-weather Flying Center», mostrando que um raio nenhum efeito teria se atingisse um avião metálico.



ADIVINHA O LEITOR o que é isto? Pois fique sabendo que é um «colar» de areia fundido num tubo por uma descarga de eletricidade de raio artificial no Laboratório de Westinghouse

Em Nova Jersey, Estados Unidos, estava um fazendeiro a ler calmamente à luz de uma lâmpada, quando começou a estrondear a borrasca. Nuvens pesadas e ameaçadoras, carregadas de eletricidade, iniciaram o bombardeio para o solo, mandando faiscas acompanhadas de trovões ensurdecedores.

O fazendeiro continuou a ler. Súbito, um relâmpago clareou desmedidamente a habitação, e, simultâneamente, uma faisca dos céus atingiu o homem na cabeça, chamuscando-lhe o crânio todo, mas sem causar outro qualquer dano. Não sabemos se essa operação privou o novajerseiano de sua bela cabeleira, convertendo-o num careca "made in bolts", ou seja, obra do raio. Mas, se tal aconteceu, a esta hora o homem deve achar que foi vitima de um "raio que o parta"...

Mas isso ainda não é nada para mostrarmos aos leitores as artimanhas e esquisitices dos raios. Narram as crônicas nos Estados Unidos que, num lago em Maine, estavam dois rapazes a dormir sossegadamente em sua tenda de campanha, quando rebenta uma tempestade com aquela tremenda música de pancadaria obrigada a fogos de artificio.

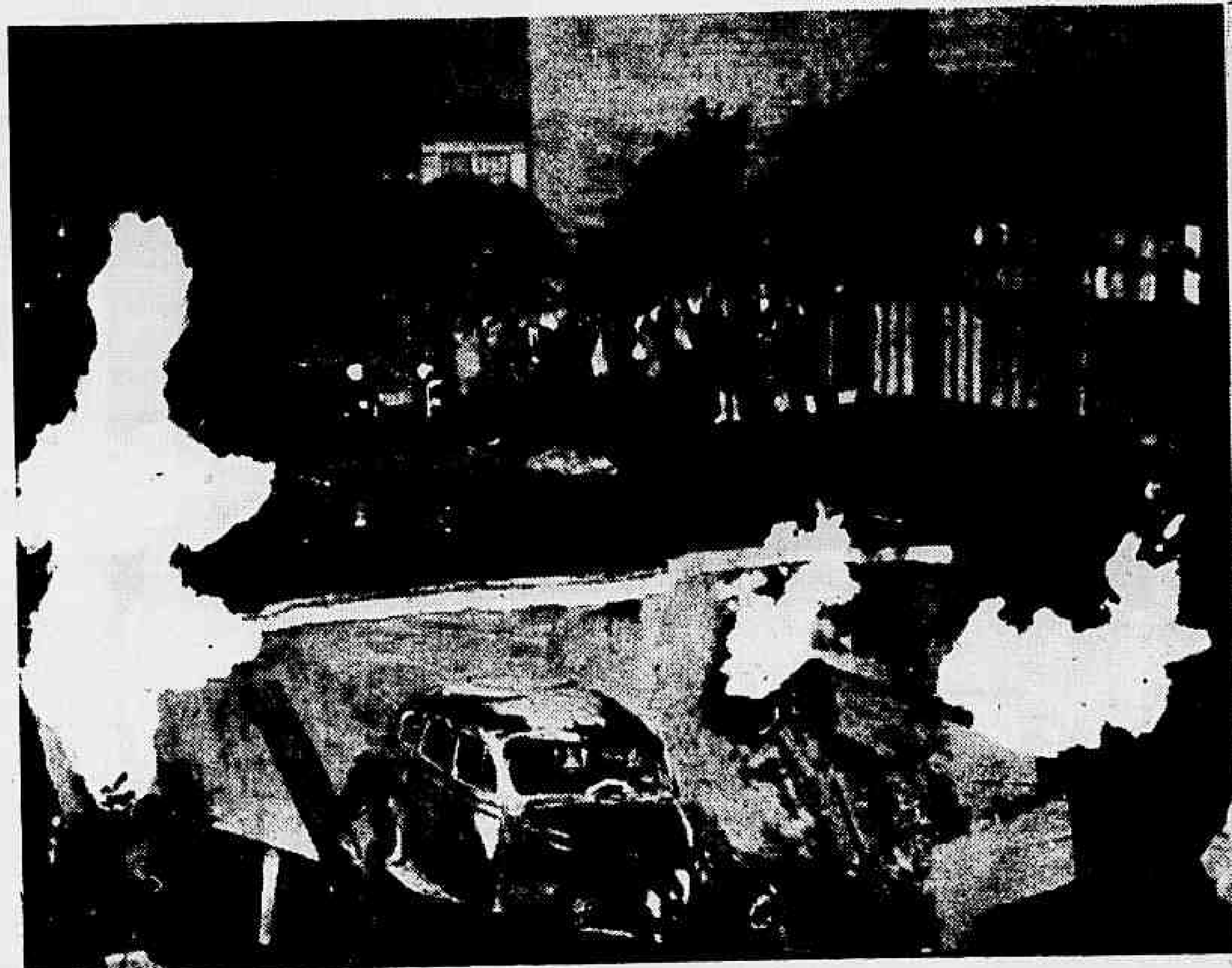
Nada viram, nem ouviram, pois dormiam profundamente. Ao acordarem na manhã seguinte, verificaram que estavam com paralisia parcial, isto é, imobilizados da cintura para baixo, além de queimadura nos pés e pernas. Ao lado dêles, porém, um machado estava completamente fundido! Fôra um raio, que, durante a tempestade, os visitara sem a menor cerimônia, atacando-os daquela maneira, mas lhes roubando o seu machado de trabalho.

Contudo, submetidos a tratamento, a paralisia se foi dentro de poucos dias e êles ficaram com a experiência de uma noite de borrasca à margem de um lago no Maine.

A lista dessas habilidades elétricas dos emissários das nuvens quando se unem às irradiações da Terra, é muito longa. Não há lugar que não registre um episódio, por vêzes divertido, e, outras vêzes, doloroso.

Em Minneapolis, um raio atirou, violentamente, uma excelente máquina de escrever que estava sôbre uma mesa, lá para

(Cont. na pág. 48)



VISAO DRAMATICA de canos de gás que estouraram durante uma tempestade em Brooklin, arrastando um automovel, tudo causado pelos efeitos de um raio que inflamou o gás, ameaçadoramente.



ESTRAGOS PROVOCADOS por um raio numa ponte de Columbus, Ohio, tendo morrido uma pessoa e várias outras arremessadas nas águas. Uma bomba não teria feito maiores danos e menos ruido.

VOTAR EM

CRISTIANO MACHADO

E' DAR AO BRASIL

UM VOTO

DE PROGRESSO,

DE PAZ

E BEM ESTAR SOCIAL

CRISTIANO MACHADO



O CANDIDATO DAS FORÇAS DEMOCRATICAS NACIONAIS

PERIGOSA AVENTURA

A manhã clara e alegre estava presente em tôdas as coisas e a graciosa detective, afundada ainda em sua cama em desalinho, distendeu os membros preguiçosamente, como o faria uma gatinha. Os leitores devem estar lembrados ainda de Peggy Stone, a detective que, revestindo-se de dupla personalidade conseguiu desvendar "O Mistério do Colar de Safiras". Tê-la-emos agora em mais uma de suas aventuras. Um sorriso beatífico dava-lhe um ar infantil, pois o seu pensamento estava repleto de imagens de colorido agradável. Recordava o lindo carro que havia adquirido ao resolver o seu último caso, um "Pacard" que deixaria água na bôca de qualquer ricaço. A campainha da porta veio interromper seu devaneio. A jovem saltou da cama, enfiou o negligê por sôbre a camisola, calçou os leves chinelinhos e foi atender ao chamado.

A atlética figura do tenente Cummings tomava quase todo o espaço da porta.

— Miss Stone...

— Tenente Cummings! Que surprêsa! Entre, faça o favor. Não repare na desordem do meu apartamento. Estou levantando agora.

Cumings relanceou o olhar pela minúscula sala. A porta que dava para o quarto estava aberta e êle pôde ver a cama em desalinho e a êsse quadro, um estremecimento percorreu-lhe a espinha.

— Aceita um cafèzinho? — a voz de Peggy veio muito meiga ao seu ouvido.

— Se não fôr muito trabalhoso...

— Qual nada! Vou mesmo fazer um pouco para mim.

Em cinco minutos de espera em que o severo tenente estivera mergulhado em perigosos devaneios, Peggy pudera não só preparar o café como trocar de roupa e dar rápida arrumação em seu quarto.

— Aqui está. Vamos ao café. Gosta com, ou sem leite?

— Apenas uma pequena xícara.

— Pois vou fazer uma refeição reforçada. Não sei a que horas poderei almoçar. Aqui estão os ovos, as torradas e o leite. Não faça cerimônia.

— Miss Stone... — começou Cummings vacilante. — Eu preciso do seu auxílio em certo caso que me está deixando maluco.

— Mais crimes? — perguntou parando de mastigar.

— Pior do que um simples assassinato: espionagem, sabotagem e pirataria.

— Não diga! Contra quem, tudo isso?

— Contra a América! Conseguimos saber que o "testa" de tudo é um cidadão residente em Nova York. Nossos agentes conseguiram descobrir que a fonte de todos os acidentes criminosos está situada em nossa cidade.

— Não estou compreendendo, tenente. Sei que o senhor pertence ao batalhão de homicídio e nesse caso... o que pode ter em comum com crimes de outros setores?

— Gostei de sua observação, miss Stone. Acontece que um de nossos colegas foi assassinado por ter descoberto certos fatos relacionados com um cidadão aparentemente respeitável: Êle telefonou para a chefatura afirmando ter descoberto coisa grossa contra um de nossos maiores industriais da borracha e que estava com um valioso relatório em seu poder que nos entregaria tão logo chegasse, pois estava já, a caminho da chefatura.

— E os relatórios? — perguntou Peggy, que já esquecera inteiramente o café.

— Reginaldo, o nosso agente, jamais chegou com tais papéis. Passadas três horas resolvemos procurá-lo e não tardamos em encontrar seu carro... com seu cadáver ensanguentado.

— Miseráveis!

— Os relatórios haviam desaparecido. O pior é que Reginaldo não nos disse o nome do industrial e você sabe que temos três principais na indústrias da borracha.

— Weeby & Weeby... Charlie Hayne & Cia. e o solitário Victor Hawkins, milionário que se dedicou à importação da borracha bruta do Brasil.

— Vejo que você está bem informada e isso já é uma grande vantagem para nós.

— Que auxílio posso prestar no caso?

— Um auxílio simplesmente valioso. Precisamos descobrir qual dêsses industriais é o chefe dos criminosos.

— O que o faz pensar que poderei descobrir êsse monstro?

— Você descobriu Marty Stuart e descobrirá agora o industrial.

— Qual o seu plano de ação?

— Precisamos investigar diretamente a vida dos nossos suspeitos: Weeby & Weeby os dois irmãos sócios da mesma casa, quase que são insuspeitos, pois suas atividades são as mais limpas possíveis. Charlie Hayne deu o nome a uma companhia constituída com o capital de quatro ricaços que recebem seus lucros pontualmente. Êsse não nos dá preocupação. Temos agora o solitário Victor Hawkins. Sabemos que êsse milionário resolveu empregar sua fortuna na indústria da borracha. Sabemos ainda que não admitiu nenhum sócio e que seu negócio é o mais próspero possível. Precisamos saber tudo quanto se relacione aos seus negócios.

— Independente da morte do agente Reginaldo, o que mais foi feito contra a coletividade?

— Lembra-se da explosão ocorrida no cais onde estava armazenada a borracha destinada ao exército? Pois não foi acidente como os jornais publicaram. Foi sabotagem. Descobrimos vestígios iniludíveis de incêndio provocado. Ficamos calados para não despertar a atenção do criminoso. Naquele incêndio perdemos algumas toneladas de borracha. Mais tarde, um de nossos caminhões de transporte foi roubado durante o trajeto. Temos centenas de agentes investigando, mas até agora nada ficou apurado, a não ser o caso Reginaldo. Dias depois do incêndio recebemos cartas de vários industriais da borracha oferecendo-nos por preço módico, grandes quantidades dêsse material.

— E' um caso complicado. Agora pode deixar que farei tudo ao meu alcance para descobrir alguma coisa.

(*Cont. na pág.* 49)

NOVELA DE LYSA CASTRO



POEMAS DO TÉDIO

HÁ muitos. O tédio tem sido um grande inspirador. Hoje, está fazendo um dia fastidioso, um dia amargo, enorme e vazio como uma grande bola de nada. Então, entre as recordações, voejaram alguns poemas de tédio. Os pequenos poemas do tédio. Aquêle de Álvaro Morera:

"Acreditei na vida e a vida em mim. Depois,
Desandamos a rir de nós mesmos, os dois."

Há um também, muito bom, do nosso saudoso João Alfonsus, o prosador de "Galinha Cega" e de "Totônio Pacheco" e que também fêz versos. E' êste:

TOADA À TOA

(Lombeira)

O diabo é que a vida
Nem sempre, porém...
Toada da onda
Que vai e que vem.

Mas da onda de onde?
Até nem sei bem...
Ora bolas!
Da onda
Que vai e que vem...

★

Guilherme de Almeida nos deu "À toa", de "Poesia Vária", seu livro mais recente:

O fio do meu destino
partiu-se no teu caminho
e vou à toa.
O fim do meu passado
partiu-se na tua estrada
e vou à toa.
Partiu-se no teu caminho
por isso tu não és minha
e vou à toa.
Partiu-se na tua estrada;
por isso vou desnorteado
e vou à toa.

★

Os poemas do tédio têm que ser curtos, assim. Quando são grandes, extensos, não exprimem bem essa negação absoluta que podemos sintetizar naquela expressão tão grata a uma voz amiga que me repete sempre: nada não vale nada.

E, para finalizar esta breve antologia, um poemeto em que certo filósofo rústico da minha província, uma vez me ensinou o tédio, a indiferença, a inutilidade dos esforços, na sua espontaneidade, na sua inocência:

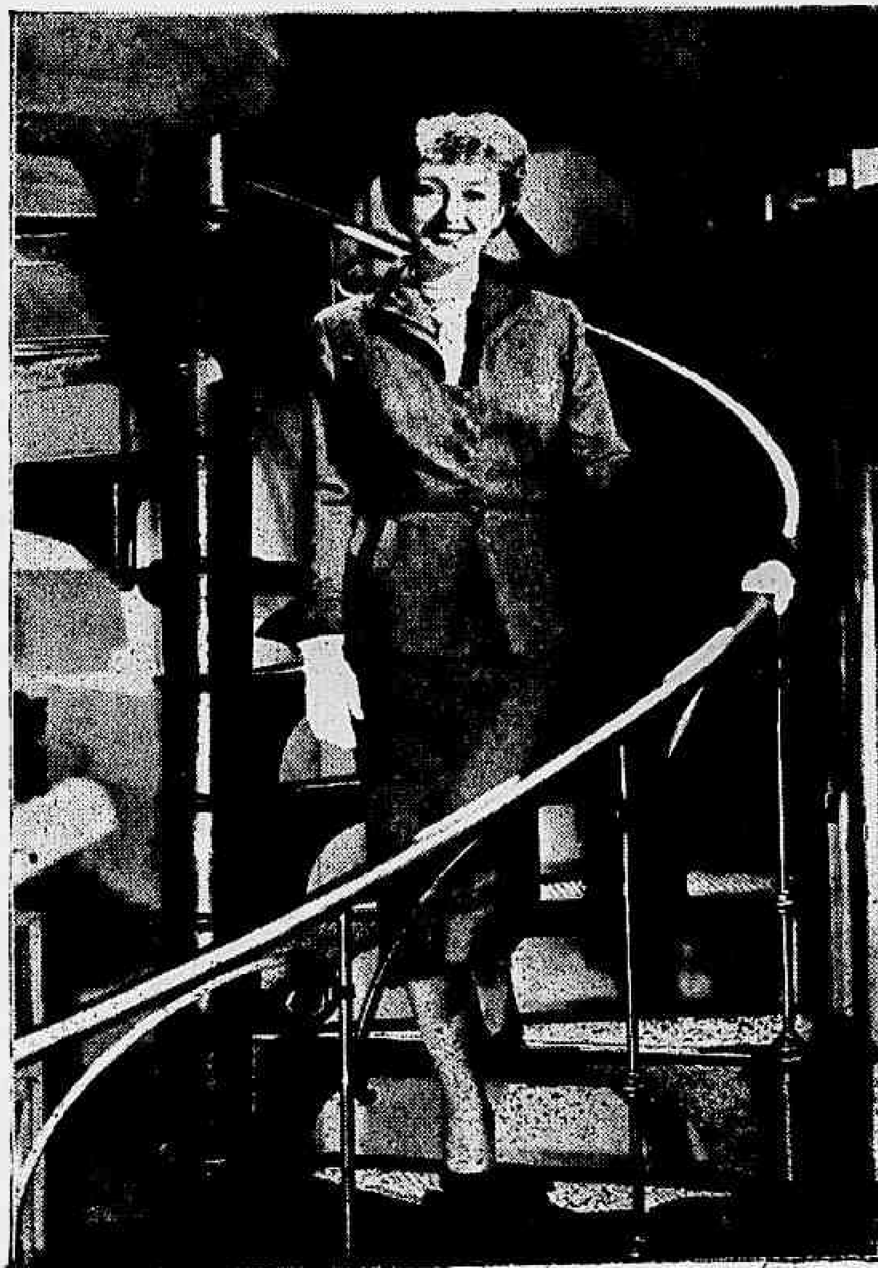
Tudo no mundo
é assim. E' assim
tudo no mundo.

LYSE



MODELOS VARIADOS

HOLLYWOOD contribui nesta página com alguns sugestivos e variados modelos; em cima Jane Greer, (R.K.O.) com um modêlo em seda preta estampada, em baixo da esquerda para a direita. Celeste Holm (FOX), num «tailleur» em casemira mescla, Patrícia Neill (Warner) saia de linho branco «sweater» de lã azul-marinho, e novamente Celeste Holm (FOX), num casaco em lã quadriculada.





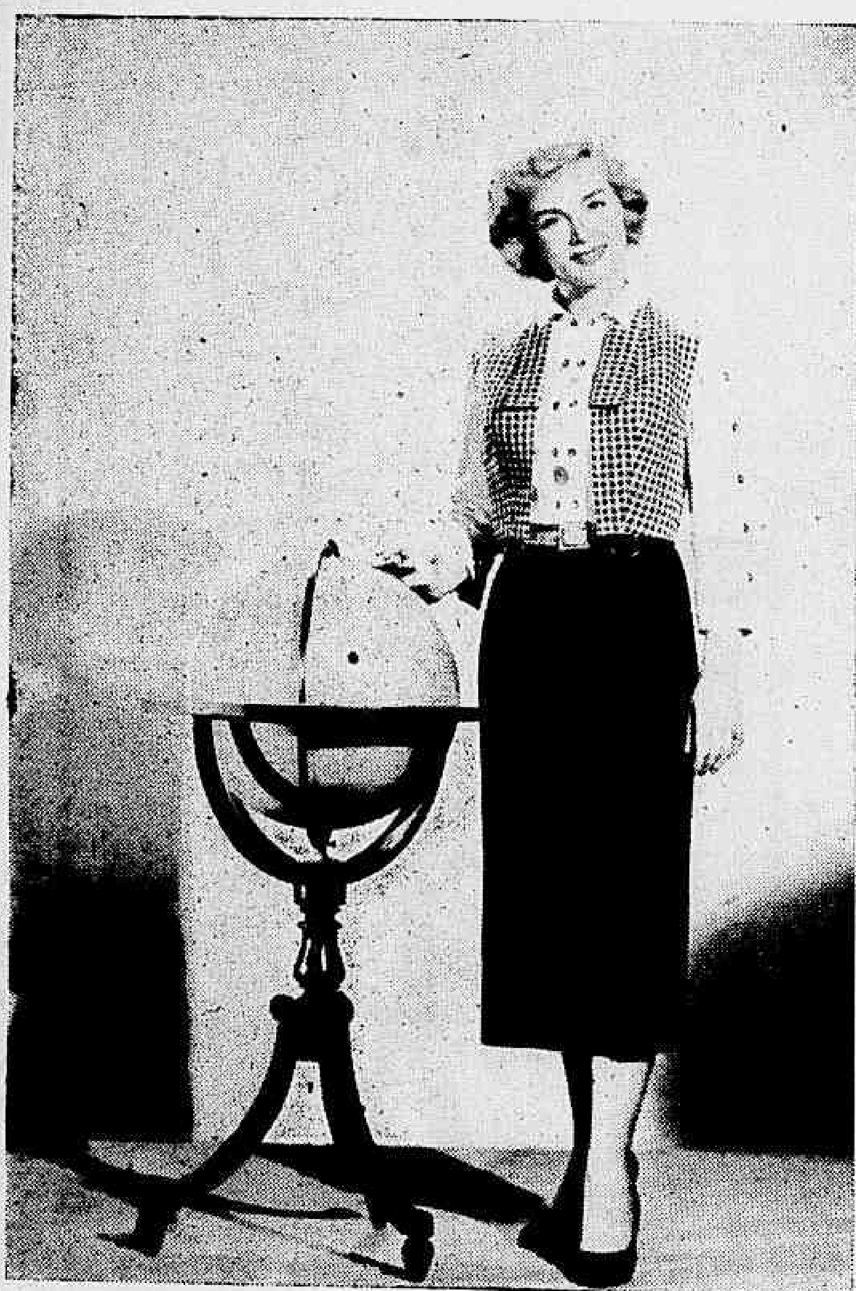




SUGESTÕES DE LIZABETH SCOTT



DA nova geração de estrelas de Hollywood, Lizabeth Scott é sem dúvida uma das mais belas e promissoras figuras, dona de uma beleza diferente e de uma elegância a toda prova, Lizabeth dita a moda para milhares de fãs de todo o mundo. Nesta página vemos a loura estrela da R.K.O., exibindo algumas das mais recentes creações do seu guarda-roupa de artista. À esquerda de cima para baixo temos: modêlo para jantar em seda branca com grandes flôres estampadas em côres vivas, ao centro, um juvenil conjunto constituido de saia de lã preta, bluza em seda branca, adornada com botões, e casaquinho em fina lã quadriculada em vermelho azul e branco; em baixo, para a tarde, um sugestivo traje em azul marinho com casaco amplo em lã mescla. Na foto abaixo Lizabeth exibe uma sugestiva e audaciosa creação para noite em crepe branco, saia ampla, busto bem descoberto, notar a original colocação das flôres, na parte interior do decote. Na página ao lado temos um dos mais originais modelos da coleção de Miss Scott, um gracioso modêlo para cock-tail, em musseline branca, decote amplo, busto simples ornamentado apenas por flôres de côres vivas aplicadas com originalidade.

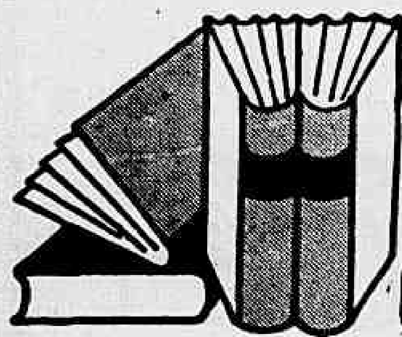




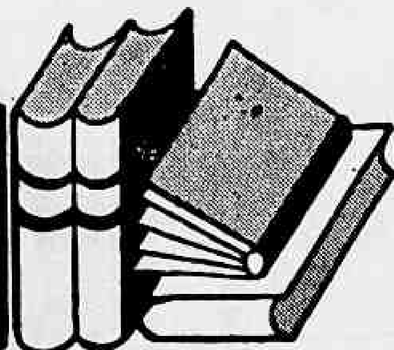




MOUSSELINE BRANCA
Flores aplicadas no busto



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ALBUM DE FAMÍLIA



Domingos Olímpio

DOMINGOS OLYMPIO cujo centenário de nascimento comemoramos a 18 de setembro era cearense. Domingos Olympio Braga Cavalcanti nasceu em Sobral a 18 de setembro de 1850; há um século, portanto.

Estudou preparatórios em Fortaleza, e formou-se na Faculdade de Direito do Recife.

No Ceará, para onde regressou, depois de formado, exerceu a advocacia e o jornalismo literário e político, e foi promotor público de sua cidade natal.

Após algum tempo de residência em Belém, ao que o levaram contingências políticas, mudou-se em 1890, para a Capital Federal, entregando-se às habituais atividades — advocacia e o jornalismo (êste, agora, apenas literário).

No govêrno de Floriano, fêz parte da missão Rio Branco, em Washington, a qual defendeu os direitos do Brasil na gestão das Missões.

Publicou os romances «Luzia Homem» (1903) e, numa revista «O Almirante».

Faleceu em 1906, deixando inédito dois romances e diversas peças teatrais, além de vários contos. Um dêstes é «Hidromel», que abaixo se lê, enviado ao «Diário de Notícias» por pessoa da família do escritor. A julgar por essa produção, o contista fica a sensível distância do romancista poderoso de «Luzia Homem»; em todo caso, oferece-se ao leitor ocasião de conhecer novo aspecto da personalidade literária de Domingos Olympio. — A.B. de H.

ATRAVÉS DOS SUPLEMENTOS

A política não deixa muitos vagares para o leitor viajar um pouco pelos suplementos dominicais. Em todo o caso, pudemos ler três deles, neste domingo, 17 de setembro, data do centenário do nascimento do poeta Guerra Junqueiro.

★

Iniciamos a excursão pelo «Letras e Artes» de «A Manhã». Primeiro, um bom artigo de Duhamel sôbre Valéry. Bom mesmo e, também, claro, o que é raro de se encontrar, quando a turma escreve sôbre Valéry. Entre outras coisas, aquêle alexandrino involuntário de Bergson, quando falou de Valéry: «Ce qu'a fait Valéry devait être tenté».

Outro artigo, não tão bom, mas interessante, é o de João Gaspar Simões sôbre Graham Greene. O mais curioso, nesse artigo, é que o autor começou demonstrando uma tese e concluiu exatamente pelo oposto. Afirma êle inicialmente que a divulgação da literatura inglêsa pelas traduções francesas tem conduzido a muitos equívocos. Grandes nomes inglêses, aceitos no estrangeiro como tais, não gozam de nenhum prestígio na Inglaterra. Cita Pöe, Morgan, outros — de língua inglêsa — inclusive Greene. E, então, é obrigado a descobrir que, neste caso, pelo menos, o equívoco deve ser dos inglêses... De passagem, o grande crítico português comete também o seu equivocosinho, quando acha que Morgan «é um misto de George Ohnet e de Oscar Wilde».

Adiante, vem uma transcrição da entrevista que o jornalista luso Alvaro Bordalo obteve de Teixeira de Pascoais, sôbre Fernando Pessoa. Disse Pascoais que Fernando Pessoa não é poeta... Quantos equívocos por êsses mundos! Mas vale a pena transcrever um pouco dessa transcrição, com a opinião de um grande escritor sôbre um grande contemporâneo, para que se veja até onde pode conduzir um êrro fundamental de apreciação. Aqui está:

«— No meu entender, porém, não foi poeta. Repare: não digo que foi mau poeta. Digo que não foi poeta, isto é, nem bom nem mau poeta, foi-o só com exclusão de todos os outros, desde Homero até aos nossos dias... Veja a «Tabacaria»: não passa de uma brincadeira. Que poesia há ali? Não há nenhuma, como não há nada, nem sequer cigarros!... Fernando Pessoa tentou intelectualizar a poesia e isto é a morte dela. E' roubar o espontâneo à alma humana, isto é o que ela tem de Alma Universal ou de poder representativo da realidade. Veja o poema (poema?) que começa: «O que nós vemos das coisas são sa coisas...» Isto não é poesia nem filosofia, nem nada. Não é poesia, porque nessa visão das coisas elas mostram apenas a sua superfície, criada pelo seu primeiro contacto com a nossa sensibilidade, e portanto, sua mais falsa aparência. Não é fisolofia, porque sôbre essa aparência não podemos construir nenhum sistema interpretativo da existência, cujos últimos limites se estendem, talvez, inspiradamente, para além de sua constituição atômico-elétrica. Fernando Pessoa quando era lógico na prosa era ilógico no verso.»

★

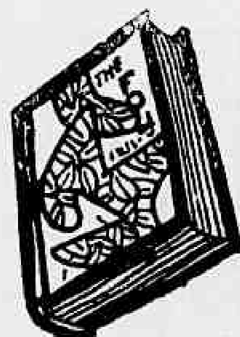
E aqui passamos uma rápida vista de olhos pelo suplemento do «Diário Carioca».

O que mais se destaca, nestas duas páginas, é a comemoração do centenário de nascimento de Domingos Olimpio, que se celebrou a 18 de setembro. Além disso, a entrevista de Manuel Bandeira, candidato a deputado pelo Partido Socialista Brasileiro. Não podemos votar no poeta, porque já estamos comprometidos com o Pedro Dantas. Mas, a candidatura merece todo o apoio dos intelectuais cariocas ou não cariocas aqui votantes. «Animula» é um poema de T. S. Eliot que Geir Campos traduziu bem, e que enfeita a segunda página. Sérgio Buarque de Holanda fala sôbre dois livros cacetes.

★

O suplemento do mesmo dia do «Diário de Notícias» tem um bom artigo de Ivan Pedro de Martins sôbre folclore, isto é, tratando das contribuições eruditas ao repertório folclórico. Gilberto Freyre escreve uma nova página sôbre o grande José Mariano. Bezerra de Freitas trata da estranha personalidade de Maurice Baring, há alguns poemetos chineses de Chiang-Sing e outras coisas, tôdas boas. Do suplemento do «Diário de Notícias» é a nota biográfica sôbre Domingos Olimpio que hoje, «data venia», inserimos e que deve ser da autoria de mestre Aurélio Buarque de Holanda.

NOTICIÁRIO



O ensaísta H. Pereira da Silva, que vem de publicar um ensaio sôbre «A Megalomania de Machado de Assis», pretende lançar, ainda êste ano um ensaio crítico e psicanalítico sôbre o romancista Graciliano Ramos.

★

Transcorreu a 17 de setembro o centenário de nascimento de Guerra Junqueiro, que foi celebrado com uma sessão pública da Academia Brasileira de Letras.

★

Editados em Pôrto Alegre, estão à venda os livros de versos «Teia de Sonhos», de Natércia Cunha Veloso, e «A Música do Sangue», de Pascoal Araújo.

★

Organizada por três jovens escritores provincianos, Francisco Valois, Edson Zambrano e Arnaldo Jambo, está sendo recebida em nossos círculos intelectuais a revista «Caeté», de Alagoas, terra que possúi uma firme tradição literária, pelo contingente de escritores que forneceu à metrópole.

★

O ensaista português João Gaspar Simões, vem de publicar, em dois volumes, um estudo sôbre Fernando Pessoa («Fernando Pessoa — História de uma «geração»), onde faz notável exégese da arte poética do autor de «Mensagens».

★

Lançado pela Livraria Martins Editora, circulará em segunda edição o livro de Humberto Bastos, intitulado «Rui Barbosa, Ministro da Independência Econômica do Brasil». A segunda edição dêsse livro vem revista e aumentada de novas anotações bibliográficas.

CINEMA E LITERATURA







CONFORME temos registrado nestas páginas, o cinema vem cada vez mais se interessando por um melhor nivel de seus argumentos e, assim, aproveitando, para adatação, obras de maior valor literário. Nestes clichês, temos: a grande atriz Maria Casarés, no seu papel de duqueza Sanseverina, em «A Cartuxa de Parma», de Sthendal, que o Rio já assistiu; Colette, em companhia de Jacqueline Audry, autora do cenário, e de Danielle Delorme, a intérprete, assinando o contrato para a versão cinematográfica de seu livro «Gigi»; finalmente, numa cêna do filme «Cheri», também adaptado do célebre romance de Colette, com Jean Desilly e Marcelle Chantal.

UM NOVO ROMANCE DE JORGE DE LIMA



Anuncia-se um novo romance de Jorge de Lima e aqui está uma das bôas notícias que esta semana podemos transmitir aos leitores. Trata-se de «Guerra dentro do Beco» e será editado pela Editora A Noite. Essa obra de nosso grande poeta e romancista será, por certo, um dos acontecimentos de maior significação do ano literário de 1950.

ODE A GARCIA LORCA

(De GLYCIA ARROUXELLAS GALVAO)

Llevaba luna en el cinto
como navaja de plata.
Botellas de Manzanilla
pendian de su guitarra.
Iba duro de pasiones
aquel hermoso gitano.
Corrío por férias y montes
en brazos de las mujeres.
Cuando soltaba su copla
cantaba toda la España!

Su vida no fué picada
por la espina de un puñal.
Con cinco fusiles de lumbre
su sangre se puso negra.
Por las calles de Granada
rosas de pólvora entonaron
pregones de muerte fresca.
Ay! Guitarrero vestido de pájaro,
no es verdad tanta sombar
en tus ojos!

Muerto quedó en la tierra
Federico el bien nacido.
Rosa la de los Camborios
gritando se desmayaba.
Brincaban enloquecidos
los pechos de Santa Olalla.
Amparo — vestida de nardos —
desgarraba sus entrañas.
Como se cubrió de duelo
el cielo de Españ!

Clavel varonil tronchado
por manos asesinas,
la raíz de tu grito
florece aún en las
diminutas pirámides del alba!
Por ti la Libertad soñada
por todos pizará tierra dura
con anchos pies de plata!
No hay dolor comparable
con el dolor de la tierra
empapada con tu sangre!

Este año no darán frutos
los maranjos de Granada.
Vestidas con mantos negros
estarán tôdas las rojas.
El rio Guadalquivir
tejerá hilos de llanto
entre tus manos quietas.

Ay! voz de Garcia Lorca!
Mis palabras
más que mías son tuyas...
Principe de Andalucia,
voz de cristal maduro,
como cantará tu espiritu
en todas guitarras de España!

FORA DO PRELO

ECLESIASTES — Atribuído a Salomão — Tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo — Prefácio de Tristão de Ataíde — José Olímpio — Rio

Um dos livros mais famosos de todos os tempos, o **Eclesiastes**, é obra muito citada mas muito mal conhecida. Principalmente o grande público desconhece quase completamente êste livro exemplar, atribuído a Salomão, rei sábio, filho de Davi. Assim, é sobremaneira oportuna esta edição, de acôrdo com a puríssima tradução do grande mestre luso, que Tristão de Ataíde enriqueceu com um belo e informativo prefácio e que José Olímpio apresenta em sua primorosa "Coleção Rubáiyat".

"Seja de Salomão ou seja a êle posterior — escreve Tristão de Ataíde, no prefácio — trata-se de um livro de inspiração divina como os demais e de uma profundeza, de uma beleza, de uma repercussão tal, no âmago mais profundo de qualquer alma humana, que até hoje nada se escreveu de mais completo sôbre a vaidade das coisas terrenas".

E aí está o que de melhor se poderia dizer desta obra-prima.

CASTRO ALVES, ARAUTO DA DEMOCRACIA E DA REPÚBLICA — Alexandre Passos — Pongetti — Rio

Creio que a obra de Castros Alve continua — escreve algures no seu livro que apresenta a conferência pronunciada a 30 de julho de 1947, no salão nobre da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, a convite da Sociedade de Homens de Letras do Brasil. Realmente assim é. A obra do grande poeta da Bahia não marcou apenas um instante luminoso na história literária do Brasil. Ela continua, por sua imensa repercussão na posteridade, tanto é certo que o genial cantor dos Escravos foi um vate, na mais justa acepção da palavra. Os versos candentes que forjou na sua lira adolecente foram uma antevisão das lutas sociais e raciais que então apenas se esboçavam, no panorama da humanidade. Êle foi não apenas o sumo poeta, mas, principalmente, êste arauto da democracia que nos revela Alexandre Passos, nesta obra de exaltação e de análise do gênio baiano, obra que se lê com entusiasmo, com admiração, tanto sentimos, nela, a presença dêsse agitador de idéias que era, outrossim, o mágico e predestinado lapidador de versos imortais.

O POÇO DA SOLIDÃO — Radclyffe Hall — José Olímpio — Rio

Acaba de aparecer a tradução brasileira dêste famoso romance inglês, um dos mais perturbadores de quantos produziu o gênero na Inglaterra.

Obra já consagrada mundialmente e que agora se lança entre nós em uma tradução que assina José Geraldo Vieira, o que vale por sua garantia. "O Poço da Solidão" aborda um tema escabroso, tratando-o, porém, com tal superioridade, tal maestria, tal sentimento artístico, que todo o mal-estar que nos poderia causar desaparece, substituído pela emoção profunda dessa história dramática e lancinante.

Não cabe aqui fazer a crítica dêste livro. Basta-nos citar, para o leitor brasileiro, as palavras que à obra consagrou Havelock Ellis, palavras consagradoras: "Li "O Poço da Solidão" com grande interêsse porque — não falando nas suas qualidades admiráveis como um romance escrito com absoluta arte — possúi uma significação psicológica e sociológica sobremaneira notável. Tanto quanto eu saiba, é o primeiro romance inglês que apresenta, numa forma totalmente sincera e tenaz, um dado aspecto particular da vida sexual, conforme é encontradiça hoje entre nós. A relação de certas pessoas — que, conquanto diferentes dos demais seres humanos, não raro apresentam o mais alto caráter e as melhores aptidões — com a sociedade quase sempre hostil em que se movem, apresenta problemas difíceis e ainda não solucionados. As situações pungentes que isso desperta são aqui tratadas tão vivazmente, e ainda assim com uma tão completa ausência de ofensa e escândalo, que podemos colocar o livro de Radclyffe Hall num alto nível de distinção".

FABULÁRIO — Maximiano Augusto Gonçalves — Livraria H. Antunes Editora — Rio

O professor Maximiano Augusto Gonçalves apresenta-nos nesta obra uma interessante versão brasileira do fabulário clássico, com a particularidade de dar-nos as fábulas em versos populares.

Com um crédito de cêrca de vinte obras didáticas, o professor Gonçalves vem, sem dúvida, acrescentar à sua abundante bibliografia mais um livro de interêsse, com estas versões em português das grandes fábulas, em versos bem feitos e com belas ilustrações.

Mas, o alcance dêste fabulário não se limitará aos cursos de português. A fábula é do maior interêsse literário, sobretudo quando tratada com a segurança e o equilíbrio de narração e de versificação com que aqui a encontramos. Os manes de Esopo, La Fontaine e Trilussa agradecerão ao fabulista brasileiro êste compêndio de sabedoria onde se animam os personagens exemplares, em versos de agradável sabor clássico — êsse gôsto que, já na carta-prefácio, acentua o poeta Olegário Mariano.

A obra gráfica, bem cuidada, põe em relêvo o conteúdo de "Fabulário".

NOSSOS ILUSTRADORES



Ilustração de Livio Abramo para o conto de Afonso Arinos «Pedro Barqueiro».

COLEÇÃO FRANCISCO MARINS — Francisco Marins — Edições Melhoramentos — São Paulo

Várias são as coletâneas, das Edições Melhoramentos que causam entusiasmo aos leitores, como por exemplo as "Histórias da Árvore de Natal" e da "Noite Feliz", com o histórico da música de 25 de dezembro.

Êxito incomum vem obtendo os volumes de Francisco Marins, cuja habilidade, em escrever **para crianças** e adolescentes, é de impressionar. Aqui desejamos assinalar — quando a prestigiosa editora vê o país festejar-lhe os 60 anos de nobres **atividades** — as obras de Francisco Marins, baseadas na vida sadia dos campos e cheias de ensinamentos: "Os Segredos de Taquara-Peca"; "Nas terras do Rei Café"; "O Coleira Preta"; "Gafanhotos em Taquara-Peca".

VIDA DE GRANDES CIENTISTAS — Henry e Dana Lee Thomas — Tradução de Lino Vallandro — Editora Globo — Pôrto Alegre

Henry e Dana Lee Thomas empreenderam a obra benemérita de colocar ao alcance do público a biografia dos grandes homens, políticos, filósofos, compositores, pintores, escritores, poetas, santos e heróis, numa série de livros de grandes vidas que a Editora Globo vem apresentando entre nós em boas traduções.

Êste "Vidas de Grandes Cientistas" possúi os caracteres de síntese e simplicidade dos anteriores, editados com tão enorme êxito no Brasil, das mesmos autores mostrando-nos que o gênero foi dominado perfeitamente por êles, aliás um gênero que exige aptidões especialíssimas, para não enfadar, para nos dar a vida viva dos gênios, aproximando-os de nossas próprias contingências, tornando-os compreensivos e sensíveis. Isso, e pôsto em poucas páginas, nos traços essenciais dos biografados e, em linguagem simples.

Os grandes homens da ciência — matemáticos, astrônomos, naturalistas, químicos, físicos, biologistas, etc. — cujas existências estão vivamente narradas em "Vidas de Grandes Cientistas", são os seguintes:

Arquimedes, Roger Bacon, Copérnico, Galileu, Isaac Newton, Lavoisier, Dalton, Humboldt, Raraday, Charles Darwin, Thomas Huxley, Agassiz, Mendel, Pasteur, Lord Kelvin, Haeckel, Steimetz, Marie Curie, Banting e Einstein.

Esta edição é ilustrada com 21 gravuras e acrescida de quadros cronológicos.

A obra, publicada pela Editora Globo, aparece num volume de 252 páginas, nitidamente impresso em excelente papel. A magnífica tradução é devida a Lino Vallandro e as ilustrações são de Gordon Ross.

DISCURSOS — Daniel de Carvalho — Ministério da Agricultura — Rio

Em edição do Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura, e na série **Estudos e Ensaios**, aparece êste opúsculo, contendo alguns discursos pronunciados em várias oportunidades, pelo ex-ministro Daniel de Carvalho, cuja atuação dinâmica e inteligente, na pasta da Agricultura, marca sua passagem naquele setor da administração como das mais esclarecidas, bem orientadas e benéficas para o Brasil.

Os problemas tratados por Daniel de Carvalho, nos onze discursos aqui reunidos, pertencem ao grupo das questões de maior relevância para a agricultura brasileira. **E a maneira pela** qual o ministro angulou êsses problemas, com profundo conhecimento de seus mistérios, **de suas exigências e** das fórmulas que poderão conduzir à sua solução, faz dessa **coletânea uma** obra **do maior interêsse e da maior oportunidade.**

Orador brilhante, sabendo abordar de forma amena os **assuntos mais áridos**, Daniel de Carvalho oferece-nos, com êsses discursos, **uma obra de** idéias, uma visão **realista de nossa** questão agrícola e, ao mesmo tempo, um significativo exemplo de oratória modelar, redimindo o discurso de sua vacuidade proverbial, **de sua maçada** costumeira, pelo conteúdo e pelo estilo. Redimindo-o de todo o mal que lhe imputamos, à discurseira campanuda e ôca, êsse mal irremediável da política administrativa brasileira, de banquetes e de inaugurações de retratos.

NO PRÓXIMO NÚMERO: **ENTRE A PIEDADE E O AMOR**






















Percebi então como fui louca em vir amparar-me e casa de Beth. E estava eu agora metida na mais trágica e desesperadora das situações, como Beth jamais estivera.

Oh! Ty, sei que você não tencionava matá-lo! Com certeza lutaram e Kirk caiu com a cabeça no batente do fogão. Oh! Ty! Ty! Que horror!





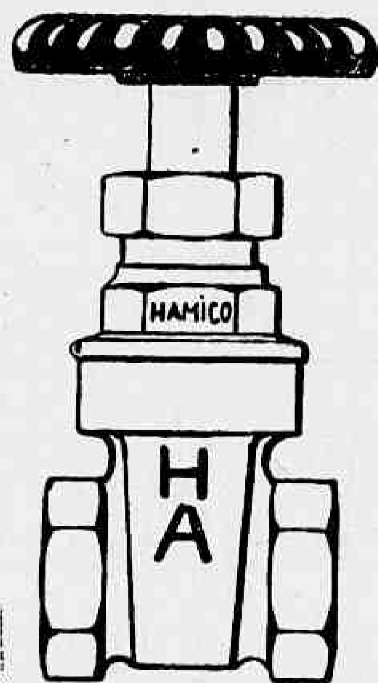




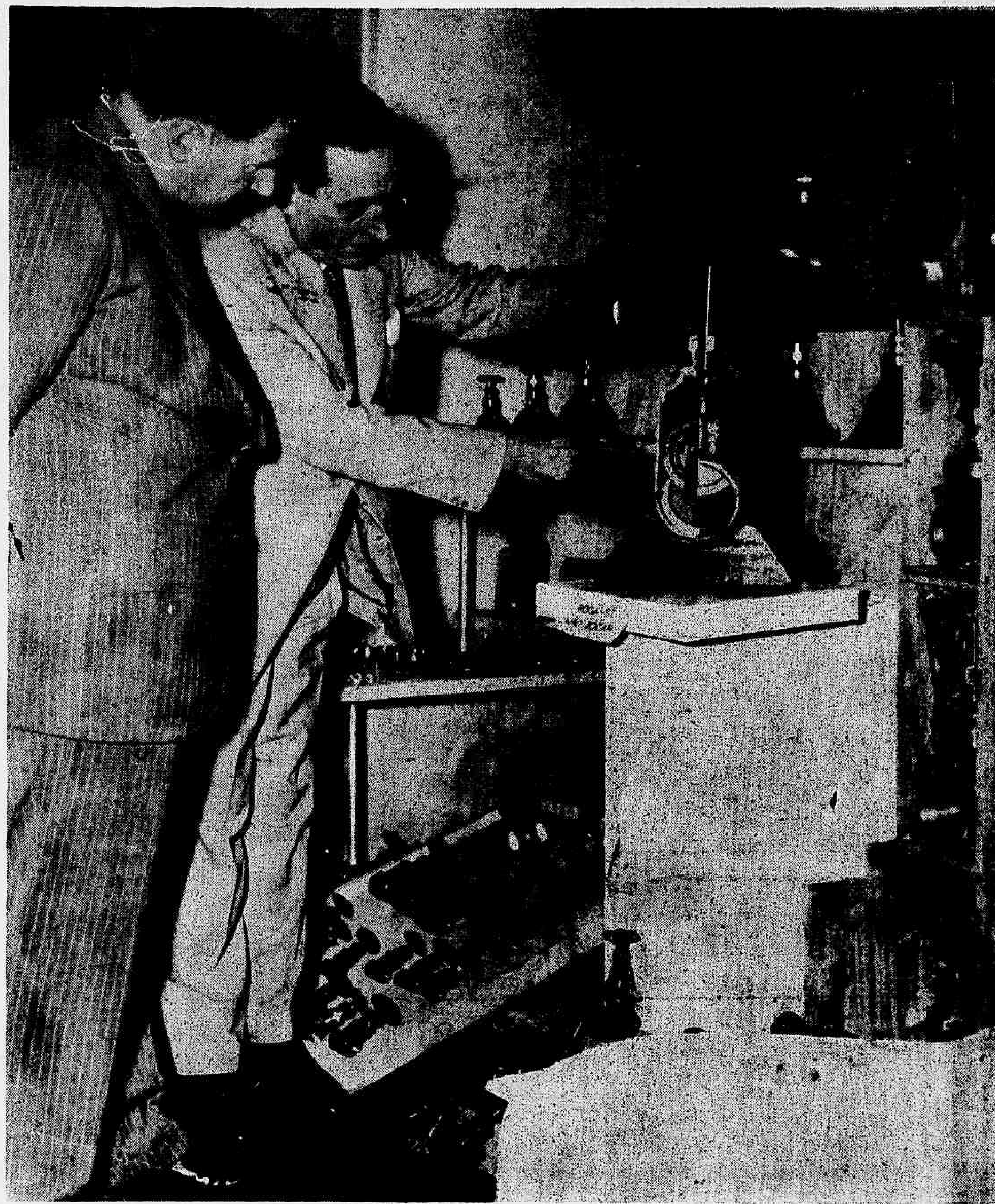
COMÉRCIO E INDÚSTRIA "HAMICO" LTDA.

Após a realização da brilhante EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DA ÁGUA BRANCA, da qual participou, cumpre o grato dever de agradecer às palavras elogiósas de todos aqueles que a distinguiram com sua visita ao "STAND" salientando ainda mais o seu desejo de contribuir de maneira sempre crescente para o progresso de São Paulo e do Brasil.

GARANTIA ABSOLUTA ATÉ 300 LIBRAS DE PRESSÃO E ACABAMENTO PERFEITO FAZEM DO **"REGISTRO HAMICO"**. O PREFERIDO DE TODOS OS ENGENHEIROS E CONSTRUTORES.



REGISTROS DE GAVETA
1/2" até 4"
AMARELOS
NIQUELADOS
CROMADOS



No cliché, S. Excia. Dr. Adhemar de Barros, Governador de São Paulo, em nosso "Stand", durante sua visita à Exposição Industrial da Água Branca, em companhia do nosso Presidente, snr. Alessio Impastari

ESCRITÓRIO E VENDAS:
Rua 7 de Abril, 34 — 5° andar — Sala, 502 — Fone 6-3485 — End. Telegráfico: "REGAVETA" — **SÃO PAULO**



FÁBRICA:
UTINGA — E. F. S. J.
Santo André

INSPECÇÃO ÀS OBRAS DE PAULO AFONSO



DE acôrdo com o seu programa de estudo dos grandes problemas administrativos do país, o deputado Cristiano Machado aceitou com particular satisfação o convite do Presidente da República para acompanhá-lo em caráter uma visita de inspeção às obras da Usina Hidro-Elétrica do São Francisco, onde teve oportunidade de observar de perto todas as fáses do trabalho ali em andamento. Mostrando-se interessado nas grandes vantagens que advirão para a extensa região da obra gigantesca ali em curso, o candidato nacional à presidência da República, dá-nos a certeza de que pretende, se eleito, levá-la a bom têrmo. O flagrante acima foi feito quando o presidente da República e o deputado Cristiano Machado percorriam a região.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.



CIDADÃO CARIOCA

Renovar o Parlamento é uma necessidade que se impõe. Valores novos capazes de trabalhar honestamente pelo bem do povo devem substituir àqueles que nada fizeram por êsse povo.

P.S.T. JURANDYR PEREIRA
PARA DEPUTADO FEDERAL
PARTIDO SOCIAL TRABALHISTA

WEEK-END NA



MASSA DE FRITAR

125 gr de farinha, 1 colher de sopa de azeite, 1 pitada de sal, 1 xícara pequena de água e 2 claras. Misturam-se bem os 4 primeiros ingredientes, juntando-se-lhes as claras bem batidas pouco antes de ser ocupada a massa.

RODELAS DE SEMOLINA COM TOUCINHO DEFUMADO

Faz-se um mingau grosso com ½ litro de leite, 180 a 200 gr de semolina, sal, 1 ôvo e queijo ralado. Depois de cozido, deita-se êste mingau em uma travessa que se passou em água fria. Êste mingau deve ficar com uma espessura de 2 a 3 centímetros. Quando frio, vira-se sôbre uma pedra-mármore, e, com um copo, cortam-se rodelas que se colocam sôbre uma assadeira untada com manteiga. Pulveriza-se cada rodela com queijo ralado e coloca-se um pedacinho de manteiga sôbre cada uma. Leva-se a assadeira ao forno quente e, antes de servir, guarnecem-se as rodelas com fatias de presunto e toucinho defumado.

BOLINHAS DE ARROZ COM FRUTAS

Em um litro de leite fervendo despejam-se 200 gr de arroz, juntando-se-lhe um pouco de sal, e açúcar à vontade. Deixa-se cozinhar tudo com a panela tapada até amolecer. Tira-se então do fogo, misturando-se-lhe xícara e meia de compota de maçã ou outras frutas. Quando fria esta massa, formam-se bolinhos que se passam em ôvo batido e farinha de rôsca e que se frigem em manteiga quente. Servem-se com môlho de vinho ou de frutas.

ARROZ DE FORNO

Prepara-se um arroz simples. Quando pronto mistura-se-lhe, ainda quente, uma colher de manteiga. Quando estiver bem misturado, juntam-se 2 gemas de ôvo batidas. Mexe-se muito bem, acrescentando-se, em seguida, 4 colheres de queijo parmezão ralado. Arruma-se o arroz em uma travessa, passando-se por cima um pouco de manteiga e farinha de rôsca. Leva-se a travessa ao forno por alguns minutos.

ARROZ A ITALIANA

200 gr de arroz, 3 colheres de cebola picada, manteiga, 3/3 de litro de caldo de carne, 4 colheres de queijo parmezão ralado. Esfrega-se muito bem o arroz com um pano, sem lavá-lo. Frige-se na manteiga, juntamente com a cebola, cobre-se com caldo de carne, juntando-se sal. Cozinha-se em fogo brando e, quando estiver quase cozido mexe-se cuidadosamente com um garfo, misturando-se-lhe queijo parmezão ralado e 1 colher de manteiga. Antes de servir, pulveriza-se com queijo.

TOMATES COM SALMÃO

Preparam-se os tomates cortando-se uma tampinha e com uma colherzinha retirando-se as sementes. Enchem-se as cavidades com salada russa. Por fim, guarnecem-se com rodelas de limão, rodelas de salmão e pepinos em conserva. Colocam-se os tomates sôbre fôlhas de alface.

TORRADAS COM SARDINHAS

Tomam-se torradas com 1 cm de grossura e cortam-se as mesmas diagonalmente de forma a dividir cada uma em 4 triângulos. Em seguida, cobrem-se êsses triângulos com **filets** de sardinhas e guarnecem-se com azeitonas e tomates.

OVOS RECHEADOS COM LAGOSTAS

1 lata de lagostas, 5 ovos, maionese, salada de alface. Cozinham-se os ovos, descascam-se e cortam-se ao meio. Aparam-se um pouco as pontos de modo que se possa colocá-los de pé. Tiram-se as gemas que se amassam e que se misturam com maionese e com esta mistura se enchem as cavidades dos ovos. Sôbre cada metade de ôvo, coloca-se um pedaço de lagosta. Forra-se uma travessa com salada de alface temperada e sôbre esta camada de alface se colocam as metades dos ovos. Se se tiver um pouco de galantina, pica-se a mesma e com ela se enfeita o prato.



PUDIM DE SEMOLINA

50 gr de amêndoas descascadas e socadas, ½ litro de nata, 3/4 de litro de leite, 250 gr de açúcar, uma pitada de sal, 1 ôvo, casca ralada de ½ limão, 200 gr de semolina, 100 gramas de pasas.

Levam-se ao fogo o leite, a nata, o açúcar, o sal, a casca de limão, as amêndoas e a semolina. Quando estiver fervendo juntam-se as passas. Assim que engrossar, retira-se do fogo, juntando-se então o ôvo batido. Em seguida, deita-se o pudim em uma fôrma que se passou em água fria. Quando frio, vira-se sôbre um prato e serve-se com qualquer môlho de frutas.

PEIXE COZIDO

Limpe um e meio quilos de peixe e jogue, inteiro ou partido ao meio, n'água a ferver com sal, cebola e cheiro. Logo que torna a levantar a fervura, retire para fogo fraco com a panela tapada. Deve ficar firme. Garoupa presta-se muito bem. Não use peixes pequenos, que são melhores fritos.

Apresentação do prato: Escorra o peixe muito bem, tire as peles e espinhas e arrume as lascas grandes num prato escaldado, para não esfriar. Ponha ao redor as batatas bem quentes, enfeite com alface ou agrião, e sirva o môlho cremoso à parte e frio.

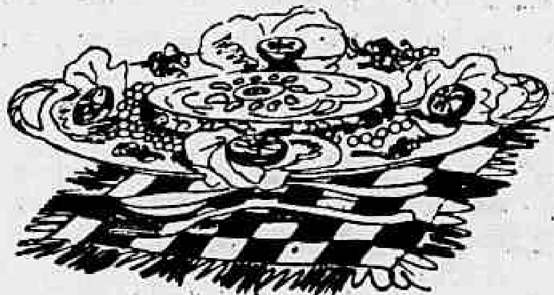
NA COZINHA

MOCOTÓ ENSOPADO

Limpe 4 mocotós de vitela, tire as unhas, raspe os pelos e leve a cozinhar em água e sal, com cebolas, cheiro e tomates. Depois de bem macios, tire os ossos e parta em pequenos pedaços. Leve o caldo ao fogo para reduzir à metade, junte 1 cálice de vinho, 1 colher de massa de tomate ou tomates pelados, umas 3 pimentas malagueta, ½ fôlha de louro, deite dentro os pedaços de mocotó e deixe ao fogo até engrossar o môlho.

OMELETE DE CAMARÃO COM LEITE DE CÔCO

Misture 2 colheres de farinha, 1 colher de fermento, 6 gemas, 1 xícara de leite de côco (ou de vaca), sal, e por último 6 claras em neve. Bata depressa e despeje numa frigideira com uma colher de manteiga e uma de banha, bem quentes. Quando começar a endurecer, deite por cima 1 k de camarões cozidos; dobre em 3 e despeje num prato. Na hora de servir, regue com manteiga esquente no forno, depois guarneça



com 'petits-pois" de 1 ou de 2 latas, escorridos e esquentados com uma colher de manteiga e outra de açúcar. Sirva só ou com arroz à parte.

CROQUETES DE MÔLHO VERDE

Corte o milho bem tenro de 10 espigas verdes e raspe as espigas com as costas da faca. Leve a cozinhar em bastante água e sal, até secar. Adicione uma xícara de leite, uma colher de chá de manteiga, 1 colher cheia de açúcar e vá engrossando com farinha de trigo, até largar da panela. Deixe esfriar, enrole como croquetes, passe no pó de pão, no ôvo batido e, novamente, no pó de pão. Frite em banha quente sem escurecer e deite numa bandeja forrada de papel pardo, onde poderá esquentar na hora de servir.

TORTA DE ALEXANDRIA

70 gr de avelãs raladas, 2 ovos, 100 gr de açúcar, 100 gr de manteiga, 125 gr de farinha de trigo, casca ralada de limão, 1 colherinha de fermento em pó. Bate-se como creme e manteiga, o açúcar, os ovos e a casca de limão e por último a farinha, juntamente com as avelãs. Estende-se a massa em fôrma de abrir, passa-se por cima uma camada de qualquer marmelada e enche-se com o seguinte recheio: 125 gr de amêndoas raladas, 4 colheres de sopa de leite, 125 gr de manteiga, 5 ovos, 55 gr de farinha de trigo. Bate-se a manteiga como creme, juntam-se-lhe as gemas e o açúcar, bate-se mais, adiciona-se o leite com as amêndoas descascadas e raladas e por último a farinha e as claras batidas em neve. Em seguida leva-se a torta a forno moderado.

FATIAS DE AREIA

250 gr de manteiga, 4 ovos, 100 gr de açúcar, 250 gr de farinha de trigo, 10 gr de fermento em pó, casca ralada de meio limão, e um pouco de essência ou açúcar de baunilha.

Bate-se bem a manteiga e faz-se uma massa com os outros ingredientes. Estende-se a massa com o rôlo na espessura de 1 cm, corta-se em tiras de 3 cm de largura por 5 cm de comprimento, põe-se em assadeira untada, pincela-se com ôvo batido, espalham-se por cima amêndoas picadas e assa-se em forno quente.

PARDINHOS

125 gr de chocolate derretido, 125 gramas de açúcar, 125 gr de avelãs raladas ou amêndoas pisadas e 3 claras. Batem-se as claras em neve, micturam-se aos outros ingredientes, amassa-se depressa, estende-se sôbre uma táboa polvilhada com açúcar e corta-se com o auxílio de forminhas de fôlha. Assam-se os bolinhos em assadeiras polvilhadas com farinha, em forno.

BOLINHOS PARA O CHÁ

50 gr de manteiga, 125 gr de farinha de trigo, 50 gr de açúcar, 1 ôvo inteiro, ½ colherinha de café de açúcar de baunilha ou umas gôtas de essência de baunilha, ½ xícara de leite, e 2 colheres de chá de fermento em pó. Com êsses ingredientes faz-se uma massa flexível, deixa-se descansar em lugar fresco. Estende-se bem fino e corta-se com o auxílio de forminhas em diversas figuras, pincelam-se com gemas, enfeitam-se algumas com amêndoas cortadas ao meio, outras com passa, outras com açúcar cristalizado, outras com drágeas. Quanto mais variadas, mais bonitas. Assam-se em forno quente.

GALO À MODA DE BOURGOGNE

Tome 1 galo novo, de boa raça, e prepare. Deite numa panela 2 colheres de manteiga, alguns quadradinhos de toucinho fresco, e leve a fritar para então juntar 1 galo, com um pouco de sal, pimenta do Reino e um ramo de cheiro e deixe até ficar bem dourado. Polvilhe com 1 colher de farinha de trigo, junte umas 30 cebolinhas bem pequenas, 1 copo de vinho Bourgogne, outro de água e deixe cozinhando em fogo brando, por 2 ou 3 horas. Junte algumas trufas ou champignons em rodelas. Arrume no prato os pedaços do galo, e deite no centro as cebolinhas e champignons, com môlho grosso. Mate e prepare o galo de véspera.

PÉ-DE-MOLEQUE ESPECIAL

Tome 1 xícara de amendoim torrado e socado, 1 prato de açúcar, 1 xícara de leite, 1 colher de manteiga e um pouco de raiz de gengibre ralada. Ponha o açúcar, a manteiga e o leite no fogo, até ficar em ponto de açucarar. Retire do fogo, junte o amendoim e gengibre e bata até começar a açucarar, mas antes de endurecer despeje sôbre uma pedra mármore untada de manteiga e corte em pequenos quadrados.



Para deputado estadual TEREZA DELTA



CONTO COM OS VOTOS DOS QUE LUTAM, PARA LUTAR POR ELES.

Para Servir o Povo

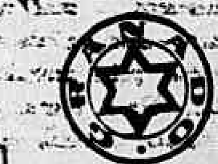


MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

MÚSICA

ERIC KLEIBER

ROBERTO LYRA FILHO

TOSCANINI incluiu no programa de um de seus concertos certa peça para piano e orquestra de Schelling, tendo o compositor como solista, ao piano. Durante o primeiro ensaio, Toscanini interrompeu, a certa altura, o pianista, dizendo:

— Que é que o sr. pensa que está tocando?

— As minhas "Impressões de uma Vida de Artista".

— Não parece. De qualquer forma, o sr. está improvisando ao piano — disse o maestro irritado. — As notas que tocou não estão na partitura.

— Perdão, mas foi eu quem compôs esta obra. Tenho a certeza de que estou tocando certo — protestou Scheling, com bastante veemência.

Toscanini, com um gesto de impaciência, berrou:

— Mande buscar a música.

E, logo, triunfante, apontou o trecho que acabavam de tocar. O compositor, boquiaberto, verificou que Toscanini estava certo.

— Veja isso! Veja isso! — dizia Toscanini.

Schelling engoliu em sêco.

— Tem razão.

BEETHOVEN E A CRITICA

Memória extraordinária como a de Toscanini é a do regente Eric Kleiber, que voltará ao Rio muito breve.

Jamais "procura" decorar as partituras, mas rege sempre de cor... Êle mesmo nos contou o processo simples mediante o qual realiza o aparente milagre mnemônico de decorar sem querer. E' que estuda tão minuciosa, longa e exaustivamente a partitura que se familiariza com ela, conhecendo-a tão intimamente que a memória a assimila sem esfôrço consciente.

E a prova de que o mecanismo funciona com precisão é a segurança da batuta de Kleiber. Êle é um regente atento aos mínimos detalhes, que trabalha, compasso por compasso, aperfeiçoando a execução da orquestra, vigiando o desempenho de cada instrumentista. E dessa cautela deriva a impressão de clareza e limpidez da massa orquestral confiada à sua direção, o equilíbrio, a dosagem de matizes, o colorido, a boa articulação, obtidos, em maravilhosa conquista, a despeito da falta de um preparo adequado dos nossos conjuntos. Erich Kleiber tornou irreconhecível a Orquestra do Teatro Municipal naquele seu famoso ciclo Beethoven, oferecendo ao público carioca, há alguns anos, noites inesquecíveis de alta qualidade artística. O bom resultado, ali, se devia ao seu esfôrço pessoal e à carta branca que recebeu para reorganizar a orquestra. Basta, aliás, o colapso imediato do nível qualitativo das interpretações da orquestra, depois de sua despedida, para comprovar a autenticidade da sua realização.

Meticuloso e seguro, Kleiber deu certa vez um "quinau" em um grupo de eruditos musicólogos. Modificando o andamento de certo trecho de uma conhecidíssima sinfonia de Beethoven, foi censurado, mas logo provou que a razão estava com êle e o andamento consagrado pela praxe é que fugia à expressa anotação de Beethoven. Edições infiéis corroboravam o entendimento inexato, mas Kleiber podia falar com autoridade, pois vira com os próprios olhos os originais do mestre.

A Orquestra Sinfônica Brasileira presta, assim, um grande serviço aos amantes da música sinfônica, trazendo, para mais uma visita ao Brasil, êsse extraordinário regente, que é Erich Kleiber. Talvez, até, pudesse interessá-lo em permanecer entre nós para uma temporada mais longa, em proveito da cultura musical. Quem sabe?

A LENDA DO HERÓI...

(Cont. da pág. 53)

diferença que para êles havia entre o filho e o bandido. Agora, em Castelvetrano o povo fez pressão na entrada do cemitério, na hora em que a mãe de Giuliano o foi vêr pela última vez. Acompanhou-a em procissão quando se retirou e se dirigiu para o patio em que se deu a cena final da vida de Giuliano. Não se maravilharam quando «zá Maria» se jogou ao chão para beijar e lamber a terra empregnada do sangue do filho, num espetáculo triste e ao mesmo tempo repugnante. Em Montelepre correra o boato de que o prefeito havia autorizado os funerais do bandido. Foi um alvoroço. As ruas regorgitavam de homens, a maior parte vindos dos campos, com a roupa domingueira e com o chapéu calado nos olhos. As mulheres despachavam os serviços em casa, mas estavam perto das portas semicerradas, com os véus pretos nas cabeças, prontas para sair ao primeiro sinal. Dizia-se que o esquife tinha a tampa de cristal e que poderiam vêr o bandido. Os músicos da banda municipal envergaram o uniforme de brim branco e sentaram nos degraus da igreja. Nos peitoris de muitas janelas apareceram jarras com flores. A quem perguntasse o que fariam se de fato houvesse o funeral, respondiam: «Nos ajoelharemos todos. Ou será que é proibido ajoelhar-se quando passa um morto?» Assim é Montelepre. Caiu alguma coisa que estava tão lá em cima e que era tão grande, que o povo ficou decepcionado. Passará ainda algum tempo, antes que êles raciocinem novamente, mas Giuliano, seu nome, seus feitos, a lenda que já se criou e que naturalmente será desenvolvido nos primeiros tempos após a sua morte, não desaparecerão. Ser mais um herói para o anedotário aventuroso. Com a morte de «Turiddu» deveria desaparecer o banditismo, já que ele era o chefe. Mas tal não se dará. Enquanto aquela região apresentar níveis tão baixos de instrução e superstição elevada, sempre haverá quem preferirá viver à margem da lei. Para esses talvez a campanha de repressão orientada pelo govêrno central continuará. Muitas vidas preciosas serão perdidas para oferecer à comunidade o mínimo de segurança que a sociedade exige. Talvez novos Giulianos surjam...

EVOLUIU O TEATRO...

(Cont. da pág. 17)

que de melhor aparece de fora, cosmopolizou-se o carioca, não aceitando qualquer abacaxi que lhe quoiram impingir. Assiste, continua do barulho, mas deixa de aprovar o que não o diverte e as falsas criações.

Após examinar o que evoluiu ou não das engrenagens que movimentam uma revista, perguntamos: qual tem sido o panorama geral das realizações? Tem corrido tudo direitinho? Não. Ainda há conservadores retrógrados no meio dos evolucionistas. Sucessos e fracassos pontilham tôdas as temporadas. Senão vejamos. Peça com muita pimenta, cartazes cômicos e guarda-roupa mais do que surrado, fracassou. E' o caso da temporada do Heber de Boscoli no Carlos Gomes, contando com Oscarito e Derci Gonçalves. Peças luxuosamente montadas, limpas, têm sofrido o mesmo destino. E' o caso das primeiras que Chianca de Garcia encenou, após o fechamento da Urca e a mais recente com Bibi Ferreira. No entanto, é a Chianca que devemos alguns dos bons melhoramentos cenográficos. Talvez trabalhe limpo demais, pois parece que para os espetáculos apresentados na antiga Praça Tiradentes, ficou convencionado conceder maior liberdade na censura. E as revistas apresentadas nos teatrinhos de bolso da zona sul? Por que não alcançam sucesso? Lugares pequenos demais, obrigando quase os espectadores a tomarem parte nos espetáculos. Deixa de haver aquela distância limite entre os artistas e quem assiste êsse gênero de teatro livre. E' o que se dá nos grandes teatros, onde se nota a freqüência de pessoas da alta roda, que aceitam a revista com suas liberdades, mas desejam ainda se perderem na amplitude das pltéias e ficarem bem separadas do palco pela orquestra e a paassarela.

Atualmente a revista que melhor se apresenta na cidade é a do reformado Carlos Gomes, com a «rentrée» de Beatriz Costa, depois de cêrca de quatro anos de ausência. A mesma graça picante, traz a saudosa cachôpa de volta aos palcos brasileiros. E' da peça por ela estrelada o material fotográfico que acompanha êste texto, peça sem enrêdo, bem decente e que se enquadra perfeitamente nas considerações acima externadas. Obedecendo à direção de Chianca de Garcia, tem como primeira figura masculina Colé, e mais Salomé, Spina, Jurema, um ballet argentino, o ballet negro com Nely Lujan. A direção reconheceu pùblicamente a influência sofrida pelas temporadas anteriores do elenco de Katherine Dunham e do Carrosel Napolitano. Bom foi o aproveitamento dos novos rumos sugeridos por aquêles dois conjuntos e que podem ser identificados nos quadros: Conversa de lavadouro, Aleluia, Episódio dos Palmares, Cenas das Janelas e Dança do Sabre. Para breve, Walter Pinto promete um grande espetáculo, no Recreio, em comemoração ao 25.º aniversário da emempresa. Veremos. Por enquanto sabemos que já estão contratados Oscarito, Grande Otelo e Virgínia Lane. Não há dúvida, são trunfos.

BONDES GRÁTIS PARA RESOLVER...

(Cont. da pág. 7)

— Um novo impôsto a agravar a população?

— Êsse impôsto será bem recebido pela maioria da população, pois virá beneficiar ùnicamente os humildes, os menos aquinhoados. Quem irá lucrar com o bonde-de-graça? O funcionário modesto, o estudante pobre, o operário sem recurso. Para tôda essa gente a criação do bonde-de-graça representará um aumento de salário, uma melhoria de vida. O impôsto do bonde deverá recair sôbre os automóveis, artigos de luxo, prêmios de loterias, etc. Aquêle cavalheiro que alí está nunca anda de bonde; tem dois carros particulares: um *Buick* e um *Ford*. E' justo que êle págue o bonde de sua lavadeira que mora no morro de São Januário. E assim, tôdo aquêle que receber da União, da Prefeitura, ou de qualquer emprêgo particulares ou oficial, salário superior a uma certa quantia, três mil cruzeiros mensais (por exemplo), será obrigado a pagar o impôsto de bonde. Tôda pessoa que chegar ao Rio, de navio, de trem ou de avião terá o prêço de sua passagem acrescido do impôsto de bonde. Tôdo automóvel que entrar no Distrito Federal será obrigado a pagar o impôsto de bonde. Êsse impôsto, sendo bem regulamentado, dará para custear o serviço de bonde-de-graça e não irá ser pesado a ninguém. Será para o contribuinte um infinitamente pequeno e nada mais.

— E por que não criamos também pelo mesmo sistema o trem-de-graça?

— O ideal para o carioca seria realmente o trem-de-subúrbio-de-graça e a barca-de-Niterói-de-graça. Julgo, porém, que ainda é cêdo para pensarmos nisso. Dentro de meio-século, talvez, um operário morador no subúrbio, ou em Niterói, receberá o seu salário com o desconto correspondente ao transporte-socializado. Devo observar, porém, que no caso do trem ou da barca o tempo de viagem não depende (como no caso do nosso bonde-lesma) da cobrança da passagem. O bonde-de-graça (por mim sugerido) seria uma medida destinada a resolver o problema do tráfego, obtendo-se tal solução com grandes benefícios para a população.

A VIDA DE GEORGE ELIOT

Cont. do número anterior)

IV

"Setembro de 1856 inaugurou nova fase na minha vida", escreveu ela em seu Diário. Porque nessa época começou a série de *Scenes from Clerical Life*, (*) histórias curtas sôbre a gente do campo que conhecera quando menina. Essas histórias foram logo aceitas para serem publicadas no *Blackwood's Magazine*. Em vista disso, pôs-se a trabalhar num romance de verdadeiras proporções. Passara da filosofia à ficção saboreando com gôsto a mudança de cena. A dela seria uma literatura do "povo humilde" — os deserdados e os párias de quem ninguém fazia caso. "Pintem-nos um anjo, se quiserem... mas não... expulsem da região da arte essas velhas mulheres que crispam as mãos gastas pelo trabalho, êsses rudes aldeões que vão folgar numa suja taberna, essas costas acorcundadas e essas estúpidas faces consumidas pelo tempo que se curvam sôbre a enxada e executaram o pesado trabalho do mundo... Essa gente vulgar, grande parte dela, carrega uma consciência e sentiu a sublime vocação de fazer aquilo que é direito e por isso mesmo árduo; essa gente tem as suas secretas mágoas e suas sagradas alegrias; seus corações esgotaram talvez seus sentimentos com o primeiro filho, e choraram ante a morte inelutável... Não

patético no meio da insignificância?" Ela colocou o nome *Mary Anne*, crítica da *Westminister* *Review*, no arquivo dos pedantes, e tomou para o seu novo público o pseudônimo de *George Eliot*. George em honra do seu marido George Henryg Eliot por ser "uma palavra sonora e bombástica".

Escreveu a história do carpiteiro Adam Bede e do amor dele por Dinah Morris, uma pregadora metodista. O livro alcançou enorme sucesso. Tôda a Inglaterra se agitava com indagações acêrca dêsse *George Eliot*. Que espécie de homem era êle? Várias versões se espalharam. Um juiz de comarca reivindicou a descoberta da identidade do autor. Não era outro senão um Mr. Liggins que vivia em Nuneaton, "filho dum padeiro, um homem sem nenhuma evidência na sua cidade, de maneira que é possível não terem ouvido falar dele... Dizem que êle não ganha lucro algum com *Adam Bede*, e que o dá gratuitamente a Blackwood".

Imediatamente um bando de admiradores rumou para o campo a ver êsse tímido, retraído e assombroso "autor". Acharam-no lavando sua roupa numa bomba. "Êle não tem criado e faz tudo sòzinho". E lhes manifestou "tal reverência, que uma pergunta impertinente teria sido impossível". Somas de dinheiro foram levantadas por subscrição em tôda a Inglaterra para pôr na vertical Mr. Liggins, meio mal por causa da bebida. Distintos visitantes reuniram-se em quantidade crescentes nêsse santuário junto à bomba. E todo êsse tempo o pobre Mr. Liggins, que de repente se tornara célebre "por não fazer nada, afinal", inclinou-se reverente ante seus devotos recém-surgidos. Ainda outras notícias chegaram ao conhecimento de George Eliot, até que por fim ela se apresentou e revelou como verdadeiro autor de *Adam Bede*.

Escreveu depois sua segunda novela, *The mill on the Floss* (*). Compôs êsse livro com tanto receio com se não fôsse famosa. Nunca tivera mêdo de ficar na obscuridade, mas apenas de um fracasso artístico. Após ter alcançado novo sucesso com êsse estudo autobiográfico de um amor fraternal entre irmão e irmã, da Casa de Tulliver ela se voltou para a história de Silas Marner, o tecelão de Reveloe, um desditoso, alquebrado e cínico pária da sociedade que amontoa um tesouro, e que uma noite, ao voltar para casa, encontra uma criancinha na soleira da porta e o seu ouro surripiado. "Dêstes é o reino dos céus".

A inquietação de George Eliot, entretanto, não lhe permitiria por muito tempo ficar com uma criança e criá-la em Yorkshire. Ela desejava abarcar com os tentáculos da sua imaginação as experiências de todos os espíritos humanos em tôdas as épocas. Viajou para a Itália, mergulhou num estudo da Renascença e "ressuscitou" o séculou XV, revivendo-lhe a filosofia e a arte, a música e a poesia. A seguir escreveu um romance histórico sôbre a vida e o tempo de Savonarola, o mártir de Florença. Nova sensação literária e novo êxito financeiro.

Mas o trabalho "abriu sulcos nela, tornando-a uma velha". Ela "tirou umas férias" escrevendo um poema dramático sôbre as ciganas espanholas da época das Cruzadas; então, "descansada e refeita", voltou à Inglaterra para criar um tipo de operário radical, Felix Holt. Mais um livro sôbre a vida provinciana em Midlands, e sua inquietação levou-a novamente para o continente. Foi à Holanda e visitou uma sinagoga hebraica com o fito de estudar os costumes dos judeus. "Nenhuma mulher estava presente, mas homens devotos havia não poucos... O cântico e o movimento ondulante dos corpos, quase uma contorsão de reverência, são estranhos; mas eu chorei abertamente ao presenciar êsse vago simbolismo de uma religião de sublimes, remotas tradições". Escreveu então a história de Daniel Deronda e do seu sonho ardente por uma pátria na Palestina.

Concluiu o livro, e tornou a viajar.

Essa mulher que vivia com um homem casado estava sendo posta à prova. Talvez se sentisse um pouco assim como uma deusa que tivesse tropeçado e caído na terra, e esquecido o caminho de volta para o céu. Violara normas dêsse original povinho terrestre. E agora tinha de se haver com êle. De nada lhe adiantava, para conseguir uma absolvição, resmungar e se enfurecer. Devia implorar a simpatia dele em nome do céu. Mas primeiro devia contar uma história convincente de amor humano e de humana misericórdia. "As palavras da Divina Misericórdia, no entanto, nunca mereceram fé quando pronunciadas por lábios incapazes de ser movidos pela

(*) Cenas da Vida do Clero.

(*) O Moinho do Rio Floss.

É ponto inteiramente pacífico, hoje, que existe um certo número de crianças que não se adaptam às normas usuais da amamentação, crianças a que nem mesmo o leite materno se mostra conveniente nem o de outra ou outras nutrizes acaso experimentadas.

De fato, na criação dêsses bebês, devem ser observados outros métodos, inclusive a adoção de algumas misturas alimentares que lhes constituem o *alimento apropriado*.

Em artigo anterior, mostramos que isso acontece, de modo particular, quando se trata de *criança neuropática*, ou de *criança exsudativa*, cujos característicos resumimos então, por maneira a facilitar o seu reconhecimento pelos que têm a lidar com tais bebês.

Como conduzir a criação do bebê neuropático — Em primeiro lugar é necessário saber "identificar" bem o bebê dessa "constituição". No diagnóstico o *quadro* da criança pode trazer muitas dúvidas. Diante de um bebê de *criação difícil*, em que as boas normas da puericultura falham, será sempre aconselhável ouvir o pediatra. Efetivamente, às vêzes há um pequeno senão no regime, que compromete a saúde do pequeno, máxime suas funções intestinais; não se trata, portanto, da criança neuropática. De outras vêzes é o contrário; parecendo tratar-se de *êrro alimentar*, trata-se, entretanto, de defeito *constitucional* da criança. Aqui, *umas vêzes*, parece que a criança está sendo alimentada *demasiado* — e o chôro é atribuido a alguma cólica, e o vômito e a diarréia são, a seu turno, atribuídos ao excesso de alimento. De *outras vêzes* é o contrário; a criança parece que está *passando fome*. O chôro é interpretado como sinal de fome, bem como a falta de sono durante a noite; de resto, como essas crianças têm quase sempre o pêso diminuido (pois o chôro contínuo consome o melhor das energias do seu próprio alimento), também vêem na escassez de pêso uma prova de que a criança está passando fome.

Restringir as mamadas no primeiro caso é, porém, um êrro; aumentar a *duração* no último caso, não é menor êrro.

Em todo caso, deve-se presumir que se está diante de uma *criança neuropática* sempre que esta, amamentada ao peito materno com leite farto ou à mamadeira com bom preparo de alimento, mostre desassossêgo, falta de sono, chore de contínuo; padeça de vômitos habituais e gases intestinais, tenha *diarréia verde* ou *prisão de ventre*.

Nesses casos a hipótese de neuropatia é muito provável.

A dois cuidados essenciais deve obedecer a criação do bebê neuropático:

a) ambiente tranquilo e isolamento do bebê, sempre no berço.

b) horário da alimentação inflexível.

O bebê deverá ser conservado no berço, de tôdas as maneiras. "Não receberá visitas de quem quer que seja". Reproduzimos as palavras de um grande pediatra: "Em geral, respeitando-se o isolamento, pode passar as horas do dia no berço em terraço abrigado ou no jardim. À noite não se olhará para êle nunca; o próprio ruido dos passos da mãe, acercando-se de seu berço, pode transformar-se em verdadeira obsessão. Procedendo-se assim, ao cabo de 1 mês de tratamento, temos uma máquina, um relógio em casa. Aí já se pode dar algumas colheres de água ou chá durante o dia e em noites de canícula" (Chiaffarelli).

Não se devem esquecer estas palavras do mesmo pediatra:

"E' incrível a facilidade com que se criam vícios na criança nervosa; pode-se observar isto em lactentes que são retirados do seu berço e carregados para apaziguá-los. Em poucos dias êste hábito torna-se-lhes premente necessidade e é reclamado com tôda a insistência, podendo o estado de irritação atingir o verdadeiro delírio".

E a verdade que, quando, nessas condições, cessa de chorar o bebê, tão logo é pôsto no colo, é quase certo tratar-se de um bebê neuropático e mal conduzido no seu meio doméstico, e cujo *problema* é complicado pelo *problema* de sua própria família ou *íntimos*.

Horário — Escreve Chiaffarelli com grande autoridade: "O horário do lactente normal poderá ter certa flexibilidade; no neuropata não.

E' preciso acordar a criança se estiver dormindo, na hora certa; bem acostumada, breve acordará por si.

Horário de 3 em 3 horas: 7 — 10 — 13 — 16 — 19 e 22 horas, por exemplo.

Nos intervalos nada, sobretudo no primeiro mês. "A sensação de sêde, que por ventura sentir será um estímulo para a boa aceitação do alimento".

Respeitado o ambiente próprio da *criança neuropática*, é observado, inflexivelmente, o horário estabelecido, resta um cuidado imprescindível: *o alimento próprio dêsses bebês*.

Qual é êle?

O leite materno sofre, aqui, uma exceção; *não é o leite da criança neuropática*.

O leite(digamos assim) é a chamada *mistura butiro-farinácea*.

A mistura butiro-farinácea faz aqui verdadeiros milagres, diminuindo o peristaltismo intestinal e facilitando a formação de evacuações pastosas, graças ao desdobramento da gordura e combinação dos seus ácidos graxos com as bases alcalino-terrosas" (Chiaffarelli).

Deixaremos para outro artigo a parte dietética pròpriamente do bebê neuropático.

A SAUDE DO BEBÊ

CONDUTA NOS DISTÚRBIOS DO BEBÊ NEUROPÁTICO

DR. SABOIA RIBEIRO

compaixão humana". Eis porque nasceram Hetty Sorrel, Eppie e Maggie Tulliver.

V

Antes dos quarenta, George Eliot era rainha apenas de George Henry Lewes. Antes dos sessenta, era rainha do mais brilhante salão de Londres. Recuperara os amigos. Era rica, famosa e dispéptica; ao mesmo tempo uma anfitriã de disposição espiritual fascinante e um tanto imprevisível. Alugara uma casa em Regent Park e a denominara de "priorado". George Henry aceitara a direção da *Fortnightly Review*, e usou seu nome para atrair Browning, Huxley e Tyndall para colaborarem nela.

Nas tardes de domingo, no "priorado", Herbet Spencer entregava sua pasta a seus auxiliares e punha-se à disposição para resolver charadas; o americano Emerson ficava lado a lado com o romancista russo Turgueniev; e Richard Wagner referia-se à sua nova ópera, *Tannhäuser*. E todos estavam de acôrdo que George Eliot era "a mais popular criatura de Londres". A afável anfitriã conversava alguns momentos com cada qual das suas visitas numa "voz de idescritível encanto".

Mas ela não era uma grande conversadora. Seu marido é que possuía a habilidade de manter a palestra animada. Passava de um grupo para outro como um fantástico gnomo e, de vez em quando, ao ser dito algum chiste, ficava a um canto com um sorriso de triunfo pelo sucesso de sua malícia.

Era imensamente feliz. Seu grande e generoso coração pulsava pela vida de sua Polly. Ela era um gênio de perspicácia; êle era o guerreiro feliz que se alistara para lutar pela inteligência e pela causa dela. Não lhe tocava beber da taça da fama. Mas ao menos podia segurá-la para os lábios de sua adorada deusa. Fizera bonita figura em sua curta vida de ator até encontrar um artista melhor para representar o papel. Retirou-se então para os bastidores com a delicadeza de um artífice que se preocupasse inteiramente com a perfeição do espetáculo. Se necessário, "levantaria o palco em suas mãos" para que o desempenho dela prosseguisse.

Não obstante sua dedicação a tôda prova, porém, trabalhava nas horas vagas para pronunciar

(Cont. na pág. 54)

Mães carinhosas... e previdentes

confirmam com orgulho:



para as crianças do Brasil só o TÔNICO INFANTIL



Tudo que o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do TÔNICO INFANTIL! Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças

CORREIO DA REVISTA

Tanni Lin (Rio) — Reprovado o seu conto "Para uma nova vida". Cultive um pouco o estilo e não descure a linguagem.

C. C. (Belo Horizonte) — "As flores de Florinda" não conseguiu aprovação. O português estava ruinzinho. O mesmo sucedeu com o outro conto, "Assassinado em pleno ar".

E. M. R. (S. Paulo) — O amigo tem imaginação, mas não tem estilo, e a linguagem muito defeituosa. Por isso "Escombros" não foi aproveitado.

I. M. (Rio) — "Metódico Pontual" não foi aprovado.

S. P. R. (Rio) — Publicamos, de preferência, contos sôbre temas brasileiros. Por êsse motivo, "Mêdo" não passou. Mande-nos outro dentro de nosas onrmas.

R. C. de O. L. (Rio) — Melhore o seu estilo e preste mais um tantinho de atenção e verbos e regimes. "O Egoista" estava atacado dêsse defeitos.

D. de B. F. (São Paulo) — "A aposta" está muito fraco e contém muitos erros de português.

R. M. (São Paulo) — Seu conto, "A Mala", não chega a constituir obra literária que mereça essa clasificação. Quando muito, seria uma crônica. Talvez que o amigo, desenvolvendo o enrêdo e lhe dando mais movimento, o transforme em conto.

Domiciana (Rio) — O conto "Apassionata" foi aprovado. Mas, como deseja que saia: com o pseudônimo ou o nome verdadeiro?

Antônio Miranda (Tocantins) — Não temos o livro que nos pede em sua carta de 4 de setembro.

Aluisio Ordones de Castro (Belo Horizonte) — Não foi mais possivel evitar a publicação, pois já fôra entregue a ilustradores. Quanto ao conto "Ronda dos Vivos", transmitimos seu pedido à gerência para providenciar.

Michel Antônio Além (Rio Claro) — Está com a Comissão Julgadora o seu conto "E o sonho terminou". Aguarde.

Péricles Queiroz (Rio Pomba) — Muito bem feito o sonêto que nos mandou. Deixamos de publicá-lo porque não temos seção de poesia.

Aluisio F. de Mendonça (Natal) — Pode mandar os contos, mas à proporção que forem sendo publicados. Quanto ao "Febre", ainda não foi julgado.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

AS FÔRÇAS DE JUPITER...

(Cont. da pág. 33)

cima, no teto da casa... Evidentemente, a máquina perdeu tôdas as suas características e teve que ser vendida como ferro velho...

Na casa de um cidadão norte-americano na mesma zona, um corisco mal-educado teve a insolência de entrar-lhe no lar, despedaçar uma porta que estava fechada com absoluta segurança e arremeçá-la, violentamente, pelo telhado lá no meio da rua.

Há ainda aquêle outro caso esquisito! Uma faísca penetra em certa casa, arrebenta um armário, mas deixa intacta uma gaveta, a qual é arremeçada sôbre uma cama em que dormiam duas garotinhas, sem causar-lhes qualquer dano. E o mais esquisito dessa aventura de um raio admirador de crianças e inimigo de armários, é que, na cama das crianças, havia um colchão com molas de metal. Não é esquisito?

Dizem os entendidos em coisas de eletricidade que todos êstes fatos, por mais estranhos que sejam, têm explicação na própria natureza do raio. São êles, apenas, uma corrente elétrica. Como tal, o raio procura sempre um caminho de melhor resistência, conforme os melhores condutores. Por essa razão, procuram as faiscas elétricas seguir os fios metálicos, arames, etc., pulando sôbre objetos de metal, não deixando, algumas vêzes de surpreender os indivíduos e atingi-los em cheio, porque é o corpo humano melhor condutor de eletricidade do que o ar, oferecendo, por isso, mais fraca resistência.

Os norte-americanos já levantaram interessante estatística sôbre a possibilidade de um cidadão daquele país ser fuzilado. Encontraram a seguinte proporção: um em 365 mil. E chegaram ainda à conclusão que não é verdadeira a versão de que um raio, ao cair em determinado lugar, não cairá outra vez, no mesmo sitio. Nada mais fácil. Uma faísca pode cair duas ou mais vêzes no mesmo local.

Um dos mais extraordinários pontos de observação para confirmar, isto é, o pico do "Empire State Building" em Nova York, que já foi bombardeado doze vêzes em vinte minutos, durante tempestades meteorológicas sôbre Nova York. Durante um ano, foram registradas cinquenta descargas elétricas das nuvens contra a tôrre daquele edificio.

Um dos mais seguros lugares para qualquer pessoa passar os mais perigosos momentos de tempestades com raios e coriscos é o automóvel, caso seja êle feito inteiramente de metal. Caso seja o carro atingido, o metal de que se compõe afasta o perigo que ameaça os que estão no seu interior, pois a faísca elétrica aprecia muito mais o aço do que o miserável corpo humano.

Outro local muito bom pela segurança que oferece é uma fornalha ou refrigerador totalmente feitos de metal. Mas isso já é mais difícil, pois que, se a fornalha estiver em funcionamento, ou o refrigerador a fazer gêlo, seria o mesmo que escapar de um tigre e cair na bôca do leão. Mas, se tais refúgios estiverem vagos e sem função, já ficam os leitores sabendo que o interior dos mesmos é boa proteção contra as brincadeiras de mau-gôsto dos raios e seus afins.

O melhor é manter em função a instalação de pára-raios. Outra dúvida que sempre paira em nosso espirito quando viajamos de avião. Será que um raio, atingindo um aeroplano, matará os pasageiros ou destruirá o aparelho voador?

Segundo atestam os que vivem a voar em tôdas as direções e têm enfrentado borrascas e descargas elétricas em grandes aviões comerciais, os aeroplanos feitos totalmente de metal, mesmo que sejam atingidos por faiscas lá nas nuvens, não sofrem dano nenhum, nem tampouco os que vão em seu bôjo. Até hoje não se registrou um só caso que prove o contrário dessa tese. Portanto, leitor, não fique nervoso quando viajar pelos ares e vir a coisa preta à sua frente. O raio não lhe fará mal nenhum, e se houver acidente de aviação, não culpe êsses pirotécnicos que Júpiter e Zeus tanto admiravam...

ZIZINHO — O DONO...

(Cont. da pág. 24)

esta hora — eram nova e meia da noite — ela estava me esperando de revólver em punho.

— Sim, mas agora não sou mais assim...

O casal Zizinho-Jane tem uma menina, Nadia Nara, de quase dois anos de idade. Talvez que uma só reportagem não bastasse para se falar dessa encantadora criança. Não é sem razão que a casa se enche para ouví-la falar de suas proezas.

Certa vez, no campo do Flamengo, durante um treino, irrompeu pelo campo onde o pai jogava. De outra feita pôs a sede do Bangu em rebuliço. Joga com o pai que a deseja ver pianista.

Há um outro filho que está para nascer dentro de um mês. Se fôr homem nota-se que Zizinho o deseja ver um craque de futebol. D. Jane, entretanto, nem bola vai deixar o menino ver. Para isso já fêz Zizinho prometer que abandonaria o futebol dentro de dois anos. Êle, no entanto, declarou-nos que só o fará daqui a cinco, se vários fatôres, técnicos e fisicos, o permitirem, pois completará 29 anos a 14 de setembro. E o resto de sua vida pretende dividir em duas metades. A primeira no prosseguimento de sua função no comércio de tecidos, que já exerce numa casa que o Bangu lhe deu de sociedade com o velho Oscar, ali na rua São José. E a segunda num sitio, criando galinhas e descansando. Esta última, era o que dizia à espôsa, não sabemos se para contentá-la.

★

De pitoresco nas concentrações, Zizinho pouco nos contou. Falou da vitrola e das conversas comuns quando se encontram rapazes juntos. Narrou-nos, entretanto, um fato ocorrido na concentração da Copa do Mundo.

Havia no alojamento dos jogadores uma chamada diária, por número de cama, à qual cada um respondia pelo apelido, uma espécie de nome de guerra. E assim seguia-se a chamada, ao que o jogador respondia:

Zizinho — Retalho!
Ademir — Queixo de burro!
Danilo — Cadáver!
Bauer — Coca-Cola!
Nena — Charutinho!
Jair — Jajá!
Augusto — Coroinha!
Bigode — ?
Maneca — Bahia!

Chico não respondia o número, nem dizia o apelido. A turma então gozava e começava a brincadeira. Chico se queimava, mas não passava disso.

Outro fato de concentração é o que se prende ainda à Copa do Mundo. Zizinho fazia balões juntamente com Castilho, naquela época junina, antes de todos os jogos que iriam disputar. Mas, nos dias que antecederam à partida final não quiseram fazê-los.

— De nada adianta — dizia o meia-titular ao goleiro reserva. — Se nós ganharmos ninguém vai querer saber de balão. O que vai acontecer é uma "big" farra. Se perdermos, hum! Já pensou?

Terminada a partida, aquêle doloroso jôgo, Castilho aproximou-se de Zizinho:

— Está vendo? Não disse para fazermos o balão?

Guardamos para o final desta reportagem um fato sucedido no próprio dia que a empreendíamos. Serve para o leitor aquilatar o cartaz futebolistico que Zizinho ostenta e o contaremos minuciosamente, com tôdas caracteristicas do sucesso, a fim de que se aproxime da verdade o mais possivel.

Deixáramos a frota que nos levava do Rio para Niterói e caminhávamos pela praça esquivando-nos de bondes e carros em direção da rua José Clemente, onde entramos, quando um menino de pouco mais de doze anos fêz uma volta rápida em tôrno de nós olhando e sorrindo para Zizinho.

Avançamos mais algumas centenas de metros, atravessamos uma praça e, perto do número 130 da mesma rua, diante de uma barreira, o garôto acercou-se e fêz-nos estacar:

— O senhor é o Zizinho?

— Sou, meu filho, por quê?

O menino olhando-o, parado, embevecido. Esticou o braço, indeciso, como para segurá-lo, tocar-lhe na roupa ao menos, foi o que pensamos. Entretanto, de inesperado, lançou-se no peito largo do jogador, caindo em pranto. Soluçava, e, a impressão que nos ficou daquele garôto que viera de São Gonçalo para ver seu jogador preferido, foi das mais gratas.

— Por que você saiu do Flamengo? — continuava entre lágrimas.

— Mas o que é isso, p'ra que chorar? Sai do Flamengo mas estou no Bangu, e

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Jasmim Super	10.00	22.00	30.00
Violeta B — Super ..	13.00	22.00	30.00
Q. Fluors — Super ..	15.00	25.00	35.00
Fl. Amor — Super ..	15.00	25.00	35.00
Mitzko — Super	18.00	25.00	35.00
Arp. S — Super	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super ...	21.00	35.00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40.00
Chan 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N — Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narcisse N — Super..	25.00	35.00	40.00
Pretz — Super	35.00	45.00	55.00
Rumores — Super ...	35.00	45.00	55.00
Escandalo — Super ..	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super ..	35.00		
Flor Maçã LF	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF	50.00	70.00	70.00
Biarritz LF	50.00	70.00	70.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	70.00
Arabesque LF	60.00	80.00	80.00
Heno del Campo LF..	60.00	80.00	80.00
Casino LF	60.00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF ..	85.00	105.00	105.00
La Rose Rougeatre LF	85.00	105.00	105.00
Despesas Reembôlso..	6.00	6.00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

Publicidade para esta Revista em S. Paulo:

Recebimento de faturas a cargo da "Agência Zambardino"

Rua Capitão Salomão, 67

Telefone: 4-1569

DESODORIZE O SUOR SEM PREJUDICAR A SAÚDE

ANADORAN tem um total efeito desodorante sôbre o suor e não impede a transpiração. Não mancha os tecidos, por mais delicados que sejam. Ideal para axilas e pés.

ANADORAN

SEREIA

o desodorante perfeito

Pedidos à Perfumaria Sereia Ltda. República Perú, 326 - Rio

Sino

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

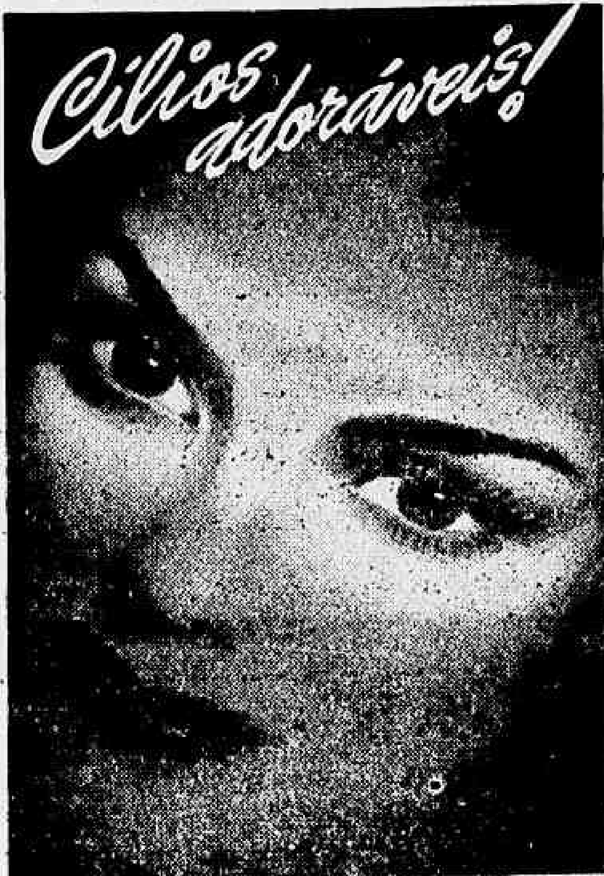
Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso

A venda nas boas Farmácias

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e enderêço certos a que as mesmas se destinam.



Use Cilion, que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE, QUE RENDE MAIS

você pode ser dêsse clube e Flamengo ao mesmo tempo!

E foi levando-o abraçado até sua casa, ali perto. Fixamos o flagrante dos momentos, que nestas páginas, estão reproduzidos. Quem, às nove e pouco da noite, se encontrava na rua José Clemente, àquela altura, não nos deixará mentir. Zizinho e Machado Goulart, antigo locutor da Continental, acompanhava-nos e contestarão se exageramos.

Conversando com Levy Kleiman, redator-chefe do "Esporte Ilustrado", acêrca do ocorrido, vendo ali o fenômeno Zizinho, disse-nos:

— Não é bem o fenômeno Zizinho, mas o fenômeno Flamengo.

Cremos que os dois o sejam no coração dos torcedores.

PERIGOSA AVENTURA...

(*Cont. da pág.* 34)

— Qual é o seu plano?

— Por enquanto, nenhum, tenente. Vou pensar ainda como agirei para chegar aos melhores resultados. Deixe-me os endereços dos fornecedores do Brasil para o Exército. Preciso comunicar-me com êles.

Cumings deu-lhe uma lista de nomes e retirou-se um tanto aliviado por poder contar com o auxílio de Peggy. A jovem até perdera o apetite e começou a tomar o café automàticamente, enquanto seu cérebro trabalhava ativamente. Meia hora depois a detective rodava para uma agência telegráfica. Vários telegramas foram expedidos para vários endereços no Brasil.

★

— Que entre o seguinte... — disse Hawkins com sua voz metálica.

Ostentando um minúsculo chapéu, última moda de Paris, que completava sua toilette apurada, a joem morena e sorridente prendeu no mesmo instante tôda a atenção do industrial.

Victor era um sujeito de meia idade, forte, queixo quadrado, lábios finos e olhos pequenos que brilhavam no momento como os de uma serpente. Conquanto não fôsse bonito, também não era feio e seu todo era quase simpático.

— Em que posso servi-lo — perguntou com brandura forçada, porque sua voz estava habituada à dureza.

— Meu nome é Bett... Betty Russel. Aqui está uma carta de recomendação e os lugares onde poderá colhêr informações. Preciso de um emprêgo e sou dactilógrafa.

— Muito bem... E por que veio exatamente à minha firma?

— Nas grandes firmas sempre há uma vaga para dactilógrafa.

— Bom raciocínio. Além de dactilografia, o que mais conhece?

— Escrituração de livros, correspondência, contrôle de material e congêneres.

— Muito bem. Tenho uma vaga para você. Quando pode começar o trabalho?

— Imediatamente, se o quiser.

— Não é preciso. Volte amanhã. Começamos os trabalhos às nove horas. Seus honorários serão de acôrdo com sua capacidade.

Betty... Betty Russel, a nova funcionária do Solitário saiu felicíssima com sua vitória. Seguiu pela rua e perdeu-se entre a multidão.

Naquela noite, uma velha desgrenhada, coberta de andrajos e calçando um par de sapatos gastos e tortos estava sentada na sarjeta em frente à porta dos fundos da grande fábrica de manufatura de borracha da firma Charlie Hayne & Cia. Uma turma de empregados trabalhava ativamente, descarregando caminhões. A velha acercou-se da porta, espiou lá para dentro e chamou aquêle que lhe pareceu ser o encarregado da turma.

— Meu filho... — falou com voz gutural.

— Será que você tem algum "bico" para eu fazer? Preciso ganhar uns niqueis... meu estômago está tão vazio!

— Serviço para você, minha velha? O que pode fazer nesta idade? — o capataz coçou a cabeça, franziu a testa... Positivamente, êle era um bom homem e estava sinceramente penalizado com a situação da velha.

— Qualquer coisa, meu filho. Eu ainda sou forte. Posso arrumar as coisas no galpão... consertar a roupa de vocês... em troca me darão um prato de comida.

— Você não tem família?

— Pra quê, moço. Sou sòzinha neste mundo de Deus.

A mulher tinha lágrimas na voz e o homem sentiu um nó na garganta.

— Imagine, meu filho, que nem tenho onde passar a noite. Faz tanto frio e eu durmo nos bancos de praça onde os guardas nunca me dão sossêgo.

Por hoje você dormirá aqui. Mas muito cuidado, heim? Saiba que estou arriscando o meu emprêgo em seu benefício. Se o patrão descobre que deixei um estranho aqui me joga na rua sem piedade e eu tenho mulher e filhos.

A mulher não cabia em si de contente, mas disfarçava êsse sentimento. Entrou sorrateiramente para que os outros empregados não o percebessem e foi acocorar-se num cantinho escondido.

Horas depois o galpão foi fechado e o pessoal foi embora, ficando apenas o vigia do lado de fora.

Rápida e silenciosamente a velha ergueu-se do seu canto. Uma luz brilhou em suas mãos, projetando sua claridade sôbre os fardos de borracha que se achavam empilhados em tôda a estensão do galpão. Tudo lhe pareceu em perfeita ordem. Cada fardo estava marcado com sua procedência e destino. Embalde a mulher procurava uma certa marca de identificação. Não havendo qualquer possibilidade de encontrar o que procurava, a velha encaminhou-se para a porta e nela bateu com fôrça. A voz do vigia veio alarmada do lado de fora. — "Quem está aí?". — "Abra essa "droga"! — respondeu a velha, levando à bôca um pequeno frasco que estivera escondido entre as roupas. O vigia abriu uma parte da porta e ela saiu, atirando-lhe bafos avinhados.

— Velha alcoólatra... — resmungou o vigia. — Eu devia chamar a polícia, mas nem vale a pena. Vamos, sai logo de uma vez antes que eu te dê um ponta-pé.

A megera seguiu com seus pasos vacilantes e suas pernas tortas que mal a sustinham. Dobrou uma esquina deserta aquela hora e seguiu até a próxima rua. Ali estava parado e silencioso um moderno "Pacard". Nêle a velha entrou ràpidamente e alguns minutos depois a deliciosa detective dirigia o carro em direção ao seu apartamento. De uma coisa ficara ciente: Charlie Hayne não era o culpado. Em casa uma longa carta recém-chegada aguardava a jovem. Vinha do Brasil e explicava detidamente como era feita a remessa da borracha e acrescentava que as instruções recebidas seriam executadas. A jovem sorriu com prazer e apanhou o telefone. Não lhe foi difícil àquela hora, falar com o tenente.

— Risque Hayne & Cia. da lista-negra. Está inocente como um anjo.

— Tem algum indício seguro?

— Tê-lo-ei dentro em pouco.

★

— Apresento-lhes a nova funcionária que acabo de admitir — falou Victor para os outros empregados. — Miss Angela, queira dar instruções a miss Russel.

Betty Russel estava assim, oficialmente empregada na firma do Solitário.

Tôda a correspondência lhe foi entregue para ser estudada e consultada a resposta. Cartas de todos os lugares do mundo. Da Alemanha havia uma assinada por Kurt Müller, que dizia apenas: "Recebemos maravilhoso presente, não esqueça o restante, enviamos cumprimentos". Betty procurou o enderêço do remetente mas não havia. Mais tarde, porém, quando pediu instruções para as respostas, ficou surprêsa quando Victor quase arrancou-lhe a carta das mãos. — "Essa é particular..." — explicou êle. E foi assim o primeiro dia de trabalho de Betty Russel.

— Quer jantar comigo, miss Russel?

Betty virou-se assustada com o inesperado convite.

— Sou David Hawkins, fi... quer dizer, sobrinho de Mr. Hawkins.

— Muito prazer. Mas... porque me convida se sòmente hoje comecei a trabalhar?

— Você viu alguém digno de ser convidado para jantar comigo? Meu tio só tem aceitado mulheres feias e velhas para trabalhar conosco e isto já estava ficando cacete. Finalmente, êle teve a genial idéia de admití-la.

— Está pensando que vou aceitar o seu convite assim... sem mais nem menos?

— E por que não?

— Porque não posso. Tenho aulas, à noite.

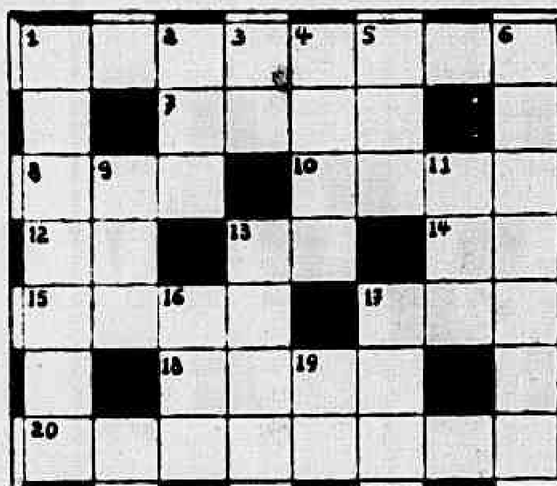
— Não pode perder uma aula?

(*Cont. no próximo número*)

PALAVRAS CRUZADAS

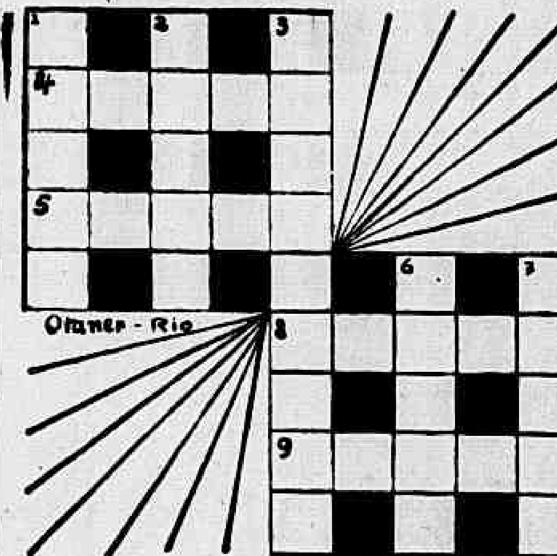
PARA NOVATOS

PROBLEMA Nº 21



HORIZONTAIS: — 1. Natural de S. Paulo — 7. Ato de mirar — 8. Caminho — 10. Árvore da família das Leguminosas — 12. Atmosfera — 13. Artigo plural — 14. Seguir — 15. Escarnecem — 17. Oferecei — 18. Não é comum — 20. Avarenta.

VERTICAIS: — 1. Plebe, populacho — 2. Única — 3. Estudei 4. Cólera (pl.) — 5. Retirase — 6. Uma das 5 partes do mundo — 9. Espécie de palmeira: o mesmo que airí — 11. Lavatório — 13. Gostar — 16. Sapo das regiões do Amazonas — 17. Sofrimento — 19. Batráquio.



PARA VETERANOS

PROBLEMA Nº 21

HORIZONTAIS: — 4. Recitas — 5. Sujeitar-se — 8. Tudo o que fulmina (pl.) — 9. Abominar.

VERTICAIS: — 1. Doméstica — 2. De mau humor — 3. Agiotas — 6. Espécie de cacto — 7. Mulher formosa.

PROBLEMAS Nº 20

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

★

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Pará — Amazonas — Arame — Oco — Adora — Aras — Lá.

VERTICAIS: — Lama — Par — Rama — Azedar — Noras — Só — Oarara.

★

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Trapo — Nós — Lua — Amolo.

VERTICAIS: — Tela — Anão — Pó — Osso — Um.

-:-

Colaboração e corerspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

ACADEMIA de ARTE & TÉCNICA Cinematográfica



PONTOS PRINCIPAIS DO PROGRAMA DO CURSO DE ARTE E TÉCNICA CINEMATOGRÁFICA

Diálogos
Decoração
Luz e Som
Cenografia
Enquadração
Adaptação
Maquillage
Arte Representativa
Direção Artística etc.

RÁPIDO E EFICIENTE
FARTAMENTE ILUSTRADO
DEPARTAMENTO DE CONSULTAS
VISITAS AOS ESTÚDIOS NACIONAIS
BELÍSSIMO DIPLOMA

Academia de Arte e Técnica Cinematográfica.
Caixa Postal, 5121 -- Rio de Janeiro

Sr. Diretor: Queira enviar-me o seu folheto grátis.

Nome____________________
Rua ________________ **n.** ______
Cidade__________ **Estado**__________

A VIDA DE GEORGE ELIOT

(Cont. da pág. 47)

uma série de conferências sôbre *A vida dêsde a simples células até o homem*, para completar um livro sôbre Aristóteles, estudando a loucura, visitando asilos e hospícios, observando os efeitos do cloral e fazendo pesquisas a respeito dos protozoários.

Mas afinal sua saúde começou a ceder. Enquanto sua espôsa se tornava mais opulenta, êle se tornava cada vez mais surdo. Mudaram-se de Regent Park para uma casa mais espaçosa em Surrey. Eram servidos por lacaios e passeavam em carruagens. Mas Lewes contentava-se plenamente em olhar no microscópio e em criar uma nova filosofia por poucas libras. Um admirador do gênio de sua espôsa mandou de presente a êle uma bengala. Quando suas fôrças fraquejaram, êle a conservou junto ao leito, usando-a para todos os passos que dava. Mas ninguém lhe mandara uma bengala por causa do gênio *dele*. Não importava. Êle não podia compreender o louco frangalho da vida. Alí o clima era "a Escócia aliada a Warwickshire". Por algum tempo êsse clima aclarou-lhe a mente e lhe deu uma falsa sensação de segurança. Êle caminhou, brincou, gracejou melhor do que nunca. Cantou um tanto desafinadamente acompanhando Polly que tocava piano. E um dia morreu em meio ao sono. Não percebera que marchava para a morte, do contrário teria certamente tecido seu mais irônico comentário a respeito disso e lhe dedicado uma airosa canção.

VI

George Eliot revisou seu último manuscrito e o enviou aos editôres. Depois, em memória do marido, criou uma fundação para pesquisas fisiológicas. "Nossos mortos nunca estão mortos enquanto não os esquecemos". Gradualmente as energias dela se reanimaram, seu amor à vida tornou a despertar e, graças a Deus, recomeçou a viver. Aceitou as homenagens que lhe eram tributadas, que lhe chegavam numa contínua corrente de veneração de tôdas as partes do mundo. Um cidadão suíço, já idoso, escreveu que aprendera o idioma inglês com único propósito de "ler os romances dela na língua original". Um outro admirador pediu que seus restos mortais fôssem colocados o mais perto possível da sepultura dela. O maior preito, porém, partiu de um jovem banqueiro inglês, John Cross. Casou com ela.

Havia uma diferença de vinte anos entre Mary Anne Evans e John Cross. Êle tinha quarenta e um, e ela sessenta e um. Mas isso não importava. Durante todo o tempo em que uma mulher emprega a magia da sua pena para criar juventude e beleza nos seus escritos, permanece jovem e bela. Enquanto *escreve* a respeito da primavera, é primaveril.

"Nossos pensamentos são muitas vêzes piores do que nós, assim como são freqüentemente melhores do que nós" — mas nunca são tão velhos como nós. Partiu com seu marido para uma excursão pelo continente, como se não tivessem decorrido quarenta anos desde sua primeira visita às catedrais e ao Reno. Apanharam rosas no jardim de Jean Jacques Rousseau, e leram juntos a *Divina Comédia* de Dante. O calor estival em Milão foi uma prova difícil demais para êle, mas não para ela. Parecia forte e serena. Cuidou dele enquanto esteve acamado. Juntos leram o *Fausto* de Goethe; e os lábios dela tremeram ligeiramente quando o velho filósofo, que dera a sua alma como pagamento pela restituição de sua mocidade, implorava ao tempo fugaz que não fugisse. "Pára um momento; é tão lindo!" Pára um momento... Não te apresses. Se ao menos ela como Fausto, pudesse também vender sua alma ao diabo para ter mais uma vida!

Ah! mas era tolice desejar duas vêzes voltar de um verão no continente para cair numa Inglaterra fria e ficar sabendo que outra pessoa amada se foi! O grande autor em sua imprudência deu a Fausto uma segunda vida; mas o Grande Autor na Sua sabedoria deu a Goethe uma única vida, deu uma única vida a tôdas as criaturas. Uma vida e uma esperança...

Oh! possa eu me associar ao invisível côro
Daqueles mortos imortais que vivem outra vez
Nos espíritos que sua presença purifica...

O tempo não estava debalde Sete meses depois de seu matrimônio, Mary Anne apanhou uma corrente de ar numa sala de concertos na Inglaterra.

Não podiam sepultar aquela cigana rainha das letras na Abadia de Westminster ao lado dos reis. Porque ela amara um homem desprezando o código dos princípios morais da civilização. Assim, enterraram-na ao lado do homem a quem amava, em chão abençoado apenas pela religião dêsse amor. Uma mulher poèticamente cigana num lugar descuidado como um cigano, onde a natureza deixava cair os cabelos soltos sôbre seus filhos proscritos.

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE GEORGE ELIOT

1819 — Nasceu em Warwickshire, Inglaterra.
1844 — Começou sua vida literária traduzindo a *Vida de Jesus*, de Strauss.
1851 — Tornou-se sub-diretora da *Westminster Review*.
1854 — Começou a viver com George Henry Lewes, como sua espôsa.
1857 — Escreveu *Cenas da vida do clero* para o *Blackwood's Magazine*, e começou sua carreira como escritora de ficção.
1878 — Morte de George Henry Lewes.
1879 — Casou com John W. Cross.
1880 — Faleceu.

Suas obras de maior importância são as seguintes:

1859 — *Adam Bede*. 1860 — *The Mill on the Floss*. 1861 — *Sillas Marner*. 1862-3 — *Romola*. 1866 — *Felix Holt*. 1868 — *The Spanish Gypsy* (drama). 1872 — *Middle-March*. 1876 — *Daniel Deronda*.

PEDRO, O CHAVEIRO...

(Cont. da pág. 26)

de me consome. Nem que fôr por um dia. Vou hoje e volto amanhã. Juro que volto.

Pedro foi inflexível. Não podia deixar partir. O danado estava condenado a dezesseis anos; não tinha nem uma semana do cumprimento de pêna e já queria sair!... Que esperasse, que tivesse paciência. E até aconselhou:

— Olha, rapaz, a coisa aqui precisa ser com calma. Se o condenado se comporta bem, já cêdo o Doutor Ovídio manda embora. Sei de tantos casos!

Isso foi no meio do dia. Quando a tarde ia caindo, Messias se aproximou de Pedro e disse:

— Abre a porta que eu vou sair.

Pedro olhou-o de frente e respondeu:

— Isso havera de custar muito sangue!

A resposta de Messias não tardou:

— Pois seja!

E de dentro da camisa retirou uma faca pontuda, fina, afiada, com punho de chifre talhado. Segurou-a e num instante cravou-a no ventre de Pedro. Mas Pedro, antes de se afastar, tirou a pistola da cinta e descarregou uma bala no peito de Messias.

Foi tudo num instante. Os prisioneiros viéram logo e ficaram olhando, pasmos. Zé Aurélio, o mais moço de todos, o que mais se afeiçoara a Pedro, agachou-se no chão e com a palma da mão suspendeu a cabeça de Pedro. O chaveiro tinha os olhos fechados, a respiração acelerada, e uma torrente de sangue vasando da camisa. Bem perto, estava Messias que morreu incontinente; caiu meio dobrado e a quêda da cabeça no chão duro produziu um som surdo de ossos que se quebram.

Ainda foi com vida que levaram o corpo de Pedro para a casa. Anunciada quase ficou louca de desespero vendo o marido à morte. Desdobrou-se. Fez tudo que pôde. O Dr. Maciel ouviu-lhe o coração, tomou-lhe o pulso e fechou a malêta. Era inútil. De fato; nem quinze minutos mais durou Pedro.

★

Depois, levaram os dois corpos para a Igreja de N. S. dos Desamparados. Vestiram Pedro como São Sebastião, com uma mortalha vermelha. O corpo de Messias ficou mesmo com a roupa que estava. Nem mesmo um pano úmido passaram por sua face brilhante de suór. Nem os olhos, mãos piedosas fecharam. Velas, tinha, lá é verdade, que a nenhum cristão se as nega, mas eram já usadas, encontradas numa gavêta na sacristia, que sobraram do velório da filha do Coronel Acrísio, morta de parto.

Em cada minuto do velório, Anunciada chorou duas lágrimas. Não era apenas o Pedrinho que ela chorava; ela chorava, também, tôda a sua felicidade de espôsa; ela chorava a inveja que causava nas outras mulheres; ela chorava os carinhos dele que não tornaria a ter; ela chorava as águas de cheiro e os pentes de chifre, e os cortes de seda côr de rosa e as rendas de bicos e de entremeios; ela chorava a companhia amiga; ela chorava a falta que lhe ia fazer aquêle par de olhos junto dela, o esquerdo um pouco fechado como quem está apurando a vista.

Não vestiu-se de preto porque não tinha vestido dessa côr; usou um vestido branco, sem enfeite de côr, e soltou os cabelos pelos ombros que, nas costas, formavam uma pelerine.

Amigas que a consolassem, não faltaram. Faltou-lhes, isso sim!, palavras que a consolassem. Que consôlo se pode dar a uma viúva que foi espôsa feliz? Ficaram a seu lado. Seguravam-lhe as mãos, abraçavam-na, beijavam-na, confundiam as suas lágrimas com as dela. Só não se confundiam elas mesmas com Anunciada. Cada uma tinha o seu marido. Saindo dalí, voltariam para junto deles, já prontas para os carinhos, já preparadas para a vida normal que se não lhes interrompera.

★

O entêrro foi bonito. Não houve quem não comparecesse. Até o Coronel Acrísio esqueceu o ódio que lhe causou o assassínio do seu capataz Venâncio e tomou parte no cortejo. A' professôra, Dona Ormelina, foi tôda de preto, com grande distinção. O boticário, o competente Ananias, usou umas calças pretas, reminiscência de seu terno de casamento. O Dr. Ovídio chorava feito criança e sua espôsa, que estimava muito Pedro, chorava também. Manoel Sá, o dono do botequim, fechou o negócio e formou no séquito; não que Pedro-Chaveiro-Sem-Barbas lhe desse muito lucro; até que não dava não, mas simpatizava com o tipo, sempre conciliador de divergências que surgiam entre dois tragos. Até mesmo os presos foram para acompanhar o entêrro. E como choravam, todos êles, ladrões e assassinos!, mesmo os mais valentes, sem contar, é claro, com Zé Aurélio que até parecia que perdeu o pai.

Todos levaram nas mãos tôdas as flores de seus jardins. E depois de cobrirem com terra o corpo, cada um foi plantando as suas flores e logo as irrigaram com as próprias lágrimas.

Esmeralda, a paixão brava de Messias, embora avisada, não compareceu ao entêrro.

Houve alguém que jurou por tudo quanto é mais sagrado que era Aninhas a velha mal vestida, com um xale arrôxeado, chorando muito, sòzinha entre o povo, como quem não conhece ninguém. Todos souberam do boato que correu e não despregaram os olhos de cima da tal mulher. Mas não houve quem confirmasse, porque nadinha nela dava idéia de beleza no passado.

Naquela mesma tarde, o Dr. Ovídio nomeou Zé Aurélio para substituir Pedro-Chaveiro-Sem-Barbas.

Qualquer dia dêstes eu vou' contar a história de Zé Aurélio e acho que vocês vão gostar.

A VIDA DE FLORENCE...

(Cont. da pág. 12)

levava consigo, tudo isso foi uma provação excessiva para as suas energias. Chegou a Scutari doente. Os soldados carregavam-lhe a marca revezando-se, disputando aquela honra, desde o cais até a casa do capelão.

Ràpidamente, porém, ela recuperou a saúde. Quem tinha tempo para estar doente quando havia tantos feridos a tratar? E tantos erros a corrigir? E tantas resistências a vencer? Os encarregados do hospital teimavam que "tudo está justamente como deve estar". Não queriam saber

(Cont. na pág. 54)



QUANDO AINDA ERA SOBERANO e impunemente desafiava a polícia, foi várias vezes procurado pelos jornalistas e gostava de ser fotografado Conseguiu-o mesmo depois de morto, na foto em baixo.

A LENDA DO HERÓI DE MONTELEPRE

OS MÉTODOS QUE A POLÍCIA EMPREGOU ★ MONTELEPRE TEM NOVAMENTE VIDA ANIMADA, MAS NÃO VOLTOU À NORMALIDADE ★ ÊLE MORREU, MAS O POVO NÃO ESQUECE ★ TEM INÍCIO A LENDA ★ APESAR DA MORTE DO BANDIDO, O BANDITISMO NÃO ACABOU E TALVEZ A CAMPANHA DE REPRESSÃO CONTINUI.

Texto de JOÃO TELLES



AS três hipóteses estudadas em nosso número anterior sôbre as causas que determinaram o último encontro entre Giuliano e os «carabinieri», poderiam diminuir o valor do trabalho efetuado pelos mesmos para chegar a esse fim. Mas acontece que se de fato houve traição, se o bandido foi morto em Castelvetrano, isto é fóra do círculo de ação e influência do mesmo, ou se estava disposto a tomar um avião para fugir isso tudo foi devido à pressão exercida pelas autoridades do C.F.R.B. (Comando forças represão ao banditismo). No princípio da vida fóra da



OS GAROTOS de Montelepre, antes fugiam dos curiosos, agora procuram falar, sorrir e querem ser fotografados. Perderam o medo.

lei de Giuliano, que correspondeu ao fim do período bélico da última guerra, as autoridades italianas estavam ocupadas com assuntos muito mais importantes para solucionar a intervenção de tropas estrangeiras, a quéda da monarquia, a volta da democracia, as eleições e a instauração da república ameaçada pelos comunistas. Veiu em seguida o período de reconstrução, paralelo ao das reivindicações políticas de todas as províncias. Por fôrça de obediência ao tratado de paz, o govêrno não podia dispôr de tropas numerosas inclusive de policia para reprimir os movimentos anárquicos surgidos na zona industrial de Lombardia, no centro nevrálgico dos entroncamentos ferroviários de Bologna e nos latifúndios da Sicília. Valeram-se dessa fraqueza todos os instintos perversos aparecidos depois da guerra. No sul, coube a Giuliano desfraldar a bandeira da revolta, bandeira essa que se agitou em todas as direções, conforme os ventos que soprovam. Ora anti-comunistas, ora anti-governistas, separatista ou simplesmente anarquica, espelhava bem a falta de ideal de quem a conduzia. Infelizmente o jovem que chefiava o movimento soube angariar as simpatias dos pequeninos, dos sofredores, dos perseguidos, acenando-lhes com falsos gestos de magnanimidade e de bravura. Fez-se logo popular, revivendo nos espíritos supersticiosos daquela gente simples, os gestos dos Fra'Diavolo, Passatore, Robin Hood. Cercou-se de moços ávidos de aventuras e que viviam em perigosa confusão mental pendendo alguns para os ditames do Kremlim, outros para as benevolentes distribuições de armas americanas, outros ainda por uma reforma justa das terras não habitadas. Com a desculpa de distribuir dinheiro aos necessitados, raptou numerosos milionários, impondo-lhes pesados resgates. Dizia-se defensor dos humildes, protetor dos pobres. Pôde contar assim com amigos fiéis nos lugares que frequentava. Formavam verdadeiras cadeias informativas, rêdes esmiuçadoras, em cujas malhas passavam obrigatòriamente todos os desconhecidos, sendo logo assinalada sua presença no comando central. Para despistar, Giuliano vivia como um nômade, escondendo-se durante o dia no meio das matas, pelas montanhas agressivas ou em alguma cabana perdida, viajava à noite, deslocando-se para novo pouso, evitando assim possiveis surpresas. Quantas vezes foi salvo por um aviso de última hora. Contou com o apoio e a amizade de pessoas influentes e com a devoção quase generalizada do povo. Respeitavam-no porque viam nêle o sinal de insubmissão a todos os males que os afligiam e que, na mentalidade deles, partiam do govêrno. Enquanto esse apoio foi eficiente e sincero, enquanto estiveram livres os mais intimos colaboradores, Giuliano pôde locomover-se à vontade no tabuleiro de xadrez representado pelas pequenas cidades, pelas escarpas e pelas montanhas ao sul-oste de Palermo. Mas no govêrno da república italiana manteve-se o gabinete De Gasperi, cujo homem forte pela segurança interna era o ministro Scelba. Esse deu carta branca ao coronel Ugo Luca, especialista em caça a bandidos. A luta foi longa e custou muitas vidas, provando assim que os bandidos estavam bem organizados e armados. Mas o coronel Luca adotou o mesmo sistema empregado por Giuliano: astúcia. Nada de movimentos aparatosos, muitos agentes à paisana e discreção sôbre qualquel resultado. Assim, nos últimos tempos, foi cada vez maior o número de preciosos auxiliares do bandido que cairam nas mãos da policia, sem que essa o denunciase, Giuliano, aos poucos, viu-se privado do apoio das pessoas mais fiéis, viu descobertos seus principais esconderijos, não sabia o que pensar sôbre o desaparecimento dos amigos: estariam ainda vivos, presos ou mortos? Contariam eles o que sabiam, para escapar à responsabilidade dos acontecimentos anteriores? Os novatos do bando seriam fiéis? Percebeu então «Turiddu» que já não era rei absoluto do feudo que caira e de seus vassalos. Os «carabinieri» não eram apenas cem para policiar numerosas aldeias, agora eram milhares, bem armados, com viaturas modernas, estações rádio-portáteis à disposição. O cerco foi apertando e incomodando a preciosa liberdade de Giuliano. Vio-se impelido a procurar lugares estranhos, viver junto a pessoas desconhecidas e confiar nelas. Arquitetou fugir de avião para a América, como fizera o cunhado Celortino, mas já era tarde, seu destino chegára ao fim. Traido, talvez morreu sem lutar. De que valeu sua mocidade, suas conquistas, o dinheiro extorquido, as armas que possuiu? Não escapou ao fim inglório, fruto da campanha perseverante e tenaz das fôrças de repressão.

—o—

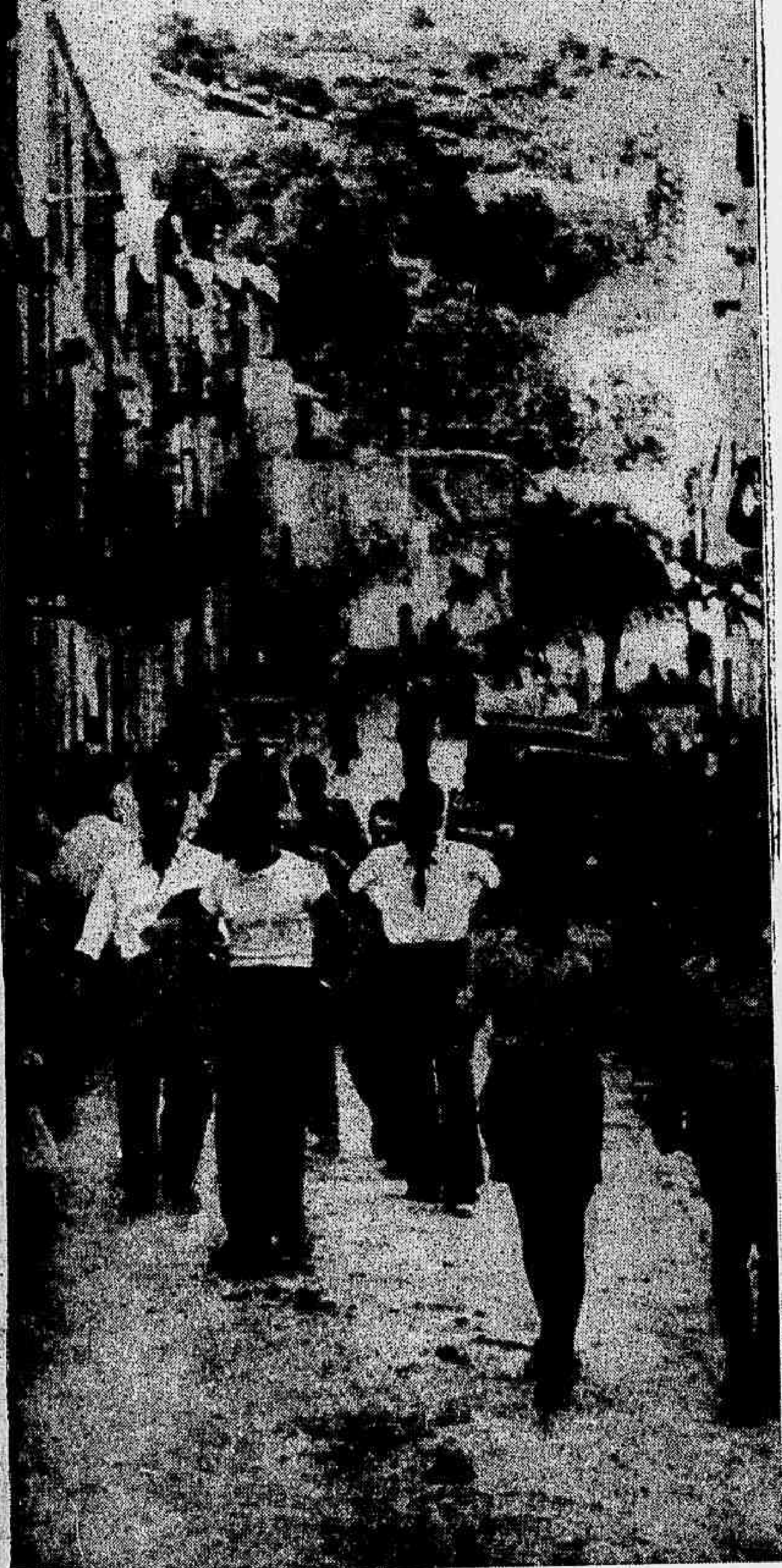
Montelepre, onde nasceu Giuliano, uma vez espalhada a notícia de sua morte, mudou completamente a fisionomia que tinha nos últimos tempos. Era triste passar pelas ruas desertas, mesmo de dia,, as janelas fechadas, os negócios parados, a solidão e o silêncio interrompido apenas pelas patrulhas, armadas de metralhadoras, que de cinco em cinco minutos faziam a ronda. Em determinada época, na cidade, foi imposto o tóque de recolher, com distribuição racionada de víveres e de água para impedir qualquer auxílio aos bandidos. O resultado foi contraproducente. Os «partigiani» de Giuliano aumentaram de número, todos queriam ser úteis ao bandido e Montelepre tornou-se uma cidade de surdos e de mudos. Ninguém sabia nada sobre as atividades de «Turiddu». Fingiam não compreender as perguntas que se lhes fazia e por mais inocentes que fossem. Hoje tudo é diferente. As ruas estão cheias de gente que quer falar, as tabernas repletas de alegres bebedores de vinho, grande ajuntamento de entendidos em tudo na praça principal. Agora, se chega um forasteiro é logo cercado e não é nada fácil esquivar-se da avalanche de palavras que lhe são dirigidas. Mas o que dizem os Monteleprinos? Nada. Com todo aquele falatório continuam mudos, suspeitam ainda de todos. Talvez se possa explicar o caso como uma crise nervosa coletiva. Forçados a calar durante tanto tempo, querem agora falar seja do que fôr, com ou sem propósito. Quem quizer saber alguma coisa, deve dirigir-se aos poucos que continuam calados. Esses sabem. A euforia aparente demonstrada pelos que vivem em Montelepre ou nas outras cidades nos arredores, não quer dizer que para essa gente foi eliminado um bandido, e sim que foi assassinado um protetor. Morreu um homem que até ontem eles acreditavam invencivel, e após a morte, pela maneira como foi

A JORNALISTA suera Cyliacus, foi a primeira a ser recebida por Giuliano, tendo permissão para realizar a reportagem. Muitas outras faziam o mesmo para satisfazer sua curiosidade morbosa.



RODEADO por pedras de gelo, o corpo de Giuliano à espera de ser autopsiado, no cemitério de Castelvetrano, provocando um movimento insólito na pacata cidadezinha da costa sul-oeste da Sicília.





MONTELEPRE voltou a ter vida animada, as ruas andam cheias. Antes havia tóque de recolher e todos se fechavam dentro das casas.



BADALAMENTI e MANNINO dois dos últimos integrantes do bando preso antes da corte de Giuliano. Dizem alguns que Mannino foi quem traiu e matou o chefe, sendo solto pela polícia para executar o triste papel, refugiando-se depois novamente nas mãos da justiça.



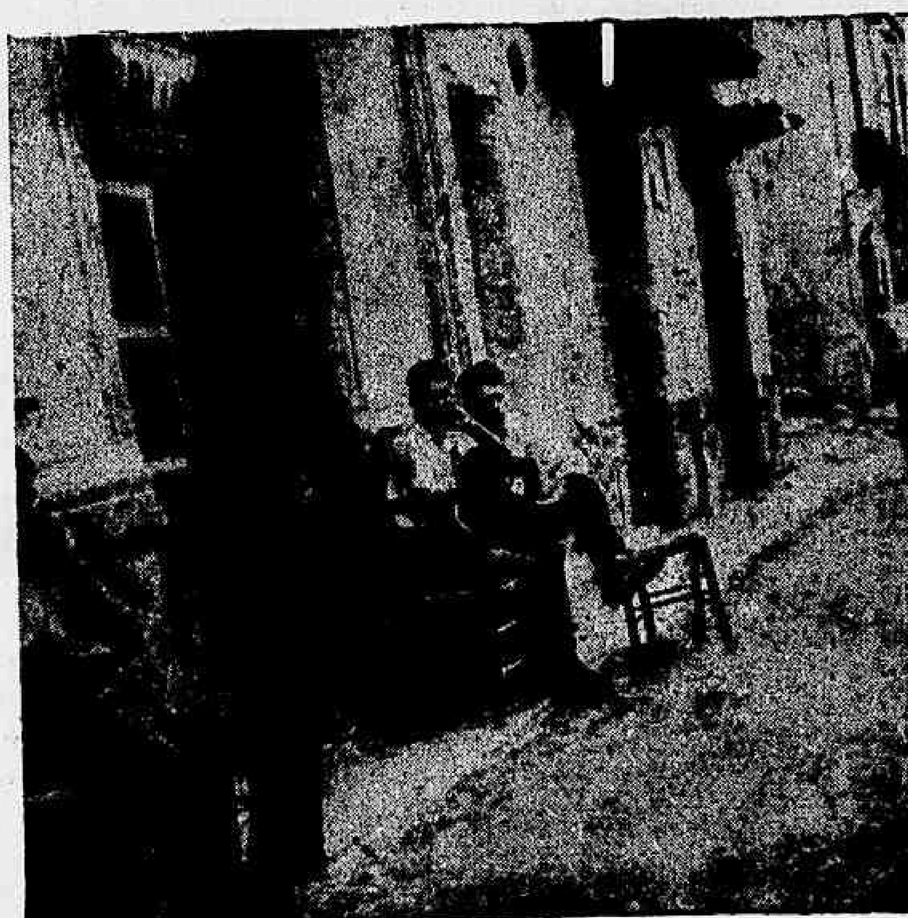




ALVOROÇO em Montelepre, com a notícia da permissão do funeral de Giuliano, homens e mulheres movimentaram-se prontos para seguir «Turiddu» até sua última morada. A mulher da direita perguntou ao fotógrafo: «Estão satisfeitos agora?». Tão cedo não esquecerão.

morto, sua figura se enalteceu ainda mais. E' um estado de espírito que pode ser compreendido. Metade da cidade era aparentada com êle, de modo que lá pensavam de fato que não fosse um criminoso e sim vítima de uma grande injustiça. Giuliano foi sempre generoso com seus concidadãos. Do bilião que dizem ter ganho com os sequestros, uma parte, certamente não pequena, foi distribuida em subvenções, e Montelepre entre todas as cidades e aldeias do feudo, foi sem dúvida a mais favorecida. Era assim que garantia a segurança pelas costas. Mas para a gente ainda um pouco rústica daqueles lugares, é difícil explicar tais coisas. Por muito tempo ainda eles dirão que Salvatore Giuliano foi o justo que tirava do rico para dar ao pobre, que impedia as injustiças, que obrigava todos os sedutores ao casamento, que humilhava os prepotentes frente aos fracos. Durante muitos anos deu luta a grande número de homens fortemente armados, não será isso suficiente para os pastores do monte Sagana tê-lo na conta de herói, para que os roceiros de Giardinello pintem sua figura nos lados de seus carros coloridos? Não foi fácil também convencê-los que de fato «Turiddu» havia morrido. A mãe só acreditou quando o comandante dos «carabinieri» de Portinico lhe mostrou a fivela de ouro que o filho ostentava no cinto. O barbeiro da cidadezinha, que havia visto os bandidos matarem o pai e que não quis depôr frente às autoridades, enlouqueceu com a notícia e queria ir ao céu para barbear o morto. Foi em Montelepre que há muitos anos apareceu outro bandido, tendo fim idêntico ao de Giuliano. Na hora de ser reconhecido pelos pais, conforme desejo da polícia, aqueles disseram: «Este não o conhecemos». Evidenciavam assim a

(Cont. na pág. 46)





O BARBEIRO, testemunha de uma das façanhas de Giuliano, enlouqueceu à notícia da morte do bandido. A direita é preparada a cova no cemitério da cidade onde nasceu. As autoridades à última hora impediram o enterro e o sepultamento para evitar arruaças.

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 e ASSEMBLÉIA, 90.

A 10 metros da Avenida

A VIDA DE FLORENCE...

(Cont. da pág. 50)

de uma mulher "a embaraçar a eficiência da nossa organização".

A "eficiência" deles resultara numa confusão de miséria, anarquia e sujeira. Não era culpa de nenhum homem, mas de um sistema totalmente emperrado que procurava marchar rumo ao futuro com os olhos voltados para o passado. Do hospital de Scutari se disse, como do Inferno de Dante: "Perdei tôda a esperança, oh vós que aqui entrais".

Houve alguém, entretanto, que entrou e não perdeu a esperança. Florence Nightingale transformou a desordem em condições sanitárias pelo simples processo de romper com a rotina oficial. Pouco depois da sua chegada, uma remessa de 27.000 camisas fôra descarregada em Scutari e só esperava ser desembrulhada. Mas o "oficial aprovisionador" recusou-se a efetuar o desenfardamento "sem permissão do Comando". Durante três semanas os enfermos e feridos "tremeram de frio na sua nudez", enquanto Miss Nightingale suplicava em vão que os vestissem. Afinal as autoridades desviaram o assunto "para a rotina regular do serviço" e expediram a necessária licença. Já na próxima ocasião em que uma remessa de camisas chegou para o hospital, Miss Nightingale tomou o assunto a seu cargo. Ordenou às enfermeiras que abrissem os pacotes e distribuíssem as camisas, enquanto o "aprovisionador" torcia as mãos e resmungava que o mundo ia "águas abaixo e mulheres abaixo".

Mas as mulheres, sob a direção de Florence Nightingale, puderam agir. Escovaram os assoalhos e as paredes do hospital, reorganizaram as enfermarias e as cozinhas e as lavandarias, reordenaram a distribuição dos alimentos de modo que ninguém fôsse obrigado a curtir fome, e adicionaram ao cardápio um bom número de reforçados "petiscos", tais como sopas, vinhos e geléias.

— Luxo absurdo! — grunhiu o Dr. Hall oficial de serviço.

E estavam em condições de fazer tudo isso porque não gastavam nada do dinheiro do govêrno para as suas "inovações", mas dependiam dos próprios recursos de Florence Nightingale, supridos pelas generosas contribuições de uma porção de homens e mulheres de larga visão. "Que desperdício inútil de dinheiro em destroços sem serventia!" lamentou Lorde Stratford de Redcliffe, embaixador britânico na Turquia. "Eu desejava que gastassem êsse dinheiro num fim *digno*, na construção de uma igreja anglicana em Constantinopla!"

Quando um dos soldados feridos soube disso, comentou:

— Êsse hospital é a nossa igreja, e Miss Nightingale é o nosso anjo da guarda.

Os agradecidos pacientes de Scutari passaram a considerá-la como "a dama da lâmpada". Sua simples presença restituiu à vida mais de um homem a quem os médicos tinham desenganado. Os soldados a idolatravam. Beijavam-lhe a sombra quando ela passava pelas enfermarias. Êsses homens com cicatrizes dos combates, e que sabiam o que era a fadiga, espantavam-se ante a infatigável energia daquele anjo de caridade. Havia dias em que ela passava oito horas de joelhos, pensando os ferimentos e ajeitando as cobertas sôbre os membros doloridos dos hospitalizados. Às vêzes permanecia vinte horas seguidas sem interrupção ao lado dos cirurgiões que se revezavam nas suas operações. Como podia achar tempo para todo o seu trabalho, era um mistério. Porque, além da enfermagem, atendia a todo o serviço administrativo e a muitos dos afazeres domésticos do hospital. "Na realidade sou cozinheira, dona de casa e criada da limpeza, lavadeira, dispenseira e almoxarife". E uma extraordinária escritora de cartas. Enviava centenas e centenas delas. Cartas com *alfinetadas* para os seus compatriotas adormecidos, para acordar os sonolentos dos seus sonhos complacentes. "Quando escrevo cortêsmente tenho uma resposta cortês; *e nada se faz*. Quando escrevo rudemente tenho uma resposta rude; *e alguma coisa se faz*".

Durante tôda sua estadia em Scutari, foi uma luta contínua entre uma vontade de ferro e uma barreira granítica de oposição. E o granito cedeu. Pasmados com o tratamento dado aos soldados, como se êles fôssem sêres humanos, os funcionários conservadores murmuravam:

— Vai estragar os brutos com mimos.

E Miss Nightingale respondia:

— E' precisamente isso que eu desejo. Quero estragá-los como brutos e os transformar em homens.

IV

Voltou à pátria com a saúde arruinada para o resto da vida. Sua obra, porém, longe de estar concluída, estava apenas começada. Scutari não era o único hospital existente. O mundo inteiro era um recinto de doentes precisados de assistência.

Mas de novo a intolerável oposição dos satisfeitos e cegos. O povo a admirava, apinhava-se para a olhar, e nada fazia para ajudá-la em sua obra. O govêrno oferecera-lhe um vaso de guerra para a trazer de volta à Inglaterra. Ela, porém, o recusara, preferindo entrar em seu país sossegadamente e desapercebida.. "Não quero adulação, quero é compreensão".

E compreensão era justamente o mais difícil de conseguir. Experimentou abrir uma escola para formação de enfermeiras, um lugar onde fôsse possível "para uma mulher ser uma pessoa". E estava ansiosa por promover uma reforma drástica em todos os hospitais militares e quartéis da Inglaterra. Teve entrevistas com tôdas as personagens importantes do govêrno; chegou mesmo a obter uma audiência e o estímulo da rainha Vitória. Mas, sempre que o caminho parecia aberto, alguma autoridade cabeçuda interpunha um obstáculo.

Um dos mais obstinados dêsses servidores do Estado era Lorde Panmure, sucessor de Sidney Herbert como Ministro da Guerra. Lorde Panmure — por causa da invariável teimosia dele Miss Nightingale chamava-o de "Bisão" — pessoalmente nada tinha contra ela. Apenas não gostava do que chamava "a intromissão dela". A Guerra da Criméia terminara, o país estava em paz, e êle, Lorde Panmure, podia estar prazenteiramente entregue à caça do faisão não fôssem as idéias absurdas de Miss Nightingale a respeito de escolas de enfermagem, e hospitais militares, e reformas sanitárias. Que maçada! Êle poria fim a tôdas aquelas tolices, não negando o seu auxílio, mas o oferecendo e em seguida prestando-o em tão pequena escala quanto humanamente possível.

Assim, começou sua campanha de benevolente negligência. E por trás dele erguia-se um batalhão de reacionários, um por um amigos dedicados de Miss Nightingale. "A senhora está cansada e doente. Por que não descansa algum tempo? Depois podemos discutir o assunto".

Ela respondeu ao Bisão e seus "lordes fora de época", numa de suas incisivas cartas: "Estou caída sem poder fazer uso da minha cabeça e das minhas garras, e os senhores todos a me atormentaram". Para convencer então o *público*, já que fôra mal sucedida em convencer os *pares*, *escreveu* um livro longo e provocante acêrca do assunto: *Observações sôbre a enfermagem*, e tomou a peito pessoalmente a publicidade da obra até que ela fôsse traduzida para várias línguas e penetrasse em centenas de milhares de casas.

O público deu-lhe atenção e veio em socorro dela com peditórios e contribuições. E finalmente o próprio Bisão deixou-se com relutância guiar pela segura mão dela. A escola para aprendizagem de enfermeiras foi aberta, o hospital militar foi construído, e as formas sanitárias foram efetuadas.

Mas o Bisão, mesmo no seu cativeiro, tentou dar uma derradeira mostra das suas prerrogativas masculinas. Que havia de saber uma mulher a respeito de construção de hospitais? Êle, Lorde Panmure, é que dirigiria os planos para a construção. Êsses planos foram estabelecidos e a construção devidamente encaminhada, antes que Miss Nightingale tivesse uma oportunidade para verificar o projeto. E em seguida, para consternação dela, viu que o novo hospital estava destinado a reproduzir todos os piores erros dos antiquados hospitais do passado. Insistiu para que o Bisão suspendesse a obra, mas inùtilmente. Êle sabia o que convinha.

— Veja o lugar que escolhi! Que vista de frente!

(Continua no próximo número)

UM ROSTO MARCADO...

(Continuação do número anterior)

— Amo-te demais. Quero-te só para mim...

Relutou ainda. Por fim, num desabafo:

— Eu nunca seria bom pai. Tu haverias de o amar, também... Não admito ninguém entre nós dois.

Ciúme doentio aquêle, que o fazia tão egoísta. Marcélia compreendeu a impossibilidade de uma união eternamente feliz. Um a um, foram-se dissipando os sonhos que tecera. A começar por aquela criança que tanto desejara e que nunca chegaria a viver.

★

Durara quanto tempo? Não sabia dizer ao certo. Anselmo ofegava. Tomara-lhe das mãos, apertava-as febrilmente. Aquele quadro, invadira-a uma estranha piedade que a fêz esquecer os motivos da separação. "Está muito mal; talvez não passe desta noite" — dissera o médico. Ao deixar o telefone, sentia-se confusa, desorientada. Êle queria vê-la. Deveria ir, ou manter-se inexorável em seu pretenso esquecimento? Cedeu ao primeiro impulso. Foi. E ficou à beira da cama, muda, imóvel, enquanto êle sussurrava coisas ininteligíveis. Depois, obrigou-a ao juramento, que intimamente negou-se a cumprir.

— Jura que nunca mais te casarás. Jura.

Jurou. E Anselmo proferiu aquelas palavras:

— Se soubesses como isto me deixa feliz! Mas... se faltares com tua palavra... marco-te o rosto. Assim haverás de lembrar sempre êste momento.

Era o delírio. Pela noite a dentro, disse frases tôlas, desconexas. Morreu ao amanhecer.

★

A impressão daqueles últimos instantes não custou a desaparecer. O tempo encarregou-se de lhe apagar do espírito as imagens dos anos passados em companhia de Anselmo. O amor transformara-se numa paixão sem freios que o obcecava. A princípio, Marcélia temeu enlouquecer, sòzinha, naquela casa, onde passara momentos tão venturosos. Mas, conformou-se. Quando alguns anos mais tarde recebeu nova proposta de casamento, assentiu; necessitava de carinho e compreensão. O segundo marido — Mário, advogado ilustre — pôde dar-lhe um palacete, como presente de núpcias. Conseguiu, assim, ver realizados os planos malucos dos dezoito anos.

★

Há um ano estavam casados. Para comemorar a data, iriam a um concêrto. Marcélia mostrava-se alegre, embora, desde manhã, sentisse invadi-la um torpor, uma melancolia inexplicável. Não dera maior importância ao caso; alguma indisposição pasageira. Mas, um fato curioso, se bem que o considerasse ilusão de seus olhos, deixou-a apreensiva. Tomara uma aspirina deitara-se, quando, minutos depois, ouviu passos no aposento. Julgando ser o marido, chamou-o com denguice.

— Senta aqui, crioulo.

Como ninguém falasse e os passos houvessem cessado, abriu os olhos. Teve a impressão exata de que um vulto debruçava-se sôbre ela. Ergueu-se assustada. A sala continuava vazia e silenciosa.

O pano abriu-se lentamente. Iniciaram-se os primeiros acordes do "Prélude à l'après-midi d'un faune". A penumbra do camarote e a música suave convidavam ao devaneio. Mário apertava-lhe a mão. Olhou-o com ternura. Nariz aquilino, lábios finos, cabelos grisalhos... Sentiu-se feliz em pertencer a êle.

Êle sorriu, correspondendo-lhe o olhar. Aquêles sons, a luz lunar descendo sôbre os músicos, transportavam-na a um mundo fictício, à amplidão prateada de mundos cósmicos...

— Marcélia!

Era uma voz enérgica que a chamava. Despertou. Voltou-se rápida. E viu. Viu ali, junto a ela, de pé, mãos crispadas, olhos coléricos... Anselmo!

Gritou apavorada. A mão dêle estalou-lhe, violenta, contra o rosto. Desmaiou.

★

Que a chamassem de mentirosa, de maluca, do que quisessem; ela vira Anselmo. E a certeza da visão deu-lhe fôrças para ficar de pé. Temia encontrá-lo de novo, na brancura das paredes, e de novo ser esbofeteada. "Marco-te o rosto". Lembrava-se das palavras disparatadas que êle pronunciara na noite do delírio. Quebrara o *juramento*. Casara-se...

Passou a mão pela face. Sentiu-a áspera como uma lixa. Não havia dúvida; êle marcara-lhe o rosto. Devia estar horrível! Gritou pelo marido, apavorada. Mário não demorou a atendê-la. Quando abriu a porta e viu-a diante de si, não pôde conter uma exclamação de espanto. Marcélia lançou-se a êle.

— Como é que eu estou? — inquiriu-lhe, ansiosa.

Mário desviou os olhos.

— Bem...

Compreendeu que estava mentindo. Olhou em tôrno. Num canto da parede, um espelhinho oval.

Seguraram-na a tempo e, embora gritasse e se debatesse, não lhe deixaram ver o rosto.

★

— Por favor, Henriqueta.

A criada relutava ainda, mas acabou cedendo. Cem mil réis por um espêlho valia a pena. Nem que depois arranjasse outro emprêgo.

— Já que a senhora insiste...

Marcélia entregou-lhe a nota, triunfante.

— Vá depressa.

Não suportava mais aquela angústia. Há quase um mês vivia trancada em casa, rosto coberto de ataduras, sem poder mirar-se num espêlho. Mário evitava falar sôbre *aquilo*; tranqüilizava-a, afiançando-lhe tratar-se de uma "manchinha à-toa" que com a operação plástica desapareceria. Mas ela sabia que não era uma simples mancha, bem como duvidava do êxito da operação. Queria, precisava ver-se. Mais que nunca sentia-se atraída por um espêlho (Mário quebrara todos os que existiam em casa). Lembrara-se, então, da empregada que, embora houvesse sido proibida de cumprir qualquer ordem nesse sentido, não resistira ao dinheiro, e pouco tempo depois voltava com a encomenda.

Marcélia prometeu-lhe nada dizer ao marido. Despachou-a apressada.

Trancou-se no quarto. Foi desatando as ataduras. Tremiam-lhe as mãos. Finalmente, iria ver aquela "manchinha" que lhe queimava o rosto. O espêlho estava perto dela. Arrancou a última faixa de gaze. Valeria a pena? Apanhou o espêlho. Aproximou-o lentamente...

O espêlho partiu-se contra a parede. Marcélia olhava-o, muito branca, numa expressão de terror. Vira, vira, enfim, a marca horrível, aquela placa cascosa, côr de terra, recoberta de protuberâncias, que lhe encobria a face esquerda. Era a vingança dêle!

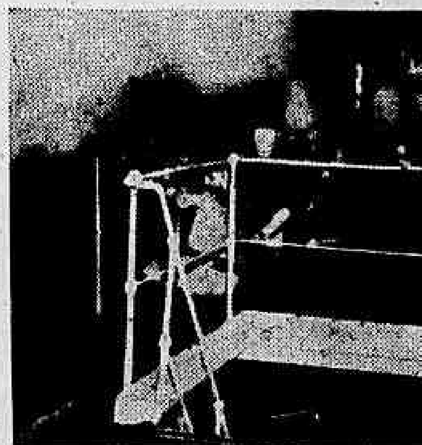
TUDO ISTO ACONTECEU



O SINISTRO DO "ITAQUICÊ"

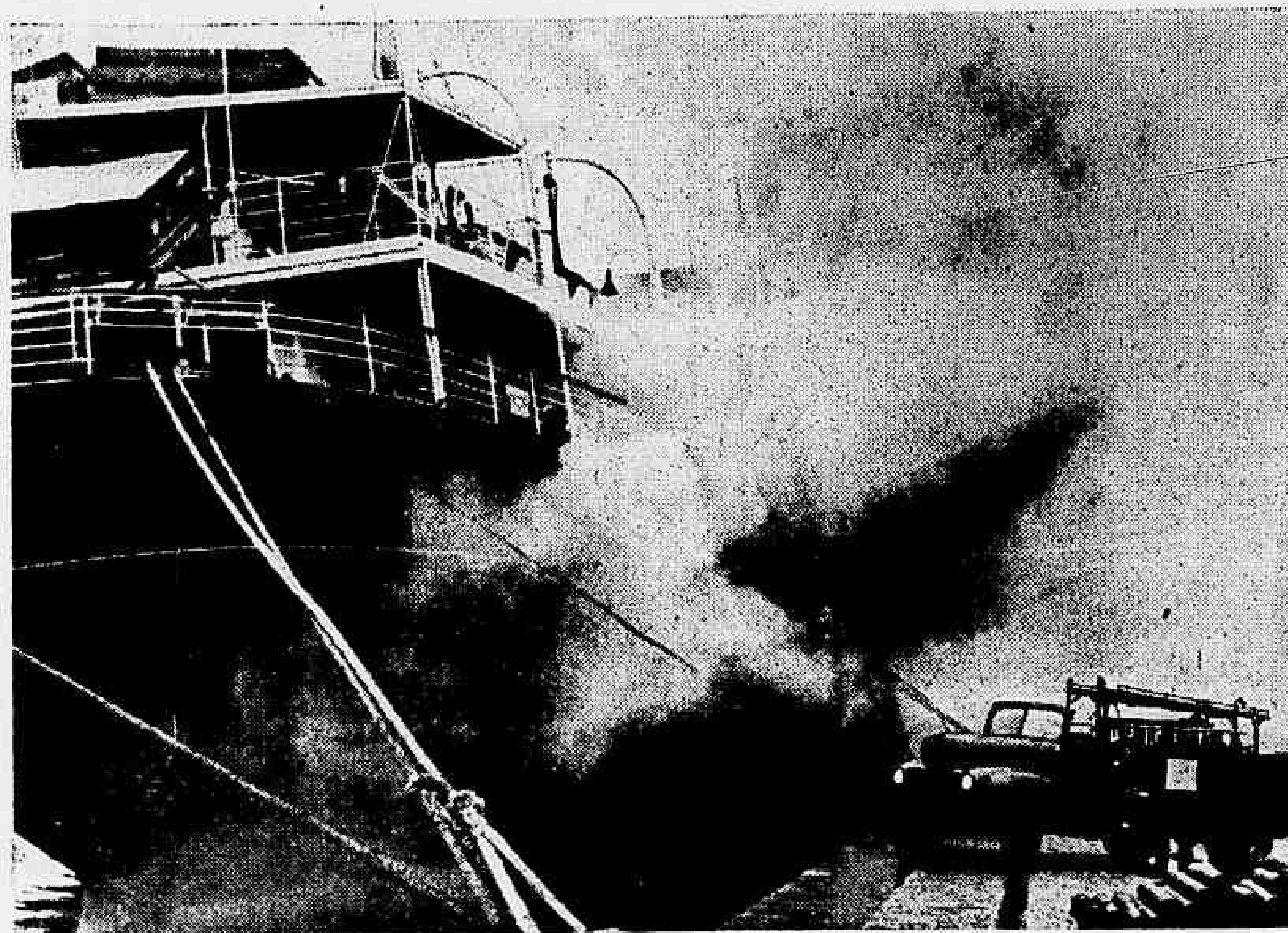
Na manhã de 4 de setembro, o maior navio da frota da Costeira, "Itaquicê", atracava ao cais de Pôrto Alegre, levando uma carga superior a dezesseis mil volumes, procedente de Belém do Pará e escalas. Na noite imediata, irrompia, a bordo, violento incêndio, que fêz reduzir a um amontoado de sucata o velho barco nacional. Teve origem o sinistro, como foi posteriormente observado, no rompimento de um tubo condutor de óleo para as caldeiras. Para cima de 240 toneladas de combustíveis estavam em depósito no "Itaquicê". Adernado e encalhado êle ficou prêsa das chamas durante quarenta-e-oito horas. Tratava-se de um dos mais belos paquetes brasileiros, construído em 1928, na Inglaterra, quando foi colocado a serviço na navegação de cabotagem. Deu brilhantemente conta da sua tarefa, com uma fôlha-de-serviços que aponta mais de uma centena de viagens. Seu custo foi de dezesseis milhões de cruzeiros, estando segurado por essa importância no Lloyd de Londres, mas seu valor real, era, nos dias de hoje, superior a vinte milhões. Sua tonelagem era de 3.900 bruta e de 3.000 líquida, deslocando dez milhas horárias, movido a óleo. Tinha acomodações para 280 passageiros, além da tripulação e da carga, sendo 150 passageiros em primeira classe, quarenta em segunda e noventa em terceira.

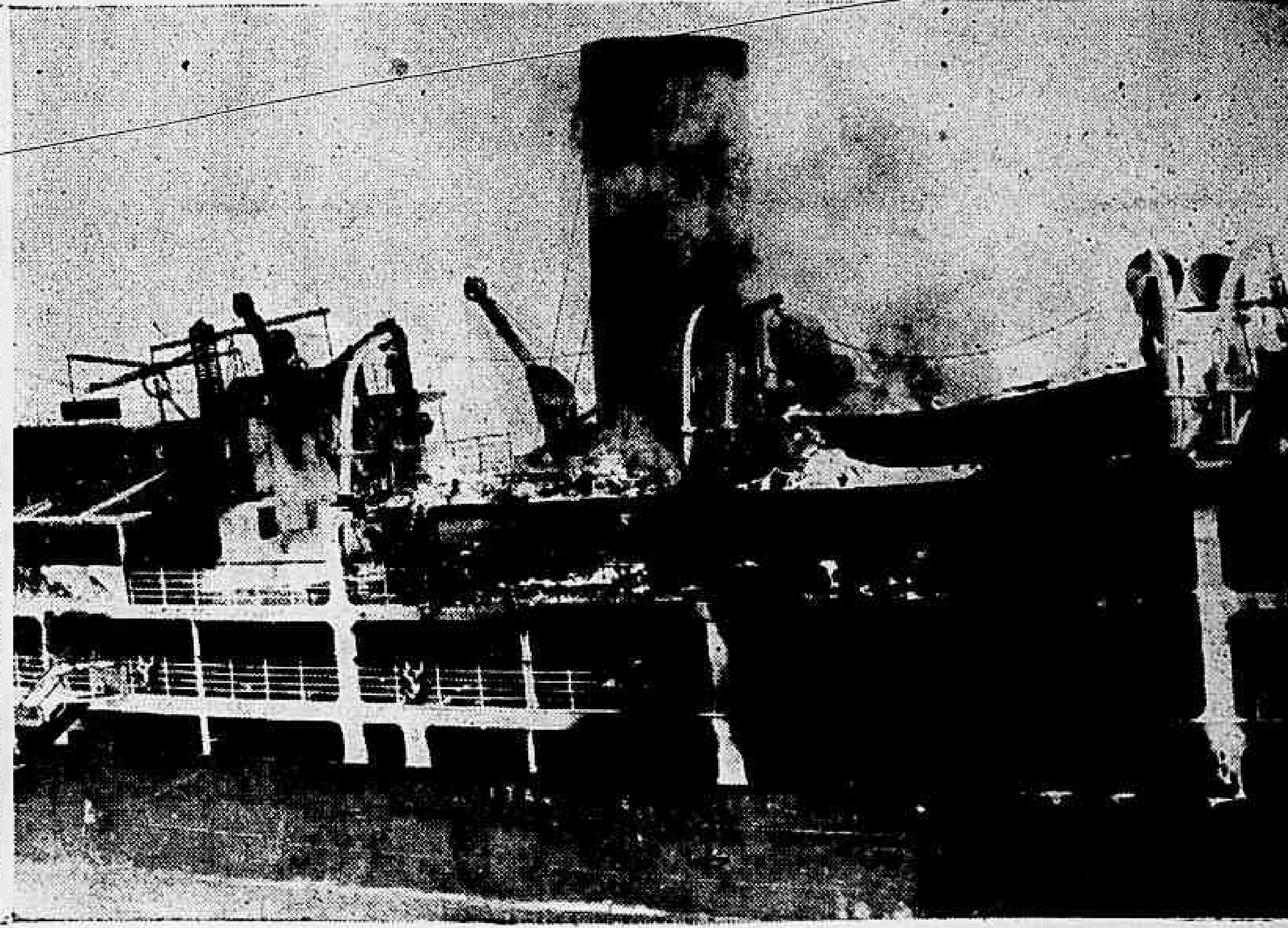
Nesse barco foi transportada a delegação brasileira às Olimpíadas de Los Angeles, sendo, na ocasião, envolvido em sério incidente, por conduzir café consignado a diversas firmas comerciais americanas, sem a devida autorização. Foi detido durante algum tempo no Canal do Panamá. Ao que foi divulgado, uma vez dominadas as chamas, a tripulação começou a esvaziar os milhares de litros de água existentes a bordo, que fizeram o navio adernar acentuadamente para o lado direito e encalhar na popa. Será então rebocado para o Rio e recolhido ao dique-sêco da Costeira.



O sinistro teve início na casa das caldeiras, alastrando-se imediatamente para a das máquinas. O grande perigo inicial foi a possibilidade de explosão dos tanques de óleo, uma vez que o "Itaquicê" era movido com êsse combustível. Isolados os tanques, os bravos bombeiros gaúchos arrombaram uma vigia nas proximidades da casa das máquinas, aproveitando o orifício para lançar água no interior do barco, cujas chapas já estavam incandescentes. Dois dias depois de iniciado o fogo, êste continuava a lavrar, mau grado o trabalho dos bombeiros de Pôrto Alegre.

Foi êsse um acontecimento de larga repercussão naquela capital, e dêle damos, nesta página, quatro flagrantes sugestivos: Ao alto, aspecto tirado de bordo de uma lancha, mostrando as labaredas devorando a parte superior do paquete. No "cliché" menor, detalhe em que se vêem os destemidos soldados do fogo enfrentando a fúria do elemento destruidor. Em baixo, à esquerda, um transporte dos bombeiros, no cais, quando os seus tripulantes já se encontravam a bordo, envoltos na fumaça — e à direita, outro aspecto da parte central do "Itaquicê", vinte-e-quatro horas depois de iniciado o sinistro, ainda com o fogo por dominar, e não destruindo os barcos salva-vidas.







FAZ POUCOS DIAS, dois guardas da Central do Brasil, numa de nossas estações suburbanas, prestaram assistência a uma senhora que, cansada de esperar uma ambulância que a levasse ao hospital próximo, deu à luz uma criança, às cinco da madrugada, sob a ponte da via-férrea. Em Nova York também aconteceu episódio quase igual, com a diferença apenas que a parturiente chegou à «delivrance» em sua casa, mas no chão. Não havendo tempo de esperar uma ambulância, o policial Anthony Roberts serviu de médico parteiro, e com absoluto êxito, como se fosse profissional experimentado. Ao lhe perguntarem como conseguira tamanho sucesso em ocasião de tão grande delicadeza, respondeu que não era a primeira vez que trabalhava nesse gênero, pois já prestára assistência a muitas, anteriormente.

O BOM HUMOR SALVOU-O



Não sabemos se a Medicina oficial já iniciou como científico o tratamento das pessoas pelo processo da psicoterapia. Se ainda não reconhecem validade a essa terapêutica, é bom que se apressem e instituam cadeiras nas Faculdades de Medicina. Não se pode negar que a influência do pensamento é muita coisa no tratamento dos enfermos, dos acidentados, de todo aquêle que se vê prostrado num leito de hospital ou de sua própria casa. Há, sôbre o assunto, fortíssima bibliografia em tôdas as línguas. Um dos casos mais interessantes dêstes últimos tempos é êste passado com o velho humorista inglês Bernard Shaw, recentemente vítima de uma queda em sua casa, acidente que lhe valeu a fratura do fêmur, ou seja, o osso da perna. Shaw, como todos sabemos, já se encaminha para a belíssima idade de 95 janeiros bem puxados. E', pois, um homem bem amassado pelo rolo compressor do tempo, sem as resistências físicas que podem oferecer os corpos jovens; entretanto, apesar disso, Shaw não se perturbou com a queda e a quebra do osso, e continuou a ser o que sempre foi: um dos maiores humoristas dêste mundo, provocando riso entre os que o iam visitar e apresentavam cara de consternação. E quando os médicos, reunidos em conferência ao lado de seu leito de acidentado que não pode andar, discutiam a melhor maneira de consertar-lhe o osso partido, Bernard Shaw fêz blague com o maior bom humor dêste mundo, e aconselhou os médicos a lerem sua obra "Dilema do Médico", e terminou com estas palavras: "Até à idade de cem anos vocês deviam estudar medicina; entre cem e duzentos anos, exercer a profissão; e começar a formular diagnósticos, sòmente depois do segundo centenário..."

DE CINCO



Se voar em avião já é prova de coragem, que classificação podemos dar ao paraquedista? A do heroísmo no mais amplo sentido do vocábulo. Quando vemos num dêsses filmes de guerra milhares de pracinhas a saltar de enormes transportes a grandes altitudes, sem que possam saber o que os espera lá em baixo, ficamos com a respiração ofegante. Tanto podem estar em terra, inimigos, como terreno hostil aos saltadores de paraquedas. E' verdade que, antes de um dêsses recursos extremos, houve prévio exame da zona a povoar de soldados despejados das nuvens; mas, seja como fôr, não é nada agradável uma aventura dessas em tempo de guerra. Para que um paraquedista seja, de fato, perfeito, tem que possuir um sangue-frio sem qualquer restrição. Ou por outra: tem que ser "de circo". E foi com êsse sangue-frio que, durante as manobras de guerra no campo "Mac Arthur" de Nova York, conseguiu um soldado evitar a morte, quando o seu paraquedas teimou e não fêz o favor de abrir. O paraquedista, sôlto no espaço, percebeu que o aparelho continuava fechado. Mas pensam que êsse herói perdeu a calma? Qual nada! Olhou para baixo e viu um colega devidamente protegido pelo seu paraquedas aberto e a descer normalmente para o terreno das manobras. Então, o soldado que fôra blefado, ao emparelhar com o colega mais feliz, agarrou-se às cordas do outro paraquedas e lá se foram mais velozmente para o chão. E, no mesmo instante em que tocavam o solo, o paraquedas abriu-se! Que susto!

OS OLHOS DA AMADA



Há muitas maneiras de demonstrar-se o elevado grau de amor que os namorados têm entre si. E' comum vermos em bancos de jardins públicos, em cinemas, em ônibus e bondes, pares amorosos ou amorudos, agarradinhos, a segredar mútuos desejos de felicidade, recíprocas juras de amor imortal como aquêle de Romeu e Julieta. Para os que têm recursos, há provas um tanto menos líricas, e trocam presentes custosos: jóias caras e raras, belos automóveis do último modêlo, receptores de televisão, cheques vultosos para uma viagem a Roma, enfim, tudo o que se pode desejar de útil e agradável adquirido pelo dinheiro. Mas, como nem todos podem amar com útil e agradável como base de programa de Cupido, a grande maioria fica mesmo sòmente no "agradável" e muito mais baratinho. José da Silva Oliveira, antigo jornaleiro acreditado em Belo Horizonte, é um jovem que tem bom coração, mas que não dispõe de recursos para apresentar como desejava, à sua amada, a doméstica Jovelina Nascimento Silva. Tôdas as noites, os dois se encontravam para passeios sob as frondes cinqüentenárias do Parque da Cidade, à margem da Avenida Afonso Pena, local poético, evocativo, inspirador de romances para gente pobre. Mas, no dia 16, Oliveira estava excessivamente romântico e procurou beijar a namorada com excesso. E aplicou-lhe tal beijo no ôlho direito, que o deslocou da órbita, estufando sôbre a testa. A moça gritou. Acudiu um militar que, depois de ajudar a moça a encaixar o ôlho, levou o apaixonado ao distrito policial para explicar-se sôbre suas intenções. Mas tudo ficou esclarecido. Era um beijo cinematográfico. E o seu amor, apesar de barato, ia custando a ela... os olhos da cara!

ESTA FOI EM MACEIÓ



Divulgou o jornal "A Noite", em telegrama datado do dia 10 de setembro, que os candidatos à Assembléia Estadual pelo PRP foram vítimas de uma brincadeira de muito mau gôsto por parte de alguém de espírito muito gaiato. Nesta época de eleições gerais, temos visto muita coisa. Desde o barulho nos comícios, até expedientes jocosos para obter votos. Mas êste episódio de Alagoas, é bastante engraçado e inédito. Um cidadão, passando os olhos nos documentos exigidos por lei, para que um cidadão pudesse pedir registro de seu nome ao Tribunal Regional Eleitoral, a fim de disputar um lugarzinho à sombra, comunicou aos candidatos à Assembléia Estadual daquele Estado, que, dentre os documentos que êles já possuíam, faltava um de grande importância e imprescindível: o atestado de vacina. Segundo êsse conselheiro, sem atestado de vacina não poderiam ser registrados. Imediatamente houve alguns que declararam já ser vacinados, mas, conforme a opinião da medicina, a melhor vacina tem um efeito de proteção ao organismo, no máximo, de 7 anos. Desta maneira, seria conveniente que cada um dos pretendentes ao Legislativo Alagoano se munisse de seus atestados atuais e cumprissem os dispositivos regulamentares. Sem perda de tempo os referido cidadãos providenciaram no sentido de se vacinarem no Pôsto de Saúde mais próximo, de maneira que não fôssem prejudicados em suas justas pretensões. Mas... oh! raiva! Quando apresentaram os documentos, e, dentre êles, os tais atestados de vacina, foi-lhes dito no Tribunal que êstes últimos não eram necessários! Tudo não passava de pilhéria...



NÃO É DE HOJE que artistas teatrais transformam óperas de grande beleza dramática e artística, em paródias desopilantes e de divertido efeito cênico. Deve ter nascido disso a «Opera Bufa», a Opera Cômica, para fazer rir e levar a ridículo certas cousas que o homem jura como é civilização. São muitos os artistas que têm irresistível queda para a pantomima, mesmo servindo-se de cousas sérias, como sucede com as Operas. Nesta foto podemos ver o grande artista cômico Totó, protagonista de novo filme cômico, intitulado «Fígaro quá, Fígaro lá», inspirado, embora mui longuiquamente, na afamada Opera «Barbiere di Siviglia» de Rossini. Aqui vemos Totó, travestido com roupagem feminina, mostrando a Isa Barzizza, uma das artistas do filme, as suas «belas» pernas...

UNS PATRIOTAS



Nestes dias de propaganda eleitoral a gente vê de tudo. Desde os nomes arrevezados e absolutamente inéditos, até aos programas mirabolantes de pessoas que estão prometendo tudo o que é considerado capaz de conquistar votos do eleitorado. Vejam o que sucedeu em Natal, Rio Grande do Norte. Um cidadão, para obter a confiança do povo que elege os deputados e senadores, governador de Estado, Presidente da República e vereadores, não teve nenhuma dúvida e espalhou uns boletins que traziam êste programa eleitoral: "Se eu fôr eleito, garanto que nenhum dos meus eleitores pagará mais impôsto!" Dizem que a promessa do futuro legislador se limitava ao impôsto predial; mas, mesmo assim, era uma promessa corajosa e do agrado de todos os que são proprietários no Rio Grande do Norte. Sucede, porém, que os outros partidos políticos vivem de ôlho aberto e acompanham a evolução dos adversários em suas confabulações com o povo. Diante do programa revolucionário do candidato inimigo número um do impôsto predial, os competidores elaboraram bem feita denúncia e dirigiram a documentação ao Tribunal Regional Eleitoral para tomar providências. O caso provocou muitos comentários entre populares, a imprensa e elementos dos outros partidos, sendo advertido o propagandista de que não devia fazer tais promessas aos eleitores, pois que a ninguém é lícito fazer promessas que não podem cumprir...

ESTA É A MAIOR



Muita gente se queixa de motoristas de praça pelo fato de muitas vêzes, se aproveitarem das oportunidades cobrando serviços fora da tabela. Quando houve crise de transportes no Rio, não havia quem se servisse de um táxi que não amargasse na hora do "quanto é?" Mas, tais coisas são temporárias e refletem o estado de nervoso de épocas que, de maneira alguma, foram criadas pelos "chauffeurs". Muitas vêzes êles também são vítimas de tais ocasiões, pagando por preços exagerados peças para reparos a seus veículos, combustível em câmbio negro e... sofrendo calores dêste tamanho. Ultimamente os motoristas de praça têm sofrido muito. De quando em quando salteadores os deixam limpos de carteira e, às vêzes, mortos ou espancados em seus próprios carros. E' uma classe para a qual ainda não há uma certa garantia. Mas, evidentemente, de uma coisa estamos certos: o motorista de praça é honesto. Sua probidade tem sido proclamada por todos os que esquecem objetos de valor e dinheiro, em grandes somas, no interior dos veículos. São numerosos os exemplos. Em saragoça acaba de verificar-se um episódio ilustrativo sôbre a honestidade do "chauffeur" de praça. Na Espanha, como aqui, o motorista sabe ser cavalheiro e probo. Os conhecidos artistas Lola Flores e Manolo Caracol, depois de representação num teatro da cidade, tomaram um táxi e se dirigiram para suas residências. Mas, com surprêsa, notaram que haviam deixado no carro uma maleta contendo jóias avaliadas em mais de um milhão de pesetas. Ainda estavam aflitos quando o motorista volta e lhes entrega a fortuna.

ACONTECEU EM GOIÁS



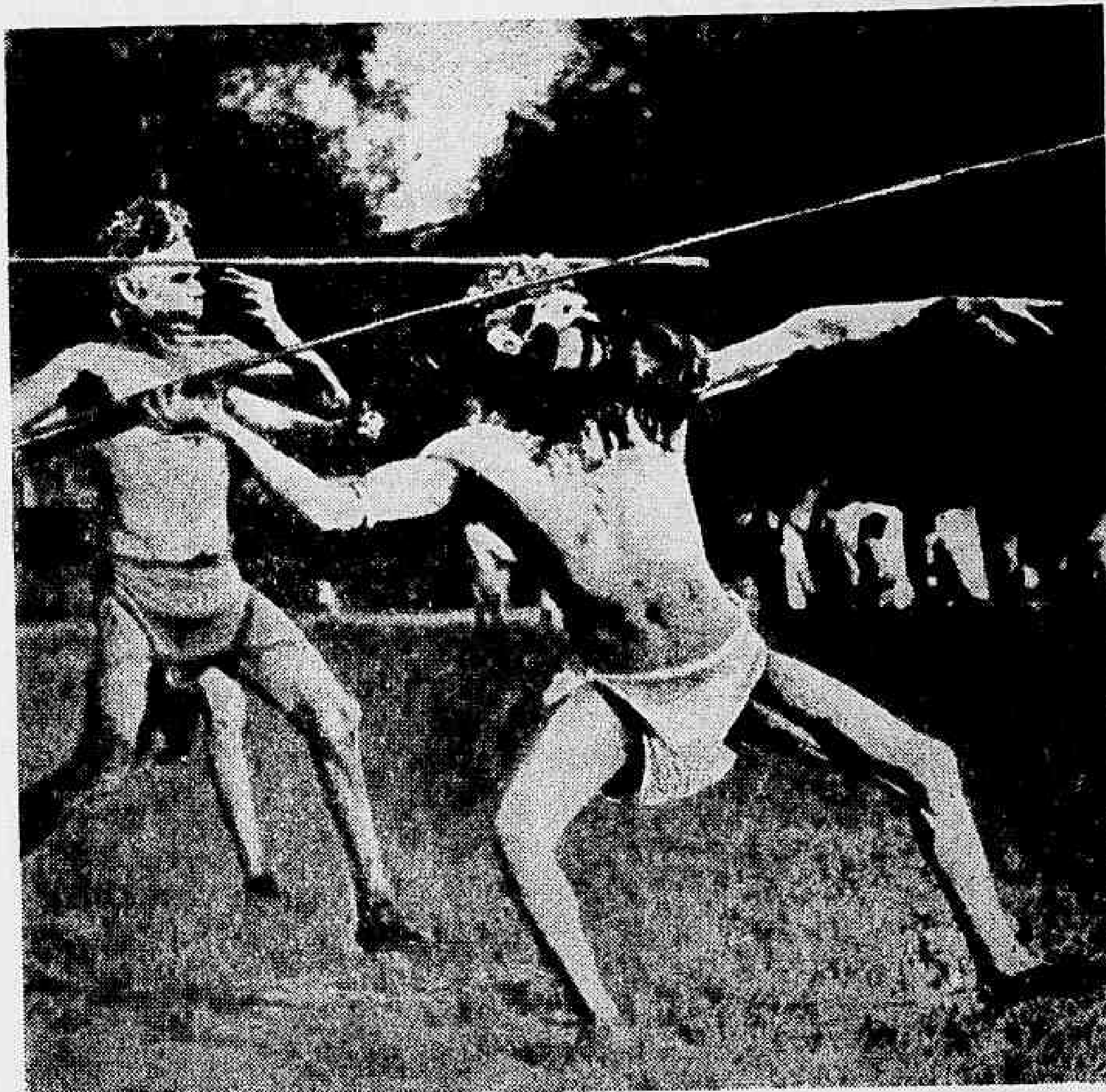
Goiânia é uma cidade nova. Novíssima. Mal desperta, para a vida apertada e de confusão das metrópoles. Mas já conta com uma série bem alentada de episódios das grandes cidades, numa prova de que vai indo muito bem.

Quando era apenas um planalto deserto, ou melhor, habitado pelos silvícolas, nada disso havia. Os indígenas tiveram sempre o bom gôsto de não inventar arranha-céus. Tôdas as suas moradas são de um pavimento, o térreo. Para que essa história de casas sôbre casas, tudo muito apertadinho, sem ar, sem luz, sem uma réstea de sol? Quando Deus negou asas ao homem e lhe deu resistência reduzida às pernas e aos rins, foi para que tôda a humanidade ficasse quietinha e morasse terra a terra, isto é, com os pés no chão e não trepado em dezenas de andares. Mas Goiânia se projeta ràpidamente para tornar-se uma grande cidade. Por isso já se registram ali tôdas as querelas habituais dos grandes centros urbanos e suburbanos. Vejam o que acaba de acontecer entre o sr. Henrique Vieira e as senhoras Hermínia e Clarisse Fleury Curado. Moram essas famílias em edifícios de divisões comuns. O vizinho, sr. Vieira, que ocupa um sobrado contíguo à morada das senhoras, achou que podia colocar uns "vitreaux" opacos, constituídos de uma parte fixa e de outras menores, móveis, no ângulo superior da parece lateral do seu prédio, divisória do edifício vizinho, de um pavimento, propriedade das citadas senhoras, que não concordaram com isso e entraram em juízo. Ganharam na primeira instância, mas o réu apelou para o TJE e ganhou! Claro que os vencidos não se deram por tal e, com certeza estão apelando para que alguns meninos vão jogar futebol ali por perto...

GUARDAS PARTEIROS



Não sabemos qual o programa de instrução que as autoridades da Central do Brasil exigem dos candidatos à função de guardas dessa ferrovia. Com certeza exigem leitura corrente, contar dentro das "quatro operações" fundamentais da Aritmética" — somar, diminuir, multiplicar e dividir —, noções de leis sôbre as garantias do cidadão perante a Constituição Federal, além da escrita, é claro. Afinal de contas, a função de um guarda-ferroviário não é coisa que obrigue o indivíduo a ter cultura de doutor. Basta um bom curso primário e ter a noção das responsabilidades, um pouquinho de argúcia para não se deixar embrulhar pelos malandros e conhecer coisas das posturas municipais. Entretanto, veja o leitor o que acaba de acontecer com os guardas da Central do Brasil, de números 39 e 176, há poucos dias. Uma senhora que estava em adiantado estado de gestação, sentindo-se na iminência de dar à luz o seu filho, pediu condução para o Hospital de Nova Iguaçu, onde deveria ser internada. Mas, passadas duas horas, na maior aflição, a senhora não havia ainda sido atendida. Resolveu então encaminhar-se a pé até aquêle nosocômio. Na estação de Nilópolis, já não suportava mais a situação. Era madrugada. Hora horrível para ela, que, sozinha, sem amparo de ninguém, teria que tornar-se mãe. Na penumbra do amanhecer, viu dois guardas da Central e lhes disse o que acontecia. Eram os de números citados acima. Apesar de não terem estudado obstetrícia, os valorosos serventuários da estrada improvisaram uma cama sob a ponte da estrada na estação de Nilópolis e se converteram em parteiros!





OS INDÍGENAS DA AUSTRÁLIA, da tribo de Gobo-ingo, mantêm certas tradições de justiça de uma violência incrível. Quando um habitante da maloca comete um delito é julgado pela «Magarada» uma espécie de «Justiça de Deus». O acusado é posto a uns trinta metros de distância e serve de alvo aos delegados da «Magarada», chefiados por um maioral fantasiado de emissário de Deus, ajudado por um secretário. O chefe é o que está com aquelas barbas postiças, e vai «fuzilar» o pecador que deve estar a tremer de medo de ser atravessado pela lança de afiada ponta. Depois que toda a tribo o alveja com rapidez, se acontecer que o desgraçado saiu ileso da prova, é porque é mesmo inocente...



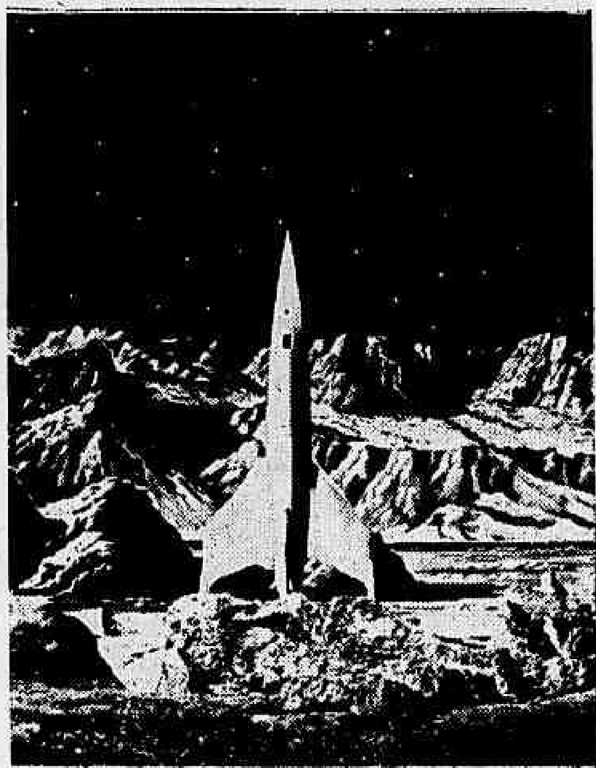
ASTRO-NAUTICA A VIAGEM DO FUTURO

EM NOSSOS DIAS, TUDO PODE ESPERAR-SE... ★ VIAGENS À LUA, MARTE OU VÊNUS... ★ A ENERGIA ATÔMICA PODERÁ RESOLVER O PROBLEMA DO COMBUSTIVEL...

De BERTRAND AUBRY, exclusividade da IPA para "Revista da Semana"

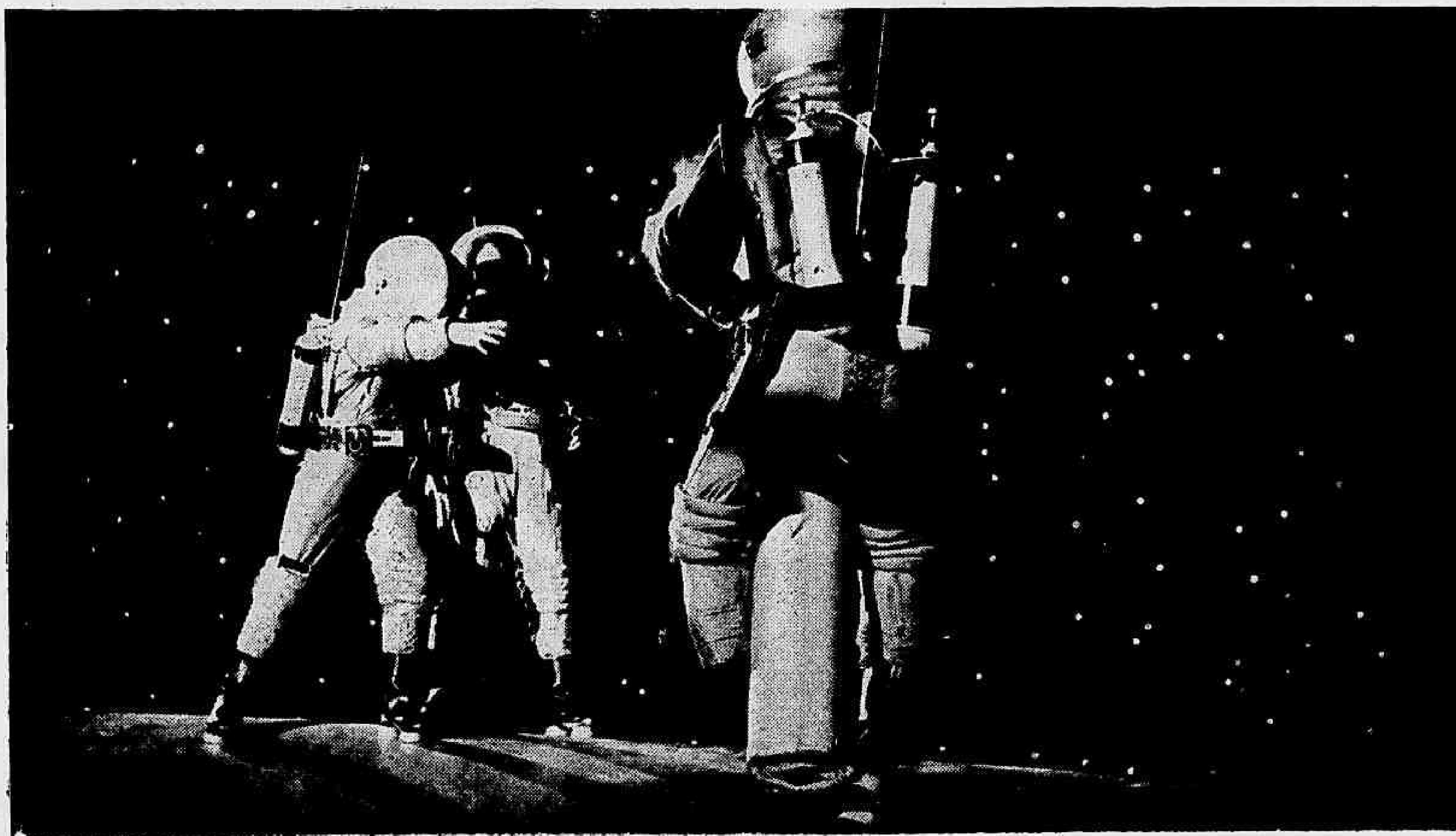
O desenvolvimento da aviação, especialmente dos aviões a jato, e ao mesmo tempo o desenvolvimento dos foguetes atuais, provocou muitas discussões entre os cientistas, sobre a eventualidade de uma viagem interplanetária. Este ponto é bastante discutido, e os cientistas acreditam que está próximo o dia em que será definitivamente resolvido o problema técnico para se realizar tal viagem. Se admitirmos que ela pode ser feita, e que existe já um veículo que pode transportar cientistas para a exploração de um outro planeta, resta ainda resolver uma questão: onde se pode ir? Informações acerca de passibilidades de viver em diferentes planetas são ainda bastante incompletas e pouco precisas, de maneira que é um risco muito grande. Os astronautas, para fixar o ponto final de sua hipotética viagem devem, antes de mais nada, saber de muitos fatores de arrisco em tal façanha. Naturalmente, um trabalho científico imenso foi dedicado à observação dos planetas do sistema solar, procurando-se chegar às deduções mais aproximadas possiveis, sôbre o que se passa nestes planetas. A astronomia fornecerá aos cientistas interplanetários a pósição exata do planeta escolhido, e em cada instante da viagem, dar-lhes-á a velocidade de libertação para poder escapar da gravidade terrestre; a velocidade de rotação; o comportamento dos gáses na atmosfera rarificada, etc. Mas, os astronautas não poderão contar com outras informações necessárias, sendo destarte obrigados a se prepararem para qualquer eventualidade, afim de não serem surpreendidos pela ausência de água ou oxigênio; altas temperaturas; furacões; perigosos micro-organismos, etc.

O planeta mais próximo da terra é a Lua — distante apenas 384.000 quilômetros. Talvez por isso, seja mais prudente escolher a lua para a nossa primeira incursão no espaço interplanetário. Graças à pequena distância, a lua também é melhor conhecida dos astronomos, que os outros corpos celestes. Naturalmente, uma viagem a Marte seria mais interessante para investigadores, e permitiria verificar, definitivamente, o verdadeiro boato da existência de marcianos, tão propagados nos romances de Wells, e também pela famigerada radiodifusão de Orson Welles, que aterrorizou milhões de rádio ouvintes nos Estados Unidos, há pouco, tamanho foi o realismo emprestado pelo locutor a uma imaginária invasão de marcianos. Os dois senhores «W» despertaram forte curiosidade por parte de milhões de homens, sobre o que se passa no planeta Marte. Além da questão dos lendários marcianos, outra questão interessante são os canais de Marte. A hipótese da existência de verdadeiros canais inteligentemente construidos, tornou-se também lendária. Assim é que ainda resta a questão da vegetação marciana que, segundo numerosos cientistas, existe realmente, mas apenas sob a forma de primitivas espécies de musgos. Os últimos resultados obtidos em estudos do planeta Marte, do ponto de



vista da existência ou não de vida, testemunham que, graças à ausência de oxigênio na atmosfera, esta, sendo composta principalmente de gáses inértes, como o nitrogênio, além de uma pressão atmosférica muito pequena — os marcianos, se existirem, podem se esconder no interior do planeta, em grutas subterrâneas, à profundidade de alguns quilômetros, o único lugar onde talvez haja bastante pressão para um nosso semelhante viver, recolhendo lá também um pouco de oxigênio na forma de ozona».

Naturalmente, também Vênus foi bastante considerado como objetivo, e é quase do mesmo tamanho que a Terra, mas é constantemente encoberto por nuvens, impossibilitando qualquer investigação mais detalhada quanto ao que se sucede em sua superfície. Pensam os astronomos, que eventuais astronautas poderão encontrar neste planeta toda uma gama de climas. Mas, apesar das nuvens, não se acredita na existência de oxigênio em sua atmosfera. Porém, já seria alguma coisa se a primeira astronave, uma vez construida, fizesse uma incursão à Lua. Se não houver grandes dificuldades na viagem, ainda teremos a questão da volta à Terra, que talvez seja bem difícil. Será realmente pouco interessante ir à Lua, sem poder voltar para contar o que viu por lá... Talvez, graças à alguma nova invenção, possamos entrar em contato com um habitante da Lua... Apesar de todos os projetos ainda há muitas questões a serem resolvidas antes da partida para a Lua. Pode se imaginar também que a questão das dificuldades sobre a volta poderão desencorajar muitos dos cientistas, cuja vida é mais útil aqui na terra... O projeto de viagem de astronavegação é tomado sériamente nos Estados Unidos, onde já se discutiu o envio do foguete REX (abreviação de Rocket, experimental, escape), hoje abandonado. Este projeto previa o envio de um foguete de cinco andares, de 40 metros de comprimento e quatro de diâmetro. Por meio deste aparelho, um único passageiro poderia ir à Lua, mas não poderia voltar. Graças ao radar, será possivel pesquisar a superfície da Lua com toda a segurança. Todavia, ainda não estão completas as experiências que permitirão explorações de maneira detalhada. Mas, em nosso dias, tudo pode esperar-se: O rápido desenvolvimento da ciência poder-nos-á trazer um dia a possibilidade de explorar o cosmos. Nossa Terra tornou-se estreita, as distâncias diminuiram, e talvez a energia atômica resolverá o problema do combustivel. A astronáutica, que é frequentemente taxada de «divertimento inofensivo», poderá algum dia transformar-se de quimera em realidade... (IPA).



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Bondes grátis (João Alvarênga) 5/7
Evoluiu o teatro de revista? (Sabino Canalini) 14/17
Zizinho — o dono da pelota Carlos Tenório) 22/25
As forças de Jupiter nas mãos do homem 28/33

LITERATURA

Um voto secretíssimo (Renato de Alencar) 3
Semana Literária (Renato de Alencar). 40/41
A vida de Florence Nightingale (Henry Dana — Lee Thomas). 12
Pedro chaveiro sem barbas (Moysés Duek). 26
Perigosa Aventura (Lysa Castro). 36

ATUALIDADES

O fenômeno Giuliano (João Teles). 51/53
Astronáutica (Bertrand Aubry). 58

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista....... 4
Personagem da Semana...... 4
Puxe pelo cérebro 11
Música (Roberto Lyra Fº).. 46
A Saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 47
Correio da Revista 48
Palavras Cruzadas 49
Tudo isto aconteceu 55/57

TEATRO

A temporada do Ballet de Monte Carlo (Jonald) 20

FOLHETIM

Salva pelo amor 42

HUMORISMO

Vida Nova (Theo) 10
Camas Separadas (Nicodemus). 27

FEMININAS

Modelos Variados 37
Sugestões de Lizabeth Scott 38/39
Week-End na Cozinha....... 44/45

ILUSTRAÇÃO

Orlando Mattos

BONECOS:

Rafael

FOTOS:

Arnaldo Vieira — Sabino Canalini — Carlos Tenório — Avulsas.

★

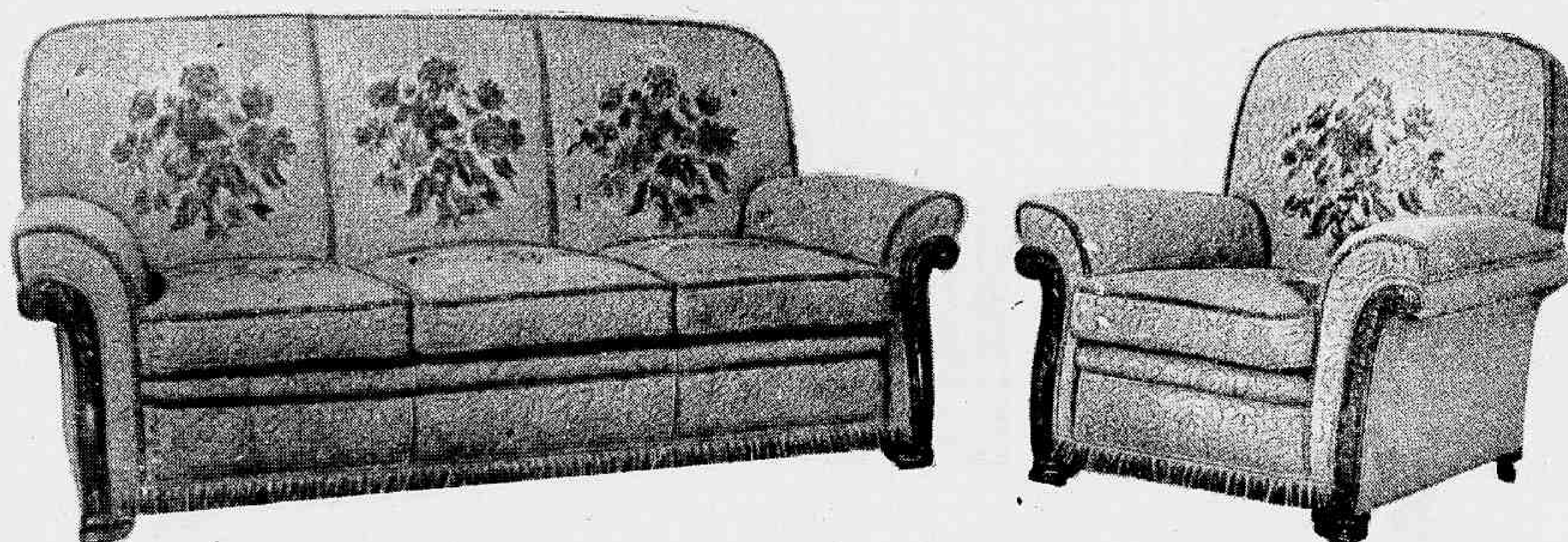
NA CAPA:
JANIS CARTER
(Foto Columbia)

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Lucile-Aurore Dupin (George Sand)
2 — Os fenícios
3 — Keijo
4 — Cerca de 23 milhões
5 — O das pestanas (cílios)
6 — Oftalmoplegia
7 — Lamarck
8 — Bartolomeu Dias
9 — Da ilha da Madeira
10 — S. Vicente (S. Paulo)
11 — 1580
12 — Guerra separatista
13 — O século XVI
14 — Espanha
15 — Com a Holanda
16 — Na Bahia (1624)
17 — Franz (vindo com Maurício de Nassau)
18 — Do Maranhão a Sergipe Rio S. Francisco)
19 — Vila de S. Cristóvam, Sergipe
20 — Marco Polo.

GRUPOS E POLTRONAS

ESPECIALIDADE DAS NOSSAS OFICINAS

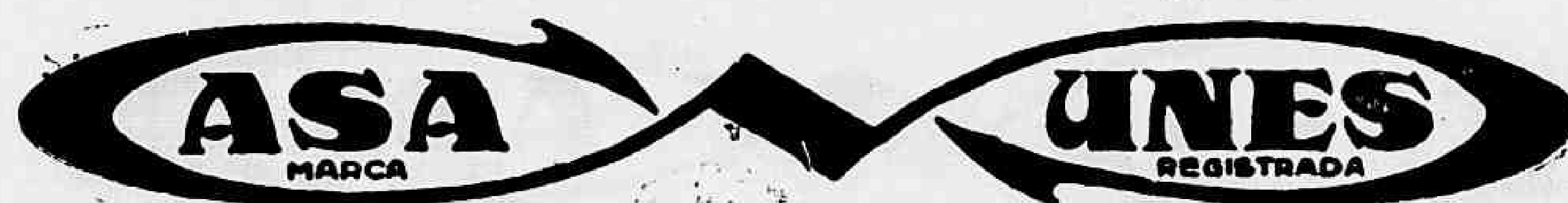


COURO
DAMASCO
GOBELINS
SCHINTZ
LINHO
ETC.





MOVEIS E DECORAÇÕES



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

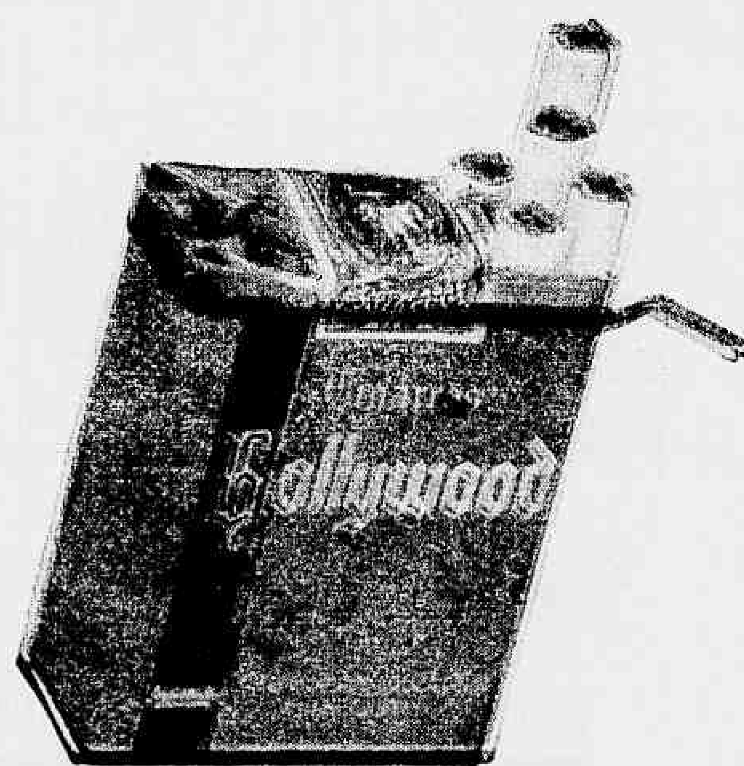
No Grande Hotel, em Guarujá, paraíso de férias da sociedade paulista.

Fugindo do borborinho da Capital, a sociedade paulista encontra em Guarujá a atmosfera ideal para as férias ou para um week-end... Em Guarujá, e onde quer que se reunam pessoas de bom gosto, V. encontrará Hollywood, o cigarro que é uma tradição da sociedade brasileira. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados deram a Hollywood esta extraordinária reputação — e V. simplesmente não pode deixar de pertencer ao grupo elegante dos que fumam Hollywood.

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto



Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

H-88.059